



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
CAMPUS IV – MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ELAINE SANT ANTONIO

**POESIA PARA SER DITA EM VOZ ALTA: UMA PROPOSTA DE
LETRAMENTO COM *SLAMS* DE AUTORIA FEMININA**

MAMANGUAPE

2021

ELAINE SANT ANTONIO

**POESIA PARA SER DITA EM VOZ ALTA: UMA PROPOSTA DE
LETRAMENTO COM *SLAMS* DE AUTORIA FEMININA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Moama Lorena Lacerda Marques.

MAMANGUAPE

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A635p Antonio, Elaine Sant.

Poesia para ser dita em voz alta: uma proposta de letramento com slams de autoria feminina / Elaine SantAntonio. - Mamanguape, 2021.
150 f. : il.

Orientação: Moama Lorena Lacerda Marques.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAÉ.

1. Poesia. 2. Slam. 3. Autoria feminina. 4.
Interseccionalidade. I. Marques, Moama Lorena Lacerda.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

ELAINE SANT ANTONIO

**POESIA PARA SER DITA EM VOZ ALTA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO
COM *SLAMS* DE AUTORIA FEMININA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 28 de abril de 2021.

Banca Examinadora

Moama Lorena de Lacerda Marques

Profa. Dra. Moama Lorena Lacerda Marques
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Ana Patrícia Frederico Silveira

Profa. Dra. Ana Patrícia Frederico Silveira Instituto
Federal do Sertão Pernambucano (IFSERTÃO-PE)

*Ao Universo,
pelo divino de suas manifestações.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à vida, por permitir estar diante do trabalho constante com saúde e esperança.

A toda rede de afetos e apoiadores dos meus projetos, pelo privilégio da partilha em meio a estes tempos tão lúgubres.

Aos professores e às professoras do PROFLETRAS/UFPB, Campus IV, por todo trabalho desenvolvido e inspiração constante.

Às coordenadoras Profa. Dra. Laurênia Souto Sales e Profa. Dra. Marineuma de Oliveira Cavalcanti, pelo suporte a cada situação de necessidade.

À orientadora Prof.^a Dra. Moama Lorena Lacerda Marques, por conduzir todo o processo com sabedoria, responsabilidade e admirável generosidade.

Entoa a canção...
Harmoniza os passos descompassados Pulsam:
a voz, a vida e a rima
As crianças ouvem o silêncio das palavras
Os homens insultam os gritos das crianças
As mulheres desejam os silêncios e os gritos
(...)

(Elizandra Souza)

RESUMO

Este trabalho compreende uma proposta de prática pedagógica que tem por objetivo geral contribuir para a promoção do letramento literário. Por meio de oficinas de leitura, a antologia *Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta* embasará a proposta de mediação. Organizada por Mel Duarte (2019), a referida antologia traz à tona o poder e a representatividade das vozes de 15 poetas de diferentes regiões do país. A interseccionalidade é compreendida na obra a partir dos diferentes níveis, estruturas e formas de opressão identificadas nas vivências das vozes líricas femininas. Assim, esta abordagem revela-se como poderosa forma de mediação, a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula. Para tal, nos apoiaremos nas contribuições de Akotirene (2018), Crenshaw (1989; 2002); Berth (2019), Ribeiro (2017). A fim de embasar a discussão sobre letramento e pensar literatura como elemento transformador, adotamos como fundamentação os pressupostos de Candido (1995; 2002; 2006), Cosson (2014), Dalvi (2013), Soares (1998), Souza (2011) e Zappone (2008). Já os estudos de D'alva (2011, 2019), Alves (2007; 2012) e Zumthor (2007) embasam as questões acerca da poesia, poesia falada e performance. Para o desenvolvimento do caderno de atividades, tomaremos como fundamentação a sequência básica de Cosson (2014). Em termos de resultados, esperamos contribuir para ações nas quais o desenvolvimento da capacidade de usar efetivamente a linguagem diante da compreensão e produção de textos sejam presentes. Além delas, ações que mobilizem pensar a escola/sala de aula como organismo vivo, flexível e democrático para poesia, acionando as suas funções: estética, humanizadora e social.

Palavras-chave: Letramento. Poesia. *Slam*. Autoria feminina. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This work comprises a proposal for pedagogical practice that has the general objective of contributing to the promotion of literary literacy. The anthology *Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta* will support the mediation proposal. Organized by Mel Duarte (2019), this anthology brings out the power and representativeness of the voices of 15 poets from different regions of the country. The intersectionality is understood in the work from the different levels, structures and forms of oppression identified in the experiences of female lyrical voices. Thus, this approach proves to be a powerful form of mediation, in order to understand its plausibility and importance for the emergence of a feminist epistemology that is very useful for understanding the poetry of female authorship that we intend to take to the classroom. For this purpose, we will rely on the contributions of Akotirene (2018), Crenshaw (1989; 2002). We support the discussion on literacy and think literature as a transformative element in the assumptions of Candido (1995; 2002; 2006), Cosson (2014), Dalvi (2013), Soares (1998), Souza (2011) and Zappone (2008) as a basis. The studies by D'alva (2011, 2019), Alves (2007; 2012) and Zumthor (2007) support the questions about poetry, spoken poetry and performance. For the development of the activity notebook, we will use the concept of basic sequence Cosson (2014) as a basis. In terms of results, we hope to contribute to actions in which the development of the ability to use language effectively in the face of comprehension and production of texts is present. In addition to this, actions that mobilize thinking of the school /classroom as a living, flexible and democratic organism for poetry, activating its: aesthetic, humanizing and social functions.

Keywords: Literacy. Poetry. *Slam*. Female authorship. Intersectionality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. LEITURA, LETRAMENTO E POESIA NA ESCOLA.....	14
1.1. Leitura: Questões iniciais.....	14
1.2. Letramento literário e o lugar da poesia.....	24
2. SOBRE O <i>SLAM</i> DE AUTORIA FEMININA E A CATEGORIA DA INTERSECCIONALIDADE	28
2.1. Apresentando o gênero.....	28
2.2. A interseccionalidade e a poesia <i>Slam</i>	35
2.2.1. Sobre a interseccionalidade: discussões teóricas	36
2.2.1 Sobre a interseccionalidade na obra <i>Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta</i>	43
3. SEQUÊNCIA DE TRABALHO: AS OFICINAS TEMÁTICAS E A MEDIAÇÃO DA POESIA.....	53
3.1. Boas-vindas.....	55
3.2. OFICINA 1: Poesia é palavra ilimitada	56
3.3. OFICINA 2: não serei anônima	61
3.4. OFICINA 3: Contracorrente é bem mais difícil	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS.....	81
LISTA DE QUADROS.....	95
Quadro 1.....	95
Quadro 2.....	98
Quadro 3.....	101
Quadro 4.....	104
PROPOSTA PEDAGÓGICA	109
Caderno de Atividades “Poemas para serem lidos em voz alta: mediando versos em sala de aula”	109

INTRODUÇÃO

Ler compreende uma postura de transformação. Em uma perspectiva crítica, a leitura promove o desenvolvimento de habilidades que levam à apropriação e ao uso efetivo da linguagem, conduzindo ao conhecimento e ao desenvolvimento social, cultural, econômico e político de uma sociedade.

Contribuir para o desenvolvimento da capacidade de usar efetivamente a linguagem diante da compreensão e produção de textos é uma das disposições da educação escolar, tanto por meio de gêneros que circulam na esfera protocolar a partir de mediações que são objeto de estudos próprios da aula de língua portuguesa, por exemplo, quanto por meio de processos das situações de letramento, que ultrapassam o eixo institucional.

Para além de escola, espaço institucional privilegiado de ensino/formação, a sala de aula compreende um organismo vivo, no qual o papel social pensado aqui ao professor(a), diz respeito a mediar, afastando-se de uma estrutura quantitativa. E o estudante na escola é um sujeito com vivências, leituras e possui uma bagagem cultural pertencente a um determinado grupo, o qual vai utilizar na sua vida social cotidiana, desde objetos concretos a conceitos, mas também os modos de operação acerca de todo este material.

Sendo assim, ao considerar o estudante/leitor como sujeito/indivíduo faz-se necessário pensar numa concepção de aprendizagem de modo que esta atue rumo ao encontro da análise dos reflexos do mundo exterior no interior dos indivíduos, por meio da interação deles com a realidade. Em vista disso, podemos observar em sala de aula os entraves nos processos de ensino, pois recorrentemente nos deparamos com barreiras que são estruturais.

Esses obstáculos revelam o evidente fato de que numa sociedade constituída por meio de processos de exclusão, discriminação e preconceito, torna-se urgente pensar em formas de atuação a partir do lugar de mediadora. Nessa perspectiva, é necessário dispor-se diante de um molde racista reconhecendo-se parte desse sistema.

Apropriar-se da linguagem construída pela humanidade é um direito de cada sujeito. Em se tratando de um processo de letramento, tomamos como letrada a pessoa que emprega a linguagem no seu cotidiano em situações comunicativas e contextos diversos, de forma efetiva a partir e de acordo com as práticas e demandas sociais. Nesse sentido, realizar leituras, compreender e organizar discursos e reflexões, apropriando-se deles; pois mediar a diversidade de leituras revela a multiplicidade do ler.

Diante disso, ao considerar diferentes tipos e níveis de letramentos, decorre ser indispensável refletir sobre as variantes que se estabelecem na apropriação da leitura e da escrita em diferentes campos.

Tendo em vista o ato da leitura como prática social, estruturamos este trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo abordamos questões gerais de leitura, bem como a instituição escolar como um espaço privilegiado de formação; discutimos ainda acerca da leitura literária e a função da literatura como elemento transformador, entendemos, então, que a leitura partilhada do texto poético compreende uma relação efetiva e afetiva com a arte literária, acionando as suas funções estética, humanizadora e social.

No segundo capítulo, debatemos sobre as potencialidades da poesia *slam* que, ressignificadas pela contemporaneidade, dialogam com a poesia de protesto na construção de imagens e força de atuação da palavra. Tomamos a interseccionalidade como uma poderosa forma de mediação de leitura, a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula. A abordagem da interseccionalidade é compreendida na obra *Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta por diferentes nuances estruturas identificadas nas vozes líricas femininas*.

No terceiro capítulo, apresentamos considerações sobre a sequência de trabalho de modo a (re)pensar a tornar o texto poético mais presente e valorizado em sala de aula. Entre os fundamentos apresentados, utilizamos as indicações do professor José Hélder Pinheiro Alves (2007), as quais considera atitudes, cuidados e condições como elementos indispensáveis. Ressaltamos a relevância da realização oral do texto entendendo ser esta uma prática que mobiliza as vozes dos leitores/estudantes e aproxima ainda mais a poesia da performance.

Por fim, apresentamos o Caderno de Atividades, proposta de mediação elaborada e direcionada para os anos finais do ensino fundamental, em que buscamos apresentar o letramento literário como um processo de identificação da literatura enquanto experiência humana, construtiva e universal.

A referida proposta de mediação com a poesia *slam* remete as potencialidades da poesia falada na construção de significados aliada à relação entre poeta e público/leitor e ao cenário democrático e diversificado da expressão poética nas batalhas de poesia. Evidencia-se assim, a multiplicidade do texto poético e nesse sentido, a mediação de *slams* busca amenizar a possível

distância entre leitor literário e texto poético – e a ideia de sacralização que a poesia possa ter adquirido, seja nas aulas de língua portuguesa na educação básica ou ao longo de sua formação leitora.

Posto isso, acreditamos que com a leitura de poesia *slam* de autoria feminina atende bem a esse processo, fazendo com que, na formação de leitores, os alunos e as alunas entrem em contato com um contexto de circulação dos textos literários que não está restrito ao papel e exprime fortemente as subjetividades.

Neste sentido, o proposto caderno de atividades tem a intenção de mediar a leitura de poesia em sala de aula, promovendo meios/espços para a experiência literária e expressão; apresentamos uma metodologia que utilizou reuniões presenciais/remotas para realizar as leituras partilhadas, as realizações orais dos poemas, as performances, as rodas de conversa e outras abordagens; sempre atentos às estratégias de ensino que melhor se adequem ao momento no qual a sociedade está vivenciando.

1. LEITURA, LETRAMENTO E POESIA NA ESCOLA

Neste capítulo, abordamos questões gerais de leitura, bem como a instituição escolar como um espaço privilegiado de formação; discutimos ainda acerca da leitura literária e a função da literatura como elemento transformador.

1.1. Leitura: Questões iniciais

Ler compreende uma postura de transformação. Numa perspectiva crítica, a leitura promove o desenvolvimento de habilidades que levam à apropriação e ao uso efetivo da linguagem, conduzindo ao desenvolvimento e conhecimento social, cultural, econômico e político de uma sociedade. Para o educador Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2006, p. 19-20).

No que se refere a leitura atrelada à concepção de linguagem como expressão do pensamento, o texto é um produto do pensamento do autor. Koch e Elías afirmam que:

A leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos socio-cognitivo interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções. (KOCH; ELIAS, 2011, p. 10).

Entendendo o ler como prática social, faz-se necessário pensar sobre quais situações de leituras estão sendo mediadas na escola, tendo em vista a instituição escolar como um espaço privilegiado de formação e os tipos de letramento. Em vista disso, de acordo com Zappone, temos que:

A escola tem como uma de suas metas principais o desenvolvimento de capacidades individuais relacionadas ao codificar e decodificar da língua e não volta sua atenção para os modos como essas práticas podem fazer sentido na vida de seus alunos, o que transformaria a leitura e a escrita em atividades muito mais significativas para os estudantes. (ZAPPONE, 2008, p. 50-51).

Dessa forma, contribuir para o desenvolvimento da capacidade de usar efetivamente a linguagem diante da compreensão e produção de textos é uma das disposições da educação escolar, tanto por meio de gêneros que circulam na esfera protocolar a partir de mediações que são objeto de estudos próprios da aula de língua portuguesa, por exemplo, quanto por meio de processos das situações de letramento, que ultrapassam o eixo institucional.

Para tornar mais compreensível a discussão sobre a ideia de letramentos, Magda Soares (1999) em *Letramento: um tema em três gêneros* apresentou que o conceito de letramento começou a ser inserido a partir do momento em que falar em alfabetização tornou-se insuficiente. Para a autora:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, assumi-la como sua “propriedade”. (SOARES, 1999, p.39).

Apropriar-se da linguagem construída pela humanidade é um direito de cada sujeito. Nesse sentido, em se tratando de um processo de letramento, tomamos como pessoa letrada a que se apropria da linguagem no seu cotidiano, em diversas situações comunicativas e contextos, e que lance mão da linguagem e a utilize, de forma efetiva, a partir e de acordo com as práticas e demandas sociais. Desta maneira, compreender texto e contexto no qual estão os sujeitos inseridos, apropriando-se deles; mediar a diversidade de leituras revela a multiplicidade do ler.

Diante disso, faz-se fundamental promover junto aos estudantes além da leitura, a dimensão de texto e contexto, tendo em vista torná-los capazes de codificar e decodificar o sistema de uso da língua, uma vez que a leitura, de acordo com Soares (1999, p.48), “é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa”, ou seja, até a assimilação da mensagem escrita.

Ainda conforme Zappone (2008, p. 52), partindo do entendimento de letramento como “o conjunto de práticas sociais que usam a escrita como um sistema simbólico, e que a usam dentro de padrões tecnológicos para finalidades específicas e em contextos específicos”, pode ser oportuno pensar o conceito de letramento no campo dos estudos literários, desde que a escrita seja “compreendida dentro das especificidades concernentes aos textos literários” .

Nessa perspectiva, ao considerar os diferentes tipos e níveis de letramentos, faz-se importante provocar reflexão sobre as variantes que se estabelecem na apropriação da leitura e

da escrita em distintas áreas. Do mesmo modo, quando falamos em promover práticas de letramento digital diante das demandas sociais da tecnologia, globalização e segurança da informação, cabe aqui ressaltar a relevância do ensino de literatura como experiência humana, universal e agregadora.

Pensando a escola, especialmente, a aula de língua portuguesa como espaço de desenvolvimento de leitura, o letramento literário possui uma configuração especial no cenário escolar, pois retrata meios/espços destinados à leitura literária. Torna-se importante destacar que muitos estudantes leem de forma mais assídua na escola e é no contexto escolar que muitos estreitam contatos com a leitura literária. Sobre o fato de que a literatura continua a passar por um processo de escolarização, por meio da leitura, Soares (1999) refere ao conceito de “escolarização da leitura literária”. Para a autora, se a leitura literária está na escola, passa, então, por um processo de escolarização.

Cosson (2014, p. 27) traz a ideia de bom leitor, quando este “agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”. Nesse sentido, observamos a pluralidade das manifestações artísticas culturais que circulam socialmente para que nos sejam objeto de estudo literário. Corroborando com esse pensamento, Zappone nos diz que:

Se o letramento literário pressupõe práticas que usam a escrita literária, pensada como um gênero de discurso que pressupõe a ficcionalidade como traço principal, é possível observar letramento literário em inúmeros outros espaços que não apenas a escola. Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a internet, a contação de histórias populares, de anedotas etc. [...] alguns usos sociais poderiam ser assinalados por: 1) adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, 2) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzida por críticos ou pela academia, 3) pela leitura de textos não canônicos sobre os quais pouco se sabe ainda hoje (leitura de romances cor-de-rosa, por exemplo, leitura de best-sellers e outros textos ficcionais que são estão à margem do letramento literário escolar etc.) [...] 4) a apropriação de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, [...] tais como matérias jornalísticas, depoimentos etc.

[...] Como as práticas de letramento e, conseqüentemente, as práticas de letramento literário são “enformadas”, padronizadas ou determinadas pelas instituições sociais e pelas relações de poder, nota-se que há formas de letramento mais dominantes, mais valorizadas e influentes do que outras. No caso da literatura, é evidente que as práticas de letramento literário realizadas no espaço escolar são as mais visíveis e valorizadas.

[...] O letramento e o letramento literário são historicamente situados. [...] Significativo para a compreensão dos diferentes letramentos seria verificar os elementos, situações e contextos que os determinam, tais como nível de escolaridade dos indivíduos, formas de exposição ao escrito, valorização do

escrito, enfim, um conhecimento das orientações de letramento de diferentes grupos sociais que podemse distinguir por relações culturais, econômicas, étnicas, de gênero etc (ZAPPONE, 2008, p. 53-54).

É preciso, então, experienciar que a literatura está viva. Em A literatura em perigo, o perigo mencionado por Todorov diz respeito ao texto literário; o teórico reivindica que o texto volte a ocupar o centro do ensino de literatura, enfatizando que a experiência da leitura deve preceder as análises críticas que adjetivam as obras e correm o risco de afastar o leitor (TODOROV, 2009). O que confronta a visão, em âmbito organizacional, da literatura ainda ser tida como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, “quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio”, conforme Cosson (2014, p.10).

Nesse sentido, emerge a necessidade de pluralizar leituras e essa urgência torna-se função da educação básica; não só uma atividade, muitas vezes, vista como própria da aula de língua portuguesa. Mas mais ações e espaços destinados à literatura, pois não é difícil encontrar o texto literário sendo colocado sob extremos: uma análise conteudista e sistematizada do texto e até sacralizada, ou como função secundária ou recreativa, por exemplo. Seja num estudo pontual/temático ou em atividades de leitura, obras literárias acabam tornando-se objeto secundário, onde muitas vezes a experiência com literatura fica restrita às questões específicas de leitura para fins de exames, na perspectiva da educação bancária. Sob essa ótica, Cosson aponta que “seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, [...] a literatura não vem sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2014, p. 23).

Dessa maneira, recorreremos ao letramento literário, pois assim como outros processos de letramento, ele é fruto da apropriação de práticas sociais de leitura e de escrita, que não se limitam à escola, mas podem começar e precisam se desenvolver nela. O que irá conduzir o texto a ocupar o centro do ensino de literatura e levar em consideração a experiência com o texto literário, distanciando do texto o enfoque conteudista, de modo que a experiência texto e leitor não se afastem.

Ainda, segundo Todorov (2009), a obra literária ajuda à “encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo”. (TODOROV, 2009, p. 33). Assim, reconhecemos a função humanizadora, defendida por Candido, por meio dos elementos estéticos do texto literário, pois "o conteúdo só atua por causa da forma, e a

formatra em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido a coerência mental que pressupõe e que sugere" (CANDIDO, 1995, p. 178).

Diante destes apontamentos, nos perguntamos: que espaço tem a leitura literária na educação básica; especialmente o texto poético, sobretudo na aula de língua portuguesa nas turmas dos anos finais do ensino fundamental?

No texto da Base Nacional Comum Curricular, uma das Dez Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental aponta para o reconhecimento do potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura a partir de:

Práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento. (BNCC, 2018, p. 85).

Da mesma forma, as Diretrizes Operacionais da Rede Estadual de Educação da Paraíba no texto “Dos Anos Finais do Ensino Fundamental” apontam para a necessidade das instituições de ensino dialogarem com a diversidade de formação e vivências dos/as estudantes. E indicam que:

Nessa fase de ensino, os/as estudantes devem retomar e ressignificar as aprendizagens da primeira fase, nas diferentes áreas, com vistas ao aprofundamento e ampliação do seu repertório de conhecimentos. Durante esse período, os/as estudantes estão entre a infância e a adolescência, passando por mudanças de correntes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Dessa forma, é preciso considerar que tais mudanças implicam compreender o/a adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares capazes de atender às suas necessidades e diferentes modos de inserção social. (PARAÍBA, p. 33, 2021).

Desta maneira, não volta-se como objeto deste trabalho, então, questões pontuais de leitura ou atividades literárias sob o molde historiográfico. Mas o aprofundamento e ampliação do repertório de conhecimentos dos discentes. De acordo com Dalvi, o ensino de literatura:

Precisa ir além de ensinar a ler textos literários. É necessário defrontar o sujeito com a complexidade (cultural, social, histórica, econômica...) das práticas atinentes ao literário, para que o próprio sujeito possa entender que literatura não se reduz à escrita e à leitura de obras. (DALVI, 2013, p. 25).

Nessa perspectiva, o texto diz respeito às experiências. E é preciso além de conquistar um espaço para a leitura de poesia, criar um novo caminho para o seu desenvolvimento crítico, atentando-se para as suas manifestações. Sobretudo, o texto literário é considerado um

importante instrumento de expressão humana. Conforme justifica Candido (1995) ao referir-se à função humanizadora da Literatura como:

Necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade. (CANDIDO, 1995, p.46).

Para além do conteúdo curricular escolar que se reestrutura, molda e é compartilhado por várias formas de expressão e de produção de conhecimento, a literatura é entendida como condição universal humana e, nesse sentido, intrínseco objeto de ensino.

Ainda segundo as orientações curriculares nacionais, o ensino de literatura nas séries do Ensino Fundamental pode ser caracterizado por um viés analítico e mais aberto do ponto de vista do currículo, visto que há uma gama indistinta entre a literatura infantil e juvenil e a literatura considerada canônica, já no ensino médio este volta-se, consideravelmente para a perspectiva historiográfica. Torna-se também, então, importante para o trabalho de mediação do texto literário pensar o ensino de literatura à luz de documentos norteadores, discutindo o que está sendo disposto para o Ensino Fundamental, especialmente acerca da literatura como elemento formativo escolar na trajetória da educação básica.

Na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a estrutura curricular é dividida em: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e Ciências Humanas. O ensino de literatura faz parte da área de Linguagens e tem como campo de atuação: o campo artístico-literário. Os “campos de atuação” são as áreas de uso da linguagem, na vida cotidiana. A exemplo: no campo de atuação jornalístico/midiático, os textos dizem respeito à esfera da transmissão de informações, da comunicação, da intenção de "vender" um produto/ideia etc. Para isso, a BNCC leva em conta os campos da vida cotidiana; da vida pública; das práticas de estudo e pesquisa e artístico/literário. No campo de atuação artístico-literário, o uso da língua está voltado à produção e à leitura de contos, romances, peças de teatro, poemas. Nesse caso, trata-se de gêneros textuais e usos da linguagem com predominância da atuação artístico-literária.

O campo artístico-literário objetiva, de forma particular, a valorização dos textos literários, proporcionando a fruição. As práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades desse campo específico envolvem a formação do leitor literário, potencializando o valor humanizador, transformador e mobilizador da literatura. Vejamos, abaixo, as competências de linguagens previstas na BNCC para o Ensino Fundamental:

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BNCC, 2018 p. 63).

No texto destinado às Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental do texto, a BNCC não faz menções claras ao ensino de literatura, porém, seguramente podemos entender que ela está subjacente nas competências referenciadas. Torna-se perceptível também que o texto se distancia de orientações que coloquem a literatura em patamar de evidência, onde o texto literário seja centro da experiência e do processo.

No trecho que dispõe as Competências Específicas de Língua Portuguesa a serem desenvolvidas no Ensino Fundamental, temos que:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia,

fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BNCC, 2018 p. 85).

Neste fragmento, a literatura literária é apresentada, reconhecendo o potencial transformador e humanizador do contato com ela como um elemento artístico-cultural que pode propiciar o desenvolvimento do senso estético para a fruição. Outro ponto a considerar é que o texto da BNCC, ao organizar um eixo de Educação Literária com as unidades temáticas: categorias do discurso literário; reconstrução do sentido do texto literário; experiências estéticas”; o texto literário no contexto sociocultural; interesse pela leitura literária; coloca o ensino de literatura em outra condição. Vejamos:

Não se trata, pois, no eixo Educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. Além disso, se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos. (BNCC, 2018, p. 88, grifo nosso).

Ao promover este deslocamento, o documento sinaliza o fato de que ler textos literários (apreciação/fruição) seria suficiente para gerar as experiências necessárias para a formação do

leitor literário, o que se faz em meio a um processo de letramento. Ainda, quando insere no eixo “Leitura” os textos classificados como não literários, propõe uma ruptura na construção dos conhecimentos. Diante disso, temos que:

A literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagens: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra, [...] sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; [...] por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (COSSON, 2014, p.47).

Em conformidade com o que Candido apresenta em *A literatura e a formação do homem*, é possível compreender literatura como meio pelo qual se comunica e produz conhecimento. Sendo assim, “a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos” (CANDIDO, 2002, p. 85).

De acordo com o documento, as escolhas entre autores e obras devem ser feitas sem deixar de considerar o sentido principal do trabalho com a literatura: a formação de leitores literários. Em relação ao cânone, mesmo considerando os clássicos e seu poder de formação, a escolha precisa estar aberta às diversas expressões e perceber o poder da palavra em outros discursos e contextos de produção. Para tal, os textos literários têm diversos espaços e dimensões para serem explorados para além de forma, conteúdo e tradição canônica. Para Candido:

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção. De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de conferência, gerada pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. (CANDIDO, 1995, p.177).

Ainda, quando a BNCC dispõe acerca do componente curricular Língua Portuguesa, o documento propõe quatro grandes eixos: leitura/escuta; produção (escrita e multissemiótica); oralidade; análise linguística/semiótica (reflexão sobre a língua, normas-padrão e sistema de escrita). “Leitura” compreende práticas de linguagem que decorrem da interação entre o leitor, o texto escrito e sua interpretação, sendo exemplos as leituras para fruição estética de obras literárias. O eixo “Escrita” diz respeito a práticas de linguagem relacionadas à interação e à

autoria do texto escrito, que tem por finalidade, por exemplo, expressar a tese em um artigo de opinião, escrever um bilhete, relatar uma experiência vivida, registrar rotinas escolares, regras e combinados, registrar e analisar fatos do cotidiano em uma crônica, descrever uma pesquisa em um relatório, registrar ações e decisões de uma reunião em uma ata, dentre outros. “Oralidade” compreende práticas de linguagem que ocorrem em situação oral ou de sinalização – no caso das estudantes e dos estudantes surdos, oralizados ou não, que têm na Libras sua primeira língua – com ou sem contato face a face, como, por exemplo, aula dialogada, recados gravados, seminário, debate, apresentação de programa de rádio, entrevista, declamação de poemas, contação de histórias, dentre outras. Por fim, o eixo “Conhecimento sobre a Língua” reúne objetivos de aprendizagem sobre conhecimentos gramaticais, em uma perspectiva “funcional”, fazendo referência a regras e convenções de usos formais da língua que darão suporte aos eixos da leitura, escrita e oralidade.

Assim, ao retomar ensino de literatura, faz-se necessário pensar repertórios, gêneros e mediação que privilegie a produção colaborativa e o cruzamento de artístico cultural de saberes. Da mesma forma, é indispensável pensar que a escola, enquanto organismo vivo, compreenda a literatura como experiência humana, universal e agregadora.

Então, para ressignificar o relacionamento com texto poético e ensino de literatura torna-se preciso estabelecer outras relações com as práticas leitoras/de mediação. Desse modo, revela-se necessário fomentar e incorporar leituras de maneira mais efetiva e afetiva, especialmente acerca do texto poético, de modo que “o estudo da poesia apresenta certas dificuldades especiais, porque no universo prosaico o meio de expressão nos parece mais próximo da linguagem cotidiana e nós nos familiarizamos com ele” (CANDIDO, 2006, p.17).

Nesta perspectiva, evidencia-se a multiplicidade do texto poético para o desenvolvimento dos processos de letramentos, a natureza do objeto desta construção. Enquanto gênero literário, o poema é objeto na arte literária, linguagem que permite ao sujeito tecer as diversas práticas comunicativas de vida em sociedade, fazendo conhecer-se, conviver; a poesia é objeto na arte literária que mobiliza diversas materializações de pensamentos, reflexões, estados, fazendo conhecer o que lhe é próprio e também alheio.

Refletindo acerca de experiências de mediadores de leitura em contextos de adversidade, Michèle Petit (2010) ao referenciar Marie-Claude Penloup em *A arte de ler ou como resistir à adversidade* na seção “Adolescentes que escrevem como respiram” nos aponta que:

“[...] é sob a percepção das palavras de um outro, da sintaxe de um outro, da paginação de um outro, que o sujeito que escreve se constrói, mimetizando

com aplicação alguém mais autorizado que ele, emprestando desse outro seu virtuosismo, mas também sua legitimidade” (PETIT, 2010, p. 221).

E também nesta obra, a respeito de uma brasileira que “confeccionou” seu próprio livro num processo de cozimento de folhas recolhidas, a autora considera que “Cada um de nós faz talvez seu próprio ‘livro’, reunindo os fragmentos esparsos de que nos apropriamos, para aí morar. ” (PETIT, 2010, p. 225). E sobre a leitura nestes tempos difíceis, a pesquisadora considera que é possível dizer que o mundo inteiro é “um espaço em crise” e comenta que:

Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem (PETIT, 2010, p. 20-21).

Desse modo, o que esperar da leitura enquanto prática social condicionada aos contextos institucionais? Retomando o que nos diz Candido (1995) sobre o poder desta construção, enquanto construção, através de contribuições que são próprios da literatura e da arte é possível pensar a (re)construção de leituras e sentidos.

1.2. Letramento literário e o lugar da poesia

Em diferentes formas, momentos e contextos o texto poético resiste e reafirma seu valor. E quando nos referimos à função social da poesia, esta implica também na construção de saberes múltiplos, compartilhados e comungados entre os seres. Eliot (1991, p. 29) nos mostra que: “a poesia difere de qualquer outra arte por ter um valor para o povo da mesma raça e língua do poeta, que não pode ter para nenhum outro. ”

A expressão literária, sobretudo a poesia, trabalha a palavra de modo particular. A organização da palavra apresenta-se e leva o leitor, em princípio, a organizar sua leitura; em seguida, organiza-se para ler o mundo. Segundo explica D’Onofrio, (2004, p.27) “a poesia se diferencia da prosa literária pela presença em grau maior dos elementos fônicos, lexicais, sintáticos e semânticos constitutivos da linguagem poética”. E acrescenta:

A poesia não se distingue da prosa literária pela presença da rima (há poemas sem rima), nem do metro (há poemas de metro irregular ou sem metro), nem

do ritmo (a prosa literária também pode ter um ritmo poético), nem da estrofe (como há romances sem divisão em capítulos, assim há poemas sem divisão estrófica) A diferença reside na presença ou não do verso. A palavra verso, do latim *versus*, significa ‘retorno’, ‘volta pra trás’; ao passo que prosa, do latim *prosus*, significa ‘ir pra frente’, ‘avançar sem limites’ (D’ONOFRIO, 2004, p.27).

Por outro modo, Candido destaca que “a poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre” (2006, p.21). Tendo em consideração a multiplicidade do texto poético, torna-se adequado atentar-nos diante da experiência estética e possibilidades de interpretação. Não porque um texto seja melhor/pior ou mais difícil/fácil do que outro, mas porque cada gênero tem sua especificidade e assim compõe seus percursos de leituras.

A forma pela qual a linguagem é trabalhada ou a quebra na regularidade de seus usos são recursos que, intencionalmente, são mobilizados para a produção de sentidos.

Ritmo, rima, versos, subjetividade? Plurissignificação, imagens as mais diversas, tessituras, camadas? O que lemos quando lemos poesia? Para observar todas essas potencialidades, é preciso que o interlocutor leia/experencie tais recursos. Nesse sentido, é possível observar que, quando familiarizada a leitura de texto poético, há de certo modo uma conduta com maior maturidade na condução da leitura de outros textos.

No contexto curricular escolar, a escolha de outros textos em detrimento da poesia pode ocorrer por diversos motivos; desde a ausência material devido à reprodução, muitas vezes, de recursos únicos como o livro didático; atividades com textos, na maioria das vezes, desconectadas sob fragmentos, que desenvolvem procedimentos de leitura e análises gramaticais. Outro aspecto é proporção e até a supervalorização de outros gêneros textuais em relação à poesia, já distanciada, o que corrobora para o apagamento da multiplicidade do texto poético na sala de aula na educação básica.

O texto poético compreendido e mediado como elemento norteador/base/princípio na sala de aula oportuniza ao leitor/estudante um saber tramado pela linguagem poética, pela poesia. Nesse sentido, fomentar a leitura de poesia a mais diversa em sala de aula torna-se um vetor que articula elementos de múltiplas áreas do conhecimento e mobiliza o leitor/estudante oportunizando a manifestação do pensamento e a expressão.

Em *Poesia na sala de aula* (Alves, 2018), o autor chama a atenção para observar alguns aspectos tidos como condições para a leitura do texto poético; ele nos diz que “a leitura do texto poético tem peculiaridades e carece de mais cuidados que o texto em prosa. Contudo, muitas

das condições apontadas como essenciais para a leitura de poesia são também indispensáveis para a leitura literária em geral”. Ainda, no sentido de voltar-se aos procedimentos e cuidados a cada gênero, o autor assinala que “tendo em vista que a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser frita de forma planejada” (ALVES, 2018, p. 21).

Como posto anteriormente, não porque um texto seja melhor/pior ou mais difícil/fácil do que outro, mas porque cada gênero tem sua especificidade e assim compõe seus percursos de leituras. Diante disso, como práticas com poesia em sala de aula consideramos a realização oral de poemas, a partilha da experiência de leitura, organização de antologias e de núcleos temáticos, atividades baseadas em jogo dramático; esta que, segundo o autor, “possibilita um relacionamento com o mundo concreto e com o mundo interior. Aqui, o fluxo da linguagem criativa não se prende a barreiras racionais; antes, entrega-se a um processo de experimentação, de criação constante e coletiva ” (ALVES, 2007, p. 89).

Em relação à ideia de que “estudante não gosta de poesia” Alves (2007), o referido autor evidencia o contrário: estudante gosta, sim, de poesia, a depender da poesia e de que maneira esta é ofertada/mediada; e sinaliza como condição básica para este cenário o universo cultural do leitor/estudante. Deste modo, caberá aos mediadores buscar acessar este cenário de recepção que diz respeito aos leitores a fim de situar as leituras propostas e os horizontes de expectativas. Assim, será possível uma seleção de textos que atenda aos estudantes. Em outras palavras, o autor sugere que o ensino de poesia tenha como horizonte as práticas leitoras dos estudantes.

Para tal, a escolha dos textos poéticos observará os critérios estéticos que o constituem, como por exemplo a composição de sonoridade, imagens simbólicas e linguagem compreendidas, pois, de acordo com Alves (2007, p. 21), “nem sempre se oferecem textos que possibilitem, além do mirar-se naquela experiência simbólica, um alargamento de visão do que está sendo vivido, uma descoberta de outras possibilidades de vivência afetiva”. Ainda para o professor:

Às vezes apenas ler e solicitar que cada aluno retome aspectos que chamaram sua atenção e livremente comentar. Outras vezes, ler mais detidamente, conversar sobre a possível experiência humana que está ali condensada. Um poema como “José”, convida à leitura e releitura e pode ser discutido respeitando-se o horizonte de experiência de leitores jovens. Ainda com Drummond, poderíamos lembrar “A bomba” que, dita num andamento mais rápido, pode ir contaminando os leitores em sala de aula. Diferentes vozes vão repetindo versos marcantes, que pedem um tom ora trágico, ora lírico, ora sarcástico (ALVES, 2012, p. 8).

De acordo com encaminhamentos propostos por Alves (2007 e 2012) e as reflexões acerca da função social da poesia e a prática da leitura, entendemos a importância de “realizar uma experiência significativa de leitura literária em sala de aula, tomando como norte a possibilidade de um contato efetivo com os textos literários” (Alves, 2012, p.93). O pesquisador faz uma abordagem sobre as possibilidades e os impasses difundidos na realização da prática de leitura de poesia, na qual considera atitudes, cuidados e condições como elementos indispensáveis. Aqui, ressaltamos a relevância do texto oralizado e da partilha da leitura entendendo ser esta uma prática bastante efetiva na qual que mobiliza as vozes dos alunos e aproxima ainda mais a poesia da performance.

Nessa perspectiva, a proposta de mediação com o *slam* abarca toda a potencialidade da poesia falada na construção de significados aliada à relação entre poeta e público/leitor e ao cenário democrático e diversificado da expressão poética nas batalhas de poesia.

Denota-se, então, a multiplicidade do texto poético e nesse sentido, a mediação de poesias *SLAMS* buscam amenizar a possível distância entre leitor literário e texto poético – e a ideia de sacralização que a poesia possa ter adquirido, seja nas aulas de Língua Portuguesa na educação básica ou ao longo de sua formação leitora.

2. SOBRE O *SLAM* DE AUTORIA FEMININA E A CATEGORIA DA INTERSECCIONALIDADE

Neste capítulo, debatemos sobre as potencialidades da poesia *slam* que, ressignificadas pela contemporaneidade, dialogam com a poesia de protesto na construção de imagens e força de atuação da palavra. Para essa discussão tomamos a interseccionalidade como uma poderosa forma de mediação de leitura, a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula. A abordagem da interseccionalidade foi compreendida a partir da obra *Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta* por diferentes nuances estruturais identificadas nas vozes líricas femininas.

2.1. Apresentando o gênero

Três minutos, poesia, voz, corpo, performance são elementos que subsidiam o trabalho do(a) poeta nas batalhas de poesia *slam*. Numa relação entre poeta e ouvinte, a poesia falada é uma das mais antigas formas de expressão artística, promovendo uma comunicação na qual aproxima os sujeitos em um diálogo fundamentado pela experiência literária. Nesse sentido, ao compreender poesia e performance, o poetry *slam* confere um sentido particular ao texto poético.

Para Zumthor (1993, p. 222), “a performance aparece como uma ação oral-auditiva complexa, pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora”. Nesse sentido, podemos entender que não há produto pronto no ato da performance poética, o corpo se expressa e se comunica a partir da poesia. Ainda que com os mesmos poemas, nesse sentido, a cada leitura, voz e corpo podem revelar novas entonações, movimentos singulares, e assim conceber outra amplitude à comunicação entre o poeta e o público. De acordo com D’alva:

[...] poetas com uma variedade temática e estilística enorme, em sua grande maioria apropriados do conteúdo político e social de seus discursos, frequentemente arrancam ovações de um público verdadeiramente emocionado e notas altas dos jurados pela honestidade e franqueza cortantes. (D’ALVA, 2011, p. 119).

Tendo em consideração que, no momento da expressão da performance, nada está pronto ou determinado, a posição do corpo, o tom da palavra, o ritmo do texto - todos os elementos vão se construindo também a partir das relações que se estabelecem entre *slammer* e presentes.

Ainda de acordo com Paul Zumthor (1993), todo texto poético possui uma história composta por cinco operações, denominadas: 1. Produção; 2. Comunicação; 3. Recepção; 4. Conservação 5. Repetição; e “quando a comunicação e a recepção (assim como, de maneira excepcional, a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance” (ZUMTHOR, 1993, p. 19).

E podemos considerar a performance poética, para este trabalho, por dois caminhos. O primeiro como sendo a capacidade de representação artística que se dá por meio da escrita de um texto poético em prosa ou em verso, onde quem escreve a poesia é alguém que realiza a performance. O segundo, como sendo a oralização de um texto escrito, vocalização da poesia por alguém que se disponha a fazê-lo. Vale ressaltar que no *slam*, a criação oral é integralmente autoral.

A performance poética considera algumas condições, segundo Zumthor (2000), e resulta dos fatores enumerados a seguir: 1. O texto escrito como o ponto de partida para a performance; 2. O espetáculo ou jogo, que pode ser entendido como a própria a performance; 3. O performer, a voz de um corpo vivo; 4. O contexto, o momento da performance para sua recepção, que é único, e produz sentidos singulares, ainda que com o mesmo poema. Nesse sentido, entendemos que a performance não é uma fórmula exata na qual se poderia listar as propriedades. “Eis por que o verbo poético exige o calor de contato; e os dons da sociabilidade, a afetividade que se espalha, o talento de fazer rir ou se emocionar” (ZUMTHOR, 1993, p. 222). A performance promove uma produção poética franca, espontânea, levando o discurso poético de quem fala ao ouvinte, em constante comunicação. Assim, só pode ser aprendida por intermédio de suas manifestações.

Performance, três minutos, palavra que resiste. A poesia *slam* é também fruto de vivências de um grupo, manifestações de representatividade. Além de poesia, a performance de corpo e voz são elementos que constituem as batalhas e consolidam formas de atuação. Em relação a essa performance, Bosi afirma que:

A poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. Daí vêm as saídas difíceis: o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, o silêncio [...]. Essas formas estranhas pelas quais o poético sobrevive em um meio hostil ou surdo, não constituem o ser da poesia,

mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista. (...) A resistência tem muitas faces. (BOSI, 2000, p. 142).

Em termos de conteúdo, o poder de denúncia partilhado hoje no *slam* dialoga com a poesia de protesto, que resiste e é ressignificada pela contemporaneidade. Levando em consideração os recursos de produção e compartilhamento em rede, a arte dos que batalham chega cada vez mais longe e ouve-se mais forte. A partilha do conteúdo produzido está em constante interação nas redes; em páginas oficiais dos *slammers*, em canais dos eventos de *Slam* etc.

Ainda em relação a essa ampla circulação, em *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça* – o poetry *slam* entra em cena, Roberta Estrela D’Alva (2011) destaca a amplitude da poesia Poderíamos definir o poetry *slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D’ALVA, 2011, p. 120).

Em tempo, acerca do surgimento do termo, como também no que se refere a alguns percursos deste movimento literário-social, algumas informações tornam-se significativas aqui. O termo *Slam* era usado para referir-se às finais de torneios de baseball, tênis, bridge, basquete, quando Marc Kelly Smith, trabalhador da construção civil e poeta norte-americano, idealizou um evento cujo objetivo era tornar competitivos os saraus de poesia, que aconteciam em bares na periferia de Chicago. Então, no início dos anos 90, Smith nomeou também como *slam* os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os poetas (*slammers*) eram avaliados com notas pelo público presente. A princípio, as batalhas que eram organizadas em um bar de jazz em Chicago, e depois nas periferias da cidade, logo se tornaram populares e se estenderam para outras cidades dos Estados Unidos e, hoje, estão presentes em todo o mundo. Considera-se, então, o poetry *slam* um movimento de representatividade além de exercer influência na produção e manifestação literária, na modalidade de poesia falada.

As competições de performance poéticas realizadas em diversas cidades, de diversos países, ainda com variações, seguem três regras fundamentais: 1. os (as) *slammers* devem versar um poema de autoria própria; 2. não utilizar suportes como instrumentos musicais ou figurinos e adereços e 3. apresentar a poesia no período máximo de 3 minutos. Características estas que se distanciam da performance do rap e do hip hop, por exemplo, porém a aproximação se dá

pelo uso consciente e dedicado da linguagem forte e ácida ao compreender temas sociais como violência, autoritarismo e racismo.

Trata-se também da arte de um espetáculo, de um show com público e audiência, porém esse jogo que a poesia trama nas batalhas não compreende produções visando à obtenção de rimas, efeitos e da nota máxima na competição, somente. Nesta experiência literária, é construindo um diálogo entre poeta e público, onde todos os poetas são considerados coadjuvantes de uma “ágora” (D’ALVA, 2011).. Assim, entendemos as batalhas de poesia *slam* e seus desdobramentos como uma prática de letramento, na qual questões acerca da recepção e da metalinguagem são evidenciadas.

Nesse sentido, as rodas de *slam* compreendem um espaço social real e integrador na promoção de letramentos, em especial o literário, visto o conjunto de práticas sociais que usa leitura e escrita como um sistema dentro de padrões e em contextos específicos. Assim, é possível pensar o *slam* como uma manifestação artística, na qual se envolvem o jogo e a performance, ao mesmo tempo sendo uma expressão humana de caráter social, na medida em que discussões de extrema relevância são levantadas. Para Roberta Estrela D’Alva:

É fácil entender sua rápida aceitação e crescimento, considerando o lugar que a tradição oral tem no país, particularmente aquela dos jogos orais competitivos, como os desafios, as pelepas e o repente nordestino, para citar apenas alguns exemplos. Aliar essa tradição à produção poética popular urbana em um contexto em que as diferenças de estilos, discursos e idades são características marcantes e em que todos se reúnem em torno de um único microfone, fazendo uso da liberdade de expressão, vem ao encontro da necessidade de fala e escuta, urgente às populações das grandes cidades (D’ALVA, 2019, p. 271).

A fim de comentar, no contexto das aulas de língua portuguesa, as disposições sobre o trabalho com a poesia *slam*, especificamente, retomamos a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), na qual alguns trechos a seguir abordam práticas de leitura e produção de textos:

Língua Portuguesa– 6º ao 9º ano - Campo Artístico Literário Práticas de Linguagem - Leitura
Objeto de Conhecimento – Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção; Apreciação e réplica.
Habilidade (EF69LP46): Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *SLAMS*, canais de booktubers, redes sociais

temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

Língua Portuguesa– 6º e 7º ANO – Campo Jornalístico-Midiático Práticas de Linguagem - Produção de Textos

Objeto de Conhecimento - Estratégias de produção: planejamento de textos argumentativos e apreciativos

Habilidade (EF67LP11): Planejar resenhas, vlogs, vídeos e podcasts variados, e textos e vídeos de apresentação e apreciação próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), dentre outros, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha de uma produção ou evento cultural para analisar – livro, filme, série, game, canção, videoclipe, fanclipe, show, sarau, *SLAMS* etc. – da busca de informação sobre a produção ou evento escolhido, da síntese de informações sobre a obra/evento e do elenco/seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados positiva ou negativamente ou da roteirização do passo a passo do game para posterior gravação dos vídeos.

Língua Portuguesa – 6º e 7º ANO – Campo Jornalístico-Midiático Práticas de Linguagem - Produção de Textos

Objeto de Conhecimento: Textualização de textos argumentativos e apreciativos Habilidade (EF67LP12): Produzir resenhas críticas, vlogs, vídeos, podcasts variados e produções e gêneros próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais (livro, filme, série, game, canção, disco, videoclipe etc.) ou evento (show, sarau, *slam* etc.), tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções (BRASIL, 2018, grifo nosso).

No mesmo documento, já para o Ensino Médio (BNCC, 2018), no que se refere à organização/progressão curricular, o texto aponta as seguintes orientações:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (*SLAMS*, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. (BRASIL, 2018).

Podemos observar a partir destas disposições o trabalho proposto pela BNCC acerca da poesia *slam* no qual compreende aspectos de ordem apreciativa estética e estrutural dos textos.

Quanto as propostas de produção, estas tendem a estar relacionadas aos gêneros que mais circulam nas mídias digitais. Mesmo quando fica proposto que sejam explorados textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, nas esferas literária e artística, há um evidente distanciamento de metodologias ativas por meio das quais os estudantes/leitores vivenciem e reflitam, em maior contato com o texto literário, acerca dos contextos que permeiam e marcam a manifestação cultural/artística/poética.

Além disso, junta-se o fato que numa sociedade estruturalmente formada a partir de processos de exclusão, discriminação e preconceito, torna-se urgente pensar em práticas de atuação que mobilizem a existência de manifestações as mais diversas dentro de uma sociedade multicultural. Nesse sentido, ao encontro dos argumentos de Souza (2011) em relação a letramentos “de (re)existência”, entendemos a importância da mediação e fomento de manifestações literárias como a poesia *slam*. Vejamos:

[...] ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (SOUZA, 2011, p.36).

As práticas de uso da linguagem são, pois, inerentes à vida em sociedade. Para Eco (2011), a literatura mantém a língua como patrimônio coletivo e é capaz de criar identidades e comunidades. Nesse sentido, a representação da voz das mulheres, através da poesia *slam*, nos permite abordagens acerca de nossa cultura, expressão humana. Portanto, é possível pensar a produção de poesia *slam* feita por mulheres como projeto de intervenção estético e também como um movimento sócio-literário.

Ao longo de diversos eventos importantes, várias poetisas ganharam destaque e somaram para competir em batalhas importantes, nacionais e fora do país, a exemplo de Roberta Estrela D'alva e Mel Duarte, que representaram o Brasil na copa mundial de *Slam*. Dentre esses eventos, identifica-se o *Slam* das Minas, o primeiro grupo de batalhas de poesia *Slam* idealizado e composto exclusivamente por mulheres. Roberta Estrela D'alva é um dos nomes

representativos do *Slam* no Brasil (e internacionalmente), sendo ela uma das pioneiras desse movimento, ao fundar o "ZAP!¹ Zona Autônoma da Palavra.



Figura 01: Divulgação de apresentações slam do grupo ZAP!

Mel Duarte, poeta organizadora da obra *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam, também integrou por 4 anos a coletiva *Slam* das Mins SP. A escritora também publicou os livros *Fragmentos Dispersos* (2013), *Negra Nua Crua* (2016, editora Ijuma) traduzido para o espanhol *Negra Desnuda Cruda* (2018, ediciones ambulantes, Madrid, ES), *As bonecas da vó Maria* (2018, Itaú Leia para uma criança), “A descoberta de Adriel” (2020, Itaú Leia para uma criança). *Colmeia: poemas reunidos* (2021). Mel Duarte também tem um álbum de poesia falada intitulado *Mormaço – Entre outras formas de calor*.

Desde seu início em 2015, no Distrito Federal, e crescendo para as demais regiões do Brasil, o *Slam* das Minas configura-se como um movimento poético representativo no cenário literário contemporâneo. Além das poetisas acima, podemos observar o trabalho da campeã do *Slam* das Minas de SP 2019, Midria Pereira, uma das criadoras do *Slam* USPerifa, coletivo de

¹ Formado em 2008, O ZAP! foi o primeiro grupo *slam* do Brasil.

rimas da Universidade de São Paulo (USP). Vejamos o trecho de *Bastarda*, texto conhecido de Midria Pereira:

A pátria que pare, mas não cria

A pátria que chuta, cospe, aninha no colo E depois joga na labuta

A pátria Que pátria?

A pátria que tem a ousadia de dizer que hoje mamamos na teta de um suposto governo Quando na verdade foram as nossas mamas, as que amamentaram

E as nossas ancas as que pariram

Todos esses que hoje sequer nos olham na cara

(...)

Fundado em 2018, a intenção das idealizadoras do *Slam* USPerifa era mobilizar um ambiente que realmente fosse acolhedor para as pessoas que estavam chegando. De acordo com a poeta, as batalhas de poesia *slam* são um grande espaço de troca ao atrair pessoas de diversos lugares, com narrativas completamente diferentes sobre coisas que passaram e que ainda passam. “É um espaço de comunhão, de troca, de escuta. São três minutos em que você tem absoluto silêncio, e isso é muito raro²”.

À medida que ganha popularidade como modalidade de poesia falada, a poesia *slam* de autoria feminina cumpre também um papel de representatividade e grande influência na produção de mulheres em todo país. As vozes que ecoam poesia correspondem a um espaço de liberdade, democratização, militância e empoderamento, o que ocorre também aqui com o *Slam* das Minas PB³, a exemplo para referência local.

2.2. A interseccionalidade e a poesia *Slam*

Atentos ao “lugar de fala”, à indissiocracia e à criticidade discutimos o gênero *slam* e a sua relação com a interseccionalidade.

² Em entrevista <https://medium.com/@laboratoriodejornalismo2019/mulheres-no-slam-protestos-que-ultrapassam-os-180-segundos-b02ed18d815a>

³ @slamdasminaspb

2.2.1. Sobre a interseccionalidade: discussões teóricas

Tomando como objeto a poesia *slam* de autoria feminina, podemos observar vozes líricas que partem de um “lugar de fala”, conforme entendido por Djamila Ribeiro (2017) em *O que é lugar de fala?* - e reivindicam protagonismo. Ao colocar em discussão o conceito de “lugar de fala”, a autora afirma que o grupo social ao qual o sujeito está ligado refere-se às vozes históricas e sociais, visto que “não existe uma identidade, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas” (RIBEIRO, 2017, p. 72). Nesse sentido, como expressão:

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (RIBEIRO, 2017, p.64).

Posto isso, atentamos o pensamento de modo a romper com a ideia de universalização da categoria mulher, como pensava em movimentos anteriores, nos quais havia o entendimento da mulher como algo único e homogêneo, dissociado de aspectos como “raça, orientação sexual, identidade de gênero” (RIBEIRO, 2017, p. 21), para se pensar também em “lugar de fala”. Da mesma forma:

Quando voltamos o nosso olhar para entender o lugar de fala para além do indivíduo se torna mais simples a exemplificação. Pense por um instante na nossa sociedade fortemente marcada pelo racismo, classicismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, capacitismo, transfobia e etarismo. Entendendo que todas essas discriminações são estruturais, fica um pouco mais fácil pensar quais são os grupos sociais que possuem seus discursos legitimados (ASSIS, 2019, p.43).

Ademais, considerando que numa sociedade estruturalmente formada a partir destes processos de apagamento, entendemos a importância da mediação e fomento de manifestações literárias como a poesia *slam* de autoria feminina, buscando compreender a intersecção das categorias que perpassam diferentes construções de significados, a saber: raça, identidade de gênero, sexualidade, geração, classe social, entre outras manifestadas na individualidade de cada poeta.

Em conformidade com a discussão, todas as pessoas têm lugares de fala e, nesse sentido, torna-se possível refletir e debater criticamente as relações sociais tendo em consideração “que os grupos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social, consigam

enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternos” (RIBEIRO, 2018, p. 19).

Nessa perspectiva, com a leitura de *slam* de autoria feminina podemos refletir acerca das experiências das mulheres e de suas múltiplas opressões. Em relação a estas, consideramos que:

O Movimento Feminista por muito tempo marginalizou as injustiças vividas por mulheres que escapassem dos padrões eurocêntricos e heteronormativos, privilegiando apenas as desigualdades entre os gêneros e não outras opressões cometidas entre as próprias mulheres, como as opressões vividas pelas mulheres negras, principalmente em um país como o Brasil, que passou por um longo período de escravidão. A luta das mulheres e a persistência em ocupar espaços têm dado visibilidade cada vez maior às múltiplas vivências e demandas femininas, não no sentido essencializador do “ser mulher”, mas enquanto uma série de subjetividades e particularidades de cada uma: gordas, magras, altas, fortes, ouvintes, surdas, brancas, indígenas, negras, jovens, idosas, deficientes, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, pobres, ricas, artistas, cientistas, bailarinas, donas de casa, mães, são literalmente “mulheres”, plurais e entre aspas, construindo e interpretando suas próprias opressões e agindo no mundo. (BRIZOLA, Ana; LOURENSO, Bruna. 2020, p. 200).

Consideramos as perspectivas interseccionais atravessando as discussões dos movimentos sociais e as análises teóricas antes do surgimento, no âmbito acadêmico, de um conceito analítico próprio. Sendo assim, não é pretensão esgotar nestas páginas a discussão sobre uma categoria tão ampla, mas realizar um breve apanhado teórico e levantar algumas conexões, a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula. De acordo com Crenshaw, a primeira a usar o termo interseccionalidade, temos que:

[...] estou sugerindo que mulheres negras podem experienciar discriminação de modos ao mesmo tempo parecidos e diferentes dos experienciados por mulheres brancas e homens negros. Mulheres negras às vezes experienciam discriminação de modo similar a mulheres brancas; às vezes compartilham experiências similares com homens negros. Porém, frequentemente experienciam discriminação dupla – os efeitos combinados de práticas que discriminam com base na raça, e com base no sexo. E, às vezes, experienciam discriminação como mulheres negras – não a soma de discriminação de raça e de sexo, mas como mulheres negras (CRENSHAW, 1989, p. 149, tradução nossa).

Com categorias como a de interseccionalidade, os feminismos negros, enquanto movimentos sociais, questionam a categoria mulher colocada como única, evidenciando as diferenças de experiências como mulher negra em uma sociedade que, para além de ser sexista, é também racista. Denunciam, portanto, o sexismo que posiciona a mulher de forma subordinada na sociedade, e o racismo que ocupa esse lugar interseccionado com demais marcadores sociais, de maneira estrutural. Problematizar a leitura da mulher negra na sociedade a partir desse marcador é um dos princípios dos feminismos negros, mas tais abordagens, por vezes, foram vistas como afastamento da unidade necessária entre as mulheres.

Enquanto marco metodológico dentro dos estudos feministas, em 1989, a jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw lançou mão da interseccionalidade como um conceito analítico. No entanto, na esteira do que comentamos anteriormente, a atenção para o cruzamento de diversos marcadores de opressão, especialmente gênero, classe e raça, já fazia parte de estudos feministas. Em 1981, por exemplo, a filósofa estadunidense Angela Davis abordou a questão em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*. Nela, Davis se atenta para os três marcadores que aparecem no título para compreender como na “crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias” (DAVIS, 2016, p. 29). Eram, em sua maioria, mulheres acostumadas com o trabalho árduo que a escravidão condicionou e que, mesmo após o seu fim, a sociedade continuava a lhes impor regime semelhante, já que não havia outras situações oportunas de vivência para as mulheres negras numa sociedade profundamente racista e sexista.

No Brasil, a pesquisadora Lélia Gonzales também apresentava uma leitura da sociedade brasileira a partir de categorias como gênero, raça e classe; leitura esta subsidiada por teorias pós-coloniais e psicanalíticas. Como destaque, citamos um dos seus textos mais famosos: “Racismo e sexismo na cultura brasileira”.

Concentrando-nos no contexto brasileiro, no intuito de mostrar que discussões interseccionais, forjadas dentro do feminismo negro, são prévias ao termo interseccionalidade, trazemos as considerações de Sueli Carneiro (2003). Sobre a necessidade da articulação gênero/raça/cor na luta do movimento feminista contra a violência de gênero:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estão falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como

escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação (Carneiro, 2003, p. 49).

O pensamento da socióloga brasileira Luiza Bairros (1995) vai ao encontro desta discussão na qual raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se, formando mutuamente um *“ummosaicoquesópodeserentendidoemsuamultidimensionalidade”*. Vejamos:

[...] Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. (BAIRROS, 1995, p. 461).

Atreladas aos conceitos, a americana Audre Lorde (1984) nos apresenta as discussões sobre sexualidade de maneira explícita, ao falar a partir do lugar da mulher negra lésbica:

Entre nós existem diferenças muito reais quanto à raça, idade e sexo. Mas não são essas diferenças que nos separam. O que nos separa é, ao contrário, nossa negativa para reconhecer a diferença e a analisar as distorções que derivam de dar nomes falsos tanto a ela quanto a seus efeitos na conduta e nas expectativas humanas. Racismo, crença na superioridade inerente de uma raça em relação às demais e, portanto, em seu direito de domínio. Heterossexismo, Elitismo, Classismo, Discriminação pela idade (...) (LORDE, 1984, p.17).

E acrescenta:

Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e centenas de outras mulheres negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são negros. Não há hierarquias de opressão (LORDE, 1984, p.7).

Já socióloga britânica Avtar Brah (2006) problematiza que as “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque

a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela”. Brah (2006, p. 351) defende não ser possível compreender categorias de forma unificada, nem quando se fala de mulheres, nem quando se fala de mulheres negras, mulheres brancas, mulheres trabalhadoras. Ainda segundo a autora:

O signo “mulher” tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero. Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes “feminilidades” onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares. Não se afirma então que uma categoria individual é internamente homogênea. Mulheres da classe trabalhadora, por exemplo, compreende grupos muito diferentes de pessoas tanto dentro quanto entre diferentes formações sociais (BRAH, 2006, p. 341).

Nessa perspectiva, ao amparar-se na interseccionalidade busca-se contribuir para reflexões que melhor dialoguem com a pluralidade existente na sociedade; no caso das mulheres, a pluralidade das opressões estruturais vivenciadas, que incidem em diversos contextos: doméstico, trabalho, relações afetivas, entre outros. Nesse sentido, é importante situar e compreender as trajetórias e experiências das mulheres negras em suas particularidades, reconhecendo a complexidade dos cruzamentos dos processos estruturais discriminatórios.

Carla Akotirene (2018) na obra *O que é interseccionalidade?* apresenta o percurso dos estudos das feministas negras, de modo a apresentar o conceito e explorar críticas ao seu emprego indiscriminado e uma universalização das experiências femininas observadas a partir dele. Doutoranda em “Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismos” pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, a autora atua como assistente social no município de Salvador, Bahia, acolhendo vítimas de violência doméstica.

Akotirene (2018) chama atenção para o fato de que “a interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2018, p. 48). Nessa perspectiva, o conceito sugere que a categoria raça traga subsídios de classe e gênero, e esteja em um patamar de igualdade analítica (AKOTIRENE, 2018, p. 36). A pesquisadora também faz menção e critica a apropriação do conceito em relação ao recorte metodológico punitivo da lógica neoliberalista:

Estou certa do neoliberalismo usufruir do conceito de interseccionalidade, em virtude de ele ter sido cunhado no campo do Direito e este campo ser manuseado pelo branco-centrismo, punitivismo e criminalização de pessoas negras. Então prefere o feminismo interseccional, querendo usar a seletividade racial do Direito, disposta a usar o uso do conceito, porém não do conteúdo, anterior do período em que o conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw,

em 1989. A prerrogativa do Direito pode criminalizar homens negros, africanos, defender encarceramentos, sem dizer que estes institutos discordam das bases epistemológicas do feminismo negro. O despautério metodológico é tanto que usa até interseccionalidade no campo punitivo particular reportando ao pensamento feminista negro de Angela Davis, uma abolicionista penal (AKOTIRENE, 2018, p. 52).

Como dito, esta abordagem analítica foi cunhada em âmbito acadêmico pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, mas, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001, conquistou popularidade. Em 2019, completou-se 30 anos da primeira publicação de *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics* da pensadora Crenshaw.

Nos últimos anos, com a ascensão de lideranças antidemocráticas, são edificados os aspectos políticos do individualismo, da indiferença e da oposição ao outro mediada não pelo diálogo, mas pelo discurso de ódio; aspectos estes que norteiam muitas das decisões da vida cidadã. No descolamento de uma estrutura para a lógica neoliberal, existe o afastamento do sujeito político e ativo, e, a partir disso, é possível discutir os desdobramentos do encolhimento do espaço democrático numa concepção mais robusta do que consideramos democracia. Com as contribuições também da filósofa com formação em ciência política e economia Wendy Brown (2016; 2019), é possível refletir acerca destas transformações, especialmente nesta segunda década do século XXI, com uma perspectiva crítica de desvelamento dos fatores e níveis dos problemas de opressão.

Nesse sentido, discutir a ascensão de políticas antidemocráticas no Ocidente e compreender os efeitos do neoliberalismo (e de suas consequências econômicas, epistêmicas, políticas, morais e sociais) trata-se não somente de observar a questão econômica, mas de atentar-se para o encolhimento global da democracia. Nessa transição, estão inseridas condutas da indiferença, de desmonte da solidariedade, de repúdio ao social e de valorização de conceitos como nacionalismo, conservadorismo cristão e masculinismo branco. Desta maneira, de acordo com Françoise Verges (2020), revela-se que

Se o termo “feminista” foi esvaziado de seu sentido, se os direitos das mulheres são apenas um trunfo nas mãos dos imperialistas e neoliberais, como explicar a rejeição que essas expressões continuam encontrando, a violência que elas suscitam ou a recusa da própria noção de gênero entre os poderosos? O patriarcado não se expressa da mesma forma nos diversos lugares do mundo, não se apresenta com as mesmas feições, mas o fato de ele ser, aqui, abertamente grosseiro, vulgar, brutal, racista, misógino, homofóbico,

transfóbico, enquanto lá se mostra educado, elegante, diz-se aberto à diversidade e ao multiculturalismo e se afirma partidário dos direitos das mulheres, não deve passar despercebido. Os objetivos das políticas desses patriarcas são os mesmos: servir ao capitalismo racial, explorar, extrair, dividir, despojar, decidir quais vidas importam e quais não importam (VERGÈS, 2020, p. 11-12).

A escalada de movimentos “moralizantes” e discursos que se utilizam da retórica das liberdades ressurgem com grande aceitação a partir de condutas deliberadamente antidemocráticas. Essas formulações usurpam a roupagem de direitos e liberdades para justificar pautas hegemônicas de poder, reassegurando, assim, um projeto débil de liberdade, no qual reforça hierarquias históricas, violações e exclusões.

Ainda segundo Brown (2019) no âmbito do neoliberalismo e da ideia de moralidade tradicional que fomentam os discursos da extrema direita, não há espaço para políticas sociais que coloquem em risco a reprodução das hierarquias de poder. Nesse sentido, numa arquitetura de sociedade que se opõe às pautas coletivas e às liberdades, a liberdade será tão somente a liberdade liberal, a mercadológica; e, do outro lado, está o retrocesso voltado ao autoritarismo.

Tais concepções carimbam com repúdio o Estado como responsável por agendas de bem-estar social, e veem como nocivas, por exemplo, pautas essenciais, como as identitárias e de gênero. A ideia de sujeito neutro, universal e genérico é posta numa ideia de neutralidade, a fim de legitimar privilégios, desigualdades e exclusões, fortalecendo a manutenção do status quo. Há o afastamento do cuidado com o outro, com os excluídos, com os não privilegiados, colocando uma pauta de direitos humanos e civilizatória como uma questão partidária. A visão que emerge é que o caráter assistencialista prejudica o Estado, ao invés de corrigir diferenças entre classes.

Nesse sentido, considerando, pois, as distintas formas de opressão nesse contexto neoliberal, de aprofundamento das estratégias de opressão e exclusão a partir de diversos marcadores de identidade, a ruptura com uma visão monolítica de análise é uma das grandes contribuições dos estudos a partir da interseccionalidade, na medida em que esta se ocupa em analisar contextos e teorias sob uma perspectiva que compreende outras categorias além de questões de gênero, por exemplo.

É importante considerarmos que qualquer intenção aqui de conceituar a interseccionalidade não dá conta de abarcar toda sua amplitude como categoria de análise e colocar em evidência as potencialidades dos movimentos do feminismo negro enquanto exercício teórico-prático e outras teorias que ecoam em seus desdobramentos. No entanto, a partir destas contribuições, podemos sinalizar alguns pontos:

a) interseccionalidade é uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões; b) a interseccionalidade não estabelece uma hierarquia ou somatória de opressões; c) o lugar de fala de cada indivíduo é multirreferenciado a partir de suas experiências. (ASSIS, Dayane N. Conceição de. Interseccionalidades, 2019. p. 18).

Sendo assim, não se pretende universalizar experiências, ao contrário, a pretensão desta análise, consoante com Crenshaw é:

[...] junto com o método diaspórico feminista atravessado nesta discussão, visa aumentar os diálogos com as epistemés dos povos colonizados, abrangendo as travessias teóricas de corpos navegantes, balançados pelas águas étnicas, memórias índicas, culturas polissêmicas e posicionais idades transatlânticas. Afinal, o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas imaginárias do horizonte e, finalmente, valer-se de raça, classe, território e gênero, mas enlanguescendo-se. (CRENSHAW, 2002, p. 188).

Ao encontro do que coloca Akotirene (2018, p. 18), no sentido de que a relação tecida entre feminismos negros e interseccionalidade dialoga simultaneamente entre/com as “encruzilhadas avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo”. Desta maneira, “o letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersexos (LGBTQI), pessoas de cientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras” (AKOTIRENE, 2018, p. 19)

Assim, acerca das diversas formas que estruturam e condicionam uma sociedade sem se valer de sua pluralidade, situar-nos diante deste movimento compreende também questionar a concepção unitária de sociedade que está sendo colocada. Tão necessária quanto este exercício de reconhecimento - de si e do outro, oportunizar espaços para partilhar leituras as mais diversas é uma forma de atuação na qual nos juntamos às vozes compartilhadas.

2.2.1 Sobre a interseccionalidade na obra *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*

Se eu for pro calçada Falar minha arte

O policial me bate

O machista me abate

O cachorro me avança e late Meu fim será massacrante

Caso contrário, é só coincidência mera Eu já sei o que me espera

Pois eu conheço minha terra Pouca gente me tolera

Pois são intolerantes (...)

Preciso resistir e continuar

Não parar de recitar

Pra gente não acabar Num eterno “aqui jaz”

(Trecho de *O Patrão nosso de cada dia*. Laura Conceição. Empoderamento Feminino - Coleção *slam*. 2019).

Uma das principais características do *slam* é a diversidade que abarca produções e vivências nas vozes dos que resistem na poesia. Desta maneira, enfatizamos a importância da sua mediação no ambiente escolar, no sentido também de mobilizar ações para diminuição das desigualdades e respeito às diferenças.

No que diz respeito ao gênero poético e, especificamente, a sua presença na sala de aula, reconhecemos na interseccionalidade uma poderosa categoria de mediação da poesia de autoria feminina que nos propomos a estudar com os alunos e as alunas; sobretudo porque, conscientes das políticas autoritárias do regime neoliberal, inicialmente contextualizado aqui, e da sua incidência na vidas das mulheres, as poetisas que marcam presença na antologia selecionada elaboram vozes líricas que acionam constantemente questões como gênero, classe, raça e outras.

Nessa poesia, é possível identificar, recorrentemente, as marcas estruturais da nossa sociedade como colonialismo, capitalismo, e cis heteropatriarcado. Ademais, ressaltamos a poesia falada e da partilha da leitura entendendo ser esta uma prática de mediação na qual mobiliza as vozes dos alunos e aproxima ainda mais a poesia da performance.

Para Cosson (2014), têm-se a visão de que a escola precisa integrar o aluno à cultura, e, para isso, precisa atualizar-se, aderindo às manifestações culturais contemporâneas, consideradas dinâmicas e atraentes. Ele nos diz:

Proponho como critério de seleção que os textos sejam literários, independentemente de pertencerem ao cânone ou qualquer outra forma de ordenamento, daí a diversidade que não é apenas de gêneros, mas também de representações, temáticas, graus de dificuldade do texto e daí por diante. Os critérios de seleção são para o texto literário, qualquer que seja o adjetivo que o acompanhe. (COSSON, 2014. p. 123.)

Posto isso, para este trabalho consideramos a interseccionalidade na obra *Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta* uma poderosa forma de mediação, a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia

feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula. A abordagem da interseccionalidade é compreendida na obra a partir dos diferentes níveis, estruturas e formas de opressão identificadas nas vivências das vozes líricas femininas.

Nas possíveis abordagens dos poemas há um chamamento para uma roda, onde voz e força levam a refletir sobre o poder das palavras e na construção partilhada dos sentidos. A mediação da poesia *slam* é compreendida, assim, como um cenário de fala e também um convite para a escuta. “O *slam* é um espaço poético-político, democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão, fazendo do livre diálogo uma ferramenta para a construção de novos horizontes (DUARTE, 2019, p. 11).



Figura 2: Imagem de capa 1ª edição

A obra “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta” de Conceição Evaristo é uma escrita em confronto ao silenciamento que buscam impingir sobre nós. A autora nos diz em seu prefácio que: “Apropriar-se da língua escrita para registrar uma performance fundamentada na oralidade é também revisitar a história de uma língua imposta” A referida antologia proposta para o trabalho de mediação traz à tona o poder e a representatividade das vozes de 15 poetisas de diferentes regiões do país, sendo um marco na produção de poesia *slam* de autoria feminina. Organizada por Mel Duarte, a obra contém ilustrações da artista Lela Brandão e *SLAMS* de Anna Suav, Bell Puã, Bor Blue, Cristal Rocha,

Dall Farra, Danielle Almeida, Laura Conceição, Letícia Brito, Luiza Romão, Luz Ribeiro, Mariana Felix, Meimei Bastos, Negafya, Roberta Estrela D’Alva e Ryane Leão.

Apresentação das poetas	
Poetas	Breve apresentação/biografia ⁴
	<p>CRIA 092, natural de Manaus, Amazonas, mulher preta nortista com muito orgulho e axé! Artista, feminista, jornalista, fotógrafa, produtora cultural, MC, poeta, <i>slammer</i>, cantora, compositora, empreendedora e bruxa. Ativista dos movimentos hip-hop e negro. Filha de Navê, “da mesma água que mata a tua sede e outrora te afoga”.</p>
<p>é Isabella Puente de Andrade, historiadora e poeta cabra da peste, nascida entre o mangue e sol da cidade do Recife. Vencedora do Campeonato Nacional de Poesia Falada – <i>Slam</i> BR 2017, representante do Brasil no Poetry <i>Slam</i> World Cup 2018, em Paris, e convidada da programação principal da Flip 2018, integra o coletivo <i>Slam</i> das Minas PE. De libra, das nuvens, busca atropelar as fragilidades e fortalecer os afetos, compondo também o coletivo negro Afronte, desenvolvendo atividades de consciência racial em seu estado.</p>	

⁴ trecho transcrito tal como o original (p. 213-215)

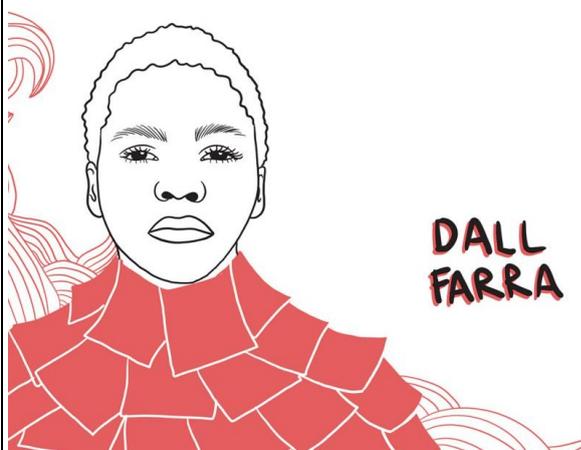


é poeta marginal que fala sobre sua realidade contra o racismo, o machismo, LGBTfobia. Toca, canta e escreve, compõe músicas que falam de luta, resistência, sobrevivência, e toca carimbó porque acredita que seja uma herança cultural deixada por nossos ancestrais, índios, caboclos, negros. Acredita na arte como

ferramenta de transformação nos espaços públicos como feiras, praças e coletivos de Belém. Sua missão é manter essa cultura viva e faz isso com muito amor.

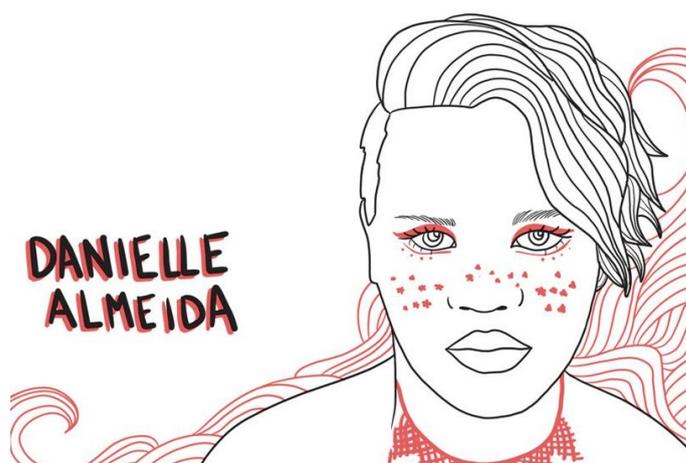
nasceu poesia em junho de 2002 e seu amor pelos versos só cresceu desde então. Foi a primeira campeã gaúcha a representar seu estado no *Slam* BR 2017. Lançou seu livro independente em 2018, *Quando o caso escurece*, com poesias e ilustrações autorais.

Leva sua poesia em eventos como saraus, festivais literários, shows, participações em músicas, escolas e oficinas. É idealizadora e artista do coletivo Poetas Vivos.



é estudante de Geografia na UFRJ, poeta, rapper, e *slammer* de Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Além disso, é integrante do coletivo Poetas Favelados e do coletivo *Slam* das Minas, que praticam ações poéticas em espaços públicos. Desde os quinze anos, Dall Farra aborda em músicas e poemas assuntos como a discriminação de gênero e classe.

tem 23 anos, criada na periferia de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no bairro Moreninha. É poeta e atriz sempre que pode. Sua entrega para a escrita começou efetivamente há cinco anos e, desde então, não parou mais de fazer e viver a poesia, a arte. Teve experiências inesquecíveis com os movimentos de *slam* e diz que, com isso, sua alma de poeta só progrediu. Atualmente integra o coletivo *Slam Camélias*. *Poesia de um coração suburbano* é o nome que dá a seu fanzine, e através dele espalha suas poesias pela cidade, dessa forma sabendo que existe e resiste!



é MC e poeta nascida na região da Zona da Mata Mineira. Em 2017, Laura foi vice-campeã mineira de poesia falada, classificando-se para o Campeonato Brasileiro de *Slam*. Ainda em 2017, criou o projeto “Poesia na escola”, por meio do qual leva poesia e sonhos para crianças e adolescentes. Atualmente, já realizou mais de 45 visitas aos colégios da cidade e região.

Aos 22 anos, Laura se formou em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora e fundou o coletivo de poesia Duas. Ganhou as medalhas Rosa Cabinda e Geraldo Pereira em 2017.



é poeta. Dedicase à poesia falada (*spoken word/poetry slam*) e às microrrevoluções político-sociais em que a poesia incinera, afaga, afeta e transforma. No ano passado, representou o Brasil no Rio Poetry Slam, que reuniu doze poetas competidores de diferentes países e que acontece na Festa Literária das Periferias (Flup). Neste ano integra a banca avaliadora do Flup Poesia Preta; realizou oficina para os professores da rede Sesc nacional e participa do Arte da Palavra do Sesc nacional.



é atriz, poeta e *slammer*. Leonina. Feminista. Formou-se em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Publicou dois livros pelo selo DoBurro: *Sangria* (2017) e *Coquetel motolove* (2014). No teatro, passou por coletivos como: Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, Cia Ato Reverso, Teatro Documentário e Turma 66/EAD. Adora cinema. Dirigiu e atuou nas séries audiovisuais *Sangria* e *Revide*.

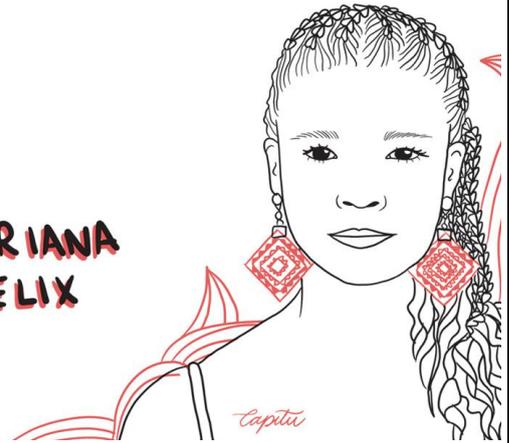
Em tempos de redes sociais, Luz prefere pousar em redes de balanços e afetos, de maneira que Luz não possui uma base de seguidores estabelecida, Luz não sonha em ter seguidores, Luz sonha em ter sempre com quem seguir. Luz é coletiva: Poetas Ambulantes, *Slam* das Minas SP e Legítima Defesa. Autora dos livros (in)dependentes *Eterno contínuo* (2013) e *Espanca-estanca* (2017). Paulistana

nascida no verão de 1988, Luz é: mar-mãe de Bem e filha-mar de Odoya.



é escritora, *slammer*, apresentadora e militante feminista. Tem dois livros publicados de forma independente: *Mania* (2016) e *Vício* (2017), ambos com poesias, crônicas e dissertações sobre o empoderamento feminino, a relação da autora com a cidade e o amor. Faz parte do coletivo audiovisual composto apenas por mulheres Prosa Poética, além de integrar o espetáculo Samba Poética.

**MARIANA
FELIX**



**MEIMEI
BASTOS**



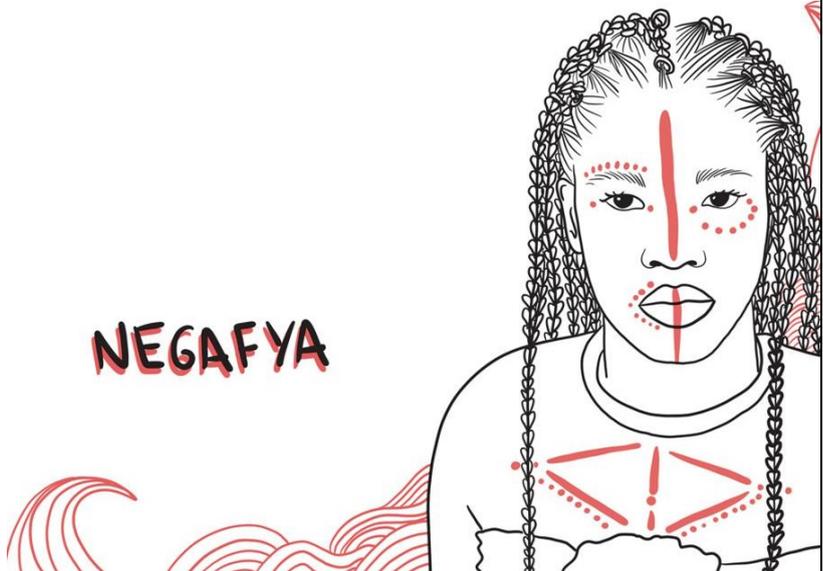
nasceu em 1991, em Ceilândia, Distrito Federal. É escritora, poeta, atriz e arte-educadora formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Atua em diversos movimentos sociais, promovendo saraus, *SLAMS*, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa especialmente direcionados à população negra e periférica. Premiada pela Secretaria de Estado e

Cultura do Distrito Federal com o prêmio de Cultura e Cidadania, na categoria Equidade de Gênero. Em 2017, publicou seu primeiro livro, *Um verso e mei*, pela Editora Malê. Atualmente, coordena o *Slam Q'brada*.



nasceu na primavera de 1988 em São Paulo (SP) e teve seu primeiro encontro com a poesia aos 8 anos. É escritora, poeta, *slammer*, produtora cultural e integrante da coletiva *Slam* das Minas SP. Em 2016, foi destaque no sarau de abertura da Flip e a primeira mulher a vencer o Rio Poetry *Slam*. Em 2017, representou a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola. É também autora dos livros *Fragmentos dispersos* (2013) e *Negra nua crua* (2016, Editora Ijumaa).

22 anos, moradora do bairro da Sussuarana, Salvador, Bahia, poeta, MC, artista de rua, produtora cultural, ativista cultural, integrante do grupo de poesia Resistência Poética, idealizadora e produtora do *Slam* das Minas BA, vice-campeã brasileira de poesia



falada (2016), vice-campeã Rio Poetry *Slam*-Campeonato Mundial de Poesia Falada, graduanda no curso de enfermagem e angocapoeirista. Artista de rua e poeta, durante a apresentação traz denúncias de violências como racismo, machismo e sexismo, além de ter como principais características a expressividade corporal e a linguagem de fácil entendimento do público em geral. Faz da poesia marginal os gritos pretos e femininos de liberdade, resistindo na diáspora africana enquanto ser que transforma a dor em luta.

Quadro 01: Breve biografia das poetas SLAMS brasileiras

Para além da escola enquanto espaço institucional privilegiado de ensino/formação, a sala de aula compreende um organismo vivo, no qual o papel social pensado aqui ao professor/a diz respeito a mediar, afastando-se de uma estrutura quantitativa. O estudante em sala de aula é um sujeito com vivências, leituras, uma bagagem cultural que faz parte de um grupo cultural

determinado, que lhe oferece material cultural o qual vai utilizar na sua vida social cotidiana; de objetos concretos a conceitos, mas também os modos de operação acerca de todo este material.

Sendo assim, ao considerar o estudante/leitor como sujeito/indivíduo faz-se necessário pensar numa concepção de aprendizagem de modo que esta atue ao encontro da análise dos reflexos do mundo exterior no interior dos indivíduos, por meio da interação deles com a realidade. Nos conectamos à concepção epistemológica por autores como Piaget, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire, tendo como eixo a ação do sujeito como cerne do processo. Em outras palavras, levamos em consideração o sociointeracionismo, concepção de aprendizagem na qual considera o sujeito social, valendo-se da dimensão sociocultural deste estudante, observados contextos histórico, social e cultural.

Posto isso, podemos observar em sala de aula, em meio aos entraves nos processos de ensino, recorrentemente nos deparamos com barreiras que são estruturais. Revela-se evidente o fato de que numa sociedade estruturalmente formada a partir de processos de exclusão, discriminação e preconceito, torna-se urgente pensar em formas de atuação a partir do lugar de que ocupo enquanto mediadora de aprendizagens. Nessa perspectiva, dispor-se em um molde racista considerando-se parte de uma engrenagem racista.

Assim, justifica-se então a mediação da poesia *slam* de autoria feminina através da antologia *Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta*, no fomento da multiplicidade de leituras do texto poético e atuação no enfrentamento ao racismo e a tantas outras formas de discriminação, opressão e silenciamento. Os aspectos estéticos e sociais compreendidos nos poemas mobilizam compreender a abordagem da interseccionalidade, revelando o quanto não experienciamos o mundo da mesma forma e que para falar em gênero e classe falamos em raça.

3. SEQUÊNCIA DE TRABALHO: AS OFICINAS TEMÁTICAS E A MEDIAÇÃO DA POESIA

No que diz respeito à proposta mediação, será possível observar os elementos da sequência básica de Cosson (2014), visto a organização nos seguintes momentos: 1. Motivação; 2. Introdução; 3. Leitura; 4. Interpretação, conforme organização de cada oficina. Não se trata necessariamente de uma estrutura de atividades, mas de uma organização a fim de articular os processos e oficinas.

Para começarmos, faz-se importante frisar o entendimento de leitura em conformidade com Rojo (2014): “como um ato de se colocar em relação um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos”. Desta forma, consideramos o texto um conjunto de sentidos e apreciações de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles – finalidades da leitura e da produção do texto, esfera social de comunicação em que o ato da leitura se dá. (ROJO, 2004, p.1-2.).

Nesta perspectiva, retomamos a uma inquietação: “O que se ensinaria se de fato se ‘ensinasse literatura’, pressupondo-se ser o texto literário o objeto do ensino de literatura?” Para compor esta reflexão cito aqui as cinco dimensões do processo de leitura que Vincent Jouve (2002) por sua vez toma de Gilles Thérien:

- é um processo neurofisiológico, uma atividade de antecipação, de estruturação e interpretação;
- um processo cognitivo, em que a leitura solicita uma competência. O texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura;
- um processo afetivo, e destaca a importância das emoções que estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção;
- um processo argumentativo: Qualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida;
- um processo simbólico: O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. (...) A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo, quer os recuse, quer os aceite (THÉRIEN, 2002. p.18-22).

É possível compreender que estas dimensões são perfeitamente “escolarizáveis”. No entanto, ao se tratar da escola como organismo, esta lida com demandas inseridas através de um sistema estrutural. Retomando o estudante/sujeito, seu material cultural e os modos de

operação desde material, observamos que a leitura compreendida reflete e é refletida a partir destes moldes escolares, o que não quer dizer práticas e teorias não sejam revistas.

Nesse sentido, talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola, especialmente poesia, não se encontra na resistência ou falta de interesse à leitura, mas em lacunas de diálogos mais efetivos e afetivos com o texto poético. Em outras palavras, falta espaço-tempo-contato no ambiente escolar para um cenário no qual a leitura compreenda fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação/letramento não prevista no currículo otimizável, não cabível no ritmo da cultura escolar.

Portanto, neste trabalho temos a intenção de oportunizar reflexões sobre os modos pelos quais as leituras se materializam, especialmente no que diz respeito ao texto poético. Para desenvolver as oficinas, as etapas (motivação, introdução, leitura e interpretação) visam atender a uma prática da leitura literária envolvendo inferências que constituem a produção de seus sentidos, dentro das relações que compreendem: poeta, texto e comunidade de leitores, os quais tal processo de letramento objetiva.

Ainda segundo Cosson (2014), o letramento literário se distingue com clareza da leitura literária no momento da interpretação, pois, ao ler e interpretar uma obra é possível conversar sobre esse processo, tendo o potencial do leitor enriquecido; da mesma forma, quando compartilhadas a apreciação e as visões do que se leu, ganha-se consciência crítica e amplia-se horizontes. Desta forma, observada a Sequência Básica (COSSON, 2014), as atividades propostas para a interpretação têm como princípio a externalização da leitura, sua análise e também registro. Nesse sentido, por mais pessoal e íntimo que seja a etapa da interpretação para cada leitor, ela não deixa de se constituir como um ato social.

A partir das contribuições de estudiosos com vistas a tornar a o texto poético mais presente e valorizado na sala de aula, observamos as referências trazidas por Alves (2007), nas quais considera atitudes, cuidados e condições na prática com poesia na sala de aula. O pesquisador traz abordagens sobre acerca das situações de possibilidades e impasses difundidos na realização da prática de leitura de poesia e sugere, assim, exercícios pensados especialmente para a aula de Língua Portuguesa. Destacamos a importância da realização oral e da partilha da leitura, entendendo ser esta uma prática efetiva e afetiva na qual mobiliza as vozes dos alunos e aproxima ainda mais a poesia da performance; não deixando de considerar a organização de antologias, pequenas montagens, jogo dramático, cordel, música, núcleos temáticos, dentre outras abordagens.

Nessa perspectiva, a proposta de mediação de leitura está organizada a partir de três oficinas temáticas. A realização oral dos poemas no grupo será feita, em sala a partir de um pedido à turma, da mesma maneira como a leitura silenciosa convida o leitor individualmente, compreendemos à turma o convite à realização oral do poema, onde reiteradas leituras são bem-vindas deixando aberto o espaço para performances e vozes as mais variadas.

Levando em consideração que, antes e depois da leitura nos permeiam inúmeras questões, as rodas de conversa consistirão em uma metodologia colaborativa de discussão acerca dos aspectos estéticos e sociais revelados nos textos como também de reflexão dos processos de aprendizagem nos quais estamos inseridos.

Ademais, em meio às possibilidades técnicas de produção, reprodução e compartilhamento dispostas pela tecnologia, parece a poesia *slam* não perder o vigor diante da impossibilidade do encontro presencial em meio à maior crise sanitária do país. Em referência à ausência do contato físico presencial nas batalhas de poesia, vozes e público seguem transformando e recriando espaços para a poesia.

Assim, o proposto caderno de atividades tem a intenção de mediar a leitura de poesia em sala de aula promovendo meios/espços para a experiência literária e livre expressão; por meio de reuniões remotas torna-se possível a leitura partilhada, realização oral dos poemas, performances, rodas de conversa, entre outras abordagens observando o momento no qual a sociedade repensa também acerca das estratégias de ensino.

3.1. Boas-vindas

Para este momento de abertura de nosso trabalho, buscaremos nos conectar às dinâmicas de expressão. O primeiro passo consistirá em começar a aula/atividade do dia com um exercício chamado “o batizado mineiro”,⁵ aqui adaptado. Em Jogos para atores e não atores (2014 p. 111),

⁵ O batizado mineiro: Atores em círculos; cada um, em sequência, dá dois passos à frente, diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra do seu nome e que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra. Os demais atores repetem duas vezes: nome, palavra e movimento. Quando já tiverem passado todos, o primeiro volta, mas agora numa posição neutra, e são os demais que devem se lembrar da palavra, nome e gesto. Naturalmente, este exercício faz-se com grupos que se encontram pela primeira vez, e não com velhos amigos. BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. (p.163)

Boal nos diz que os exercícios e jogos desta categoria têm intenção de “diminuir a distância entre escutar e ouvir”. Ele nos diz que:

Na batalha do corpo contra o mundo, os sentidos sofrem, e começamos a sentir muito pouco que tocamos, a escutar muito pouco daquilo que ouvimos, a ver muito pouco daquilo que olhamos. Escutamos, sentimos e vemos segundo nossa especialidade. Os corpos se adaptam ao trabalho que devem realizar. (BOAL, 2014, p. 111).

Neste exercício de expressão aqui proposto, a pessoa se apresenta; para isso, diz seu nome, uma palavra e simultaneamente faz um gesto. 1. A pessoa diz seu nome e uma palavra que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir; 2. Palavra esta que deve começar com a mesma letra inicial de seu nome/identificação. 3. Simultaneamente, a pessoa faz um movimento rítmico que remeta a essa palavra.

Exemplo de performance: Fran diz “feliz” e sinaliza seu sorriso (apresentação + palavra caracterizante + movimento).

Os demais atores/presentes repetem a performance: identificação, palavra e movimento, e seguem fazendo as apresentações.

3.2. OFICINA 1: Poesia é palavra ilimitada

Na primeira oficina, desenvolveremos a leitura de poemas diversos observando seus desdobramentos tendo em consideração as recepções do texto poético. O objetivo é promover o contato com a produção da poesia *slam*, especialmente, e ao estabelecer diálogo dela com o cânone, buscamos revelar a multiplicidade estética do gênero poético.

A motivação abordará o poema "Você já foi poesia hoje?"⁶, da *slammer* Mariana Felix. Para tal, antes da exibição do vídeo, uma roda de conversa levantará algumas questões sobre a leitura de poesia, a saber: Você lê/gosta de/consome poesia? Para você, o que é poesia? O que é poema? Onde circulam esses textos? Para que servem? Que temas eles abordam? Levando em consideração o título da oficina de leitura: para você, “Poesia é palavra ilimitada”? Por quê? Quais seriam os limites da poesia?

Além de promover o contato com a poeta, o vídeo compreende uma temática que vai ao encontro da conversa inicial, no sentido de ampliar o pensamento sobre a produção do texto

⁶ Você já foi poesia hoje?", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sqOKyxY7wyU>

poético e aproximar suas leituras. No poema, o sujeito lírico discorre acerca do que seria poesia, com imagens, construções sinestésicas, metáforas, intertextualidade; e percorre o caminho no qual se coloca: “eu que nunca me vi poeta, sou poesia”, colocando o leitor para estabelecer sua relação com o texto poético.

Na introdução, seguimos com a poesia *slam* através da exibição do vídeo “O que é Poetry Slam?”⁷. Neste, Roberta Estrela D’Alva, um dos nomes mais conhecidos do cenário *slam*, fala sobre a dimensão da poesia falada. A poeta se identifica como representante desta modalidade de poesia e discorre sobre o movimento do poetry *slam*, descrevendo aspectos como organização, forma, conteúdo e referências.

Ao falar sobre poesia *slam*, a autora descreve as rodas das batalhas de poesia – ágoras - como livres espaços de expressão e pensamento. A exibição do vídeo visa a explorar tanto

alguns aspectos formais de composição e performance quanto a importância da poesia como expressão humana. Com a intenção de se pensar nos meios/espços para a materialização da poesia, iniciaremos uma roda de conversa perguntando: Como reconhecemos a poesia *slam*? Seguindo: Como as batalhas de poesia são compostas? Há regras? Quais?

Para a etapa leitura, a intenção é fazer com que os estudantes/leitores utilizem os poemas para refletir sobre a própria poesia. Para isso, selecionamos metapoemas da poesia *slam*, e estabelecendo diálogo com o cânone, buscaremos revelar a multiplicidade estética do gênero poético. A saber, “Poesia é palavra ilimitada” (Dall Farra); “Arteira” (Danielle Almeida); “Poesia” (Carlos Drummond de Andrade); “Motivo” (Cecília Meireles); Traduzir-se” (Ferreira Gullar). A leitura partilhada faz-se importante para que haja interação das impressões de leitura no grupo. Além disso, dispor as leituras a fim da realização oral dos poemas, considerando também dividir os textos entre grupos menores.

⁷ “O que é Poetry Slam?”, disponível em: <https://youtu.be/bojuwnv6yd0>

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 1

1. *Poesia é palavra ilimitada* – Dall Farra

Mundo ensina que poesia é palavra ilimitada disparada braba
 Que cura problemas psicológicos, foge de diagnósticos
 te faz sorrir sem tarja preta
 Ensina que o mundo é muita treta e que não estamos preparados para reparação histórica
 Mundo, ensina outro caminho que ultrapasse o egoísmo e desfaça os invisíveis
 pois debaixo da marquise não há lugar para o teu ego
 Mundo, ensina!
 Que desigualdade é pauta, que o padrão é coisa pra substituir verdades

Quem for viver de lecionar vai passar muito perrengue
 Pois no ranking da importância o capital passou da frente da educação e da mudança
 Ensina que é questão de ideia e que ideia tá em falta
 Pensar não é só filosofia é também uma questão de vida
 Que a corrida alienada traz a competição à tona
 Competir é nosso lema
 Por isso que nosso esquema tem por maestria money
 Vários menor passando fome, mas fazendo jornada tripla
 Riquezas pra minoria
 Balas com destino certo e camarote pra burguesia
 Ensina agora que isso tudo vai ser shot de terapia
 Vai faltar psicologia pra estancar essa sangria de doença pós-moderna

2. *Arteira* – Danielle Almeida

Sou arteira
 Vivo arte
 Nasci do encontro e da arte de dois corpos nus
 Ouço arte
 Canto arte
 Como arte
 Gosto da arte desmedida
 Gosto da arte além do comum
 Arte é livre
 Ainda verei a arte preencher ainda mais as favelas do Brasil
 Na rua tem arte
 Nos muros tem arte
 Tudo é arte
 Nela quero fazer morada
 Morada livre
 Até o dia em que meu coração irrigado de sangue e de arte pare de bater

3. *Poesia* - Carlos Drummond de Andrade

Gastei uma hora pensando um verso
 Que a pena não quer escrever.
 No entanto ele está cá dentro
 Inquieto, vivo.

Ele está cá dentro
 E não quer sair.
 Mas a poesia deste momento
 Inunda minha vida inteira.

4. *Motivo* -Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
 e a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
 não sinto gozo nem tormento.
 Atravesso noites e dias
 no vento.

Se desmorono ou se edifico,
 se permaneço ou me desfaço,
 — não sei, não sei. Não sei se fico
 ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
 Tem sangue eterno a asa ritmada.
 E um dia sei que estarei mudo:
 — mais nada.

5. *Traduzir-se* – Ferreira Gullar

Uma parte de mim
 é todo mundo:
 outra parte é ninguém:
 fundo sem fundo.

Uma parte de mim
 é multidão:
 outra parte estranheza
 e solidão.

Uma parte de mim
 pesa, pondera:
 outra parte
 delira.

Uma parte de mim
 almoça e janta:

outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Quadro 02: Poemas selecionados para oficina 1

Na interpretação, o estudo do texto poético buscará abordar os efeitos estéticos provocados por ele a partir de uso de determinados recursos. A proposição das questões diz respeito a características formais e de conteúdo, com a intenção de que se reconheçam tais aspectos e relações de sentido. Serão estas:

1. Como os poemas lidos estão organizados? Seguem a mesma estrutura? Há rimas, ritmo, refrão? Como conseguimos identificar estes elementos?
2. Como estes poemas se aproximam dos outros que você já leu? Que diferenças e semelhanças você pôde observar?
3. Na primeira estrofe de “Poesia é palavra ilimitada” (Dall Farra), é possível identificar qualidades utilitárias acerca da poesia. Quais? Cite versos em sua resposta.
4. No poema de Danielle Almeida, o sujeito lírico se identifica como “Arteira”. Como se dá essa descrição? Cite versos.
5. O poema de Drummond também aborda o fazer poético. Como o texto compreende este fazer?
6. Em “Motivo”, o sujeito lírico reafirma a presença e a importância de seu canto, e identifica-se como poeta. Segundo o poema, o que caracteriza ser poeta?
7. Em “Traduzir-se”, a partir da composição em primeira pessoa e o pronome reflexivo do título, inferimos que a proposta é interpretar a si mesmo. Cite versos em que esta intenção é comprovada.

Para acompanhamento das leituras, a atividade de interpretação com as questões aqui dispostas serão discutidas na turma e também terão seu registro escrito, a depender da

organização do professor/a na turma. E, então, as impressões de leituras serão retomadas em todo o grupo, não com o intuito de verificação de respostas, mas de compartilhar as impressões acerca da recepção do texto poético. Esta partilha de dados será feita a partir da exposição das respostas, na turma, pelos envolvidos que se dispuserem a interagir expondo suas colocações.

Pensando na proposta de trabalho com poesia /estudo do texto poético, as questões levantadas abordam concepções de poesia e de poeta, reconhecimento do sujeito lírico, funções da poesia, questões estilísticas, entre outros aspectos. A partir destes poemas, temos em vista o fomento da leitura e o contato com a diversidade do texto poético, evidenciando as múltiplas relações de sentido que se estabelecem.

A intenção é que o leitor amplie a concepção que tem do que seja poesia, entendendo que esta não está restrita a textos de poetas que mais recorrentemente aparecem no livro didático, por exemplo. Assim, nesta primeira oficina, leitor/estudante entrará em contato com noções introdutórias sobre elementos do texto poético, podendo, também de maneira introdutória, já ver essas questões no poetry *slam* e reconhecer diferenças entre a linguagem poética comumente usada nele e em poemas mais canônicos, tradicionais.

3.3. OFICINA 2: não serei anônima

Para esta oficina, o objetivo é compreender a poesia *slam* e seus desdobramentos como uma prática de letramento na qual questões metalinguísticas são atreladas a questões identitárias, onde a voz lírica abrange o fazer poético, observando questões de reconhecimento e gestos de resistência.

Antes de seguirmos as atividades, torna-se necessário observar o uso de alguns conceitos que estão presentes nas leituras. Para isso, além de introduzi-los, é importante considerar apresenta-los de modo mais denso e também contextualizar. Aqui, a intenção é reconhecer o que molda uma sociedade patriarcal, como ponto de partida para observar as nuances de desigualdades e de opressão contra a mulher, para assim visarmos ao empoderamento.

Sobre o movimento de empoderar-se, Berth (2018) discorre sobre a palavra “empoderamento” e ressalta a importância de refletir sobre os processos de mudança e esvaziamento de sentido que o conceito teve. Ao problematizar seu uso por parte do neoliberalismo, como um movimento individual e despolitizado, esvaziado de seu sentido de transformação e coletivo, a autora analisa as relações de opressão na sociedade brasileira e

reforça o empoderamento enquanto prática social. A autora reitera ainda a importância da educação para possibilitar a transposição de barreiras instituídas pelo machismo e sexismo. Assim, uma “pedagogia do engajamento”, como menciona bell hooks (2013), faz-se fundamental para que indivíduos conscientes se posicionem e formem coletivos empoderados, dotados de informações suficientes para o enfrentamento diante de opressões institucionalizadas.

Em conformidade com Berth (2018), nessa perspectiva, em alusão a Freire, revela-se importante que o empoderamento seja fundado numa percepção crítica sobre a realidade social com vistas a ações práticas na realidade concreta, pois não se tem empoderamento efetivo sem se contrapor à estrutura vigente e dominante. Nesse sentido, ela assinala:

[...]quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. (BERTH, 2018, p.14).

Apontando para a interseccionalidade, a autora traz análises que visam descortinar situações estruturais de opressão e que incidem de formas diferentes sobre vários grupos e indivíduos. Nesse sentido, a compreensão dos processos históricos estruturantes e de outras categorias sociais e políticas são evidenciados, pois, na sociedade brasileira, há uma sub-representação das mulheres negras, sendo preciso construir “estratégias de enfrentamento ao sistema racista e redes de solidariedade” (BERTH, 2018, p.73). Assim, a autora assinala uma concepção mais ampla da conceituação e análise do empoderamento como um processo contínuo, uma prática social, na qual é imprescindível referenciar autoras negras, além de combater a objetificação e sexualização de mulheres e homens negros.

Para início desta oficina, na motivação, temos a intenção de apresentar/situar a poesia de Conceição Evaristo, uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. A qualidade estética e as referências históricas aos lugares ocupados pelas mulheres negras, com ênfase na autoafirmação das suas vozes, justifica a escolha aqui de “Vozes-Mulheres”. Será feita a leitura do poema na turma de forma oral e compartilhada, considerando leitura oral como sinônimo de oralização do poema verbal. Em seguida, motivaremos a partilha das impressões de leitura do poema, observando as “vozes” que se agregam.

Se possível, a reprodução/distribuição do poema na turma poderá ser feita através de xerocópias também, não deixando de considerar a obra da autora em suporte original. Aqui,

apresentaremos o poema publicado originalmente no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), como também o prefácio da antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019).

Na introdução, momento aqui dividido em duas atividades, buscaremos nos conectar com a poesia *slam* feita por mulheres, em especial, através da temática do empoderamento por meio da autoafirmação do sujeito lírico feminino. Para isso, partiremos da performance de Mariana Felix com o poema “Receita”⁸ (Cotidiano), no qual aborda empoderamento como um processo, ao encontro com Berth (2018). Exibiremos o vídeo com o *slam* e, em seguida, daremos início a uma roda de conversa abordando os seguintes pontos:

1. Empoderar-se é o movimento de tomar poder sobre si. O que você entende por uma pessoa empoderada?
2. Como a voz lírica em “Receita” descreve seu processo de empoderamento?

Seguindo para o segundo momento da introdução, abordaremos o *slam* “Todas as mulheres” (Bell Puã), no qual chama atenção para os tipos de opressões e silenciamentos sofridos. Partindo do poema para esta observação, será proposta na turma o seguinte exercício: Identifique situações de dominação/opressão vividas por mulheres. Para isso, observe ao seu redor, dialogue entre seus pares e depois, volte esta discussão ao grupo e partilhe suas observações.

Este momento será iniciado em sala. Aqui, explicaremos a proposição da observação, indicando a retomada em momento/aula seguinte; faz-se importante ter o registro escrito do exercício proposto bem como de suas considerações, ideias, enfim, para então fazer a partilha destes dados. Ressaltando a importância do respeito em todas as instâncias, observaremos as contribuições (orais e escritas) na turma tendo em vista não promover dano algum aos envolvidos.

Já em outro momento/aula, através de uma roda de conversa retomaremos o poema e a proposição de observar situações de dominação/opressão vividas por mulheres em nossa sociedade. Através destas leituras partilhadas temos intenção de atuar diante de condições estruturais em nossa sociedade. Estas, por serem estruturais, estão presentes dentro e fora da escola e então observamos aspectos que permeiam as poesias. Por este exercício de leitura, observação, reflexão e partilha, portanto, pode-se reconhecer tais aspectos estruturantes. No entanto, para isso, revela-se muito importante o professor/a estar atento/a qualquer tipo de desconforto ou resistência diante do texto ou a outro aspecto da mediação.

⁸ “Receita” de Mariana Félix, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O_uafkESJE0.

Na leitura, abordaremos quatro poemas *SLAMS*; considerando dividir os textos em grupos menores para a realização oral e, depois, integrar as impressões de leitura a todo grupo posteriormente, na interpretação. A princípio cada grupo ficará com um poema para a realização da leitura e, em seguida estes serão trocados/redistribuídos, de modo que toda a turma interaja com todos os textos. Através dos *SLAMS* “Não” (Bell Puã), “não serei anônima” (Ryane Leão), “Fadiga” (Luiza Romão) e “Para Conceição” (Cristal Rocha), temos a intenção de mobilizar o reconhecimento da afirmação individual e coletiva da voz da mulher como um gesto de resistência às opressões sofridas.

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 2
<p>1. <i>Não</i> - Bel Puã</p> <p>eu não falo pelas mulheres chega de sermos interrompidas</p> <p>não eu não falo pelas mulheres quero ouvi-las</p>
<p>2. <i>não serei anônima</i> – Ryane Leão</p> <p>falarei meu nome repetidas vezes contarei sobre todas que vieram antes de mim uma por uma não adianta tapar os ouvidos porque cicatriz aberta não ecoa só por fora mas por dentro verão minha existência escorrendo em todos os becos em todos os muros em todas as margens em todos os centros</p> <p>se toda história importa e se só podemos mudar aquilo que nomeamos então seremos obras com título, início, meio e sem fim</p>

audre lorde já dizia
 se erga, diga EU SOU
 e ninguém poderá te apagar
 teu silêncio
 não vai
 te proteger

então grite
 isso não vai te fazer
 inabalável
 mas toda mulher que fala é invencível.

3. *Fadiga* - Luiza Romão

sozinha
 penélope desfia
 desafia
 abutres, o filho, a multidão
 mas os deuses aplaudem Ulisses

4. *Para Conceição* – Cristal Rocha

Quantas das nossas Vozes-Mulheres calaram?
 A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
 Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
 E quantas das nossas vidas apagaram?
 Nossa pele preta escrita deu vida a nossa arte
 As chibatada ainda arde
 Nossa inspiração nasce
 Aprendi com Conceição
 Que somos negros-estrelas, juntos uma constelação
 Valorizei minhas vivências e escrevi poemas de recordação
 De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração
 De geração em geração
 Levo comigo a escrita
 Às vezes cruel e vivida
 de quem teve que voar,
 pois já não
 tinha
 mais
 chão.

É nossa arte escura tomando conta dessa estrutura
 Não queremos mais censura, meu ventre exala literatura
 Sou Fêmea-Fênix me recompondo depois das queimaduras
 Minha aradura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode pagar
 Então vem me atacar!
 Eu já cansei de te ver nos matar
 Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar
 Eu sei que cê não quer me ouvir, boy
 Mas eu tenho muita história pra contar

Da Velha à menina
 Segredos de sobrevivência
 E bendito o sangue de vosso ventre
 Eu levo com a minha essência
 Eu quero “Todos os olhos em nóiz” tô no pique Emicida
 Não estamos mais sós
 A minha força vem de mina
 Eu luto com minha voz,
 Tão potente quanto Djamilá
 Papel e caneta são meus heróis
 Já nasci dependente lírica
 Amor pelo meu corpo-noite
 que já temeu a dor do açoite
 A nossa força vem de longe
 Minha glória não foi sorte, jão
 A história que eu carrego está nos calos de minhas mãos
 Eu já recebi muitos não
 Aprendi a ser redenção
 Hoje quero ser vida inteira
 E transbordar em versos como fez Conceição

Quadro 03: Poemas selecionados para a oficina 2

Seguindo, no momento de interpretação é esperado discorrer acerca de temáticas que envolvem o sujeito lírico nos poemas. Para tal, as questões abaixo serão desenvolvidas coletivamente e também abordadas com registro escrito individual. Em seguida, estes registros serão partilhados com todo o grupo - pelo mediador/a e por quem se dispuser a interagir expondo suas colocações, como também retomando à leitura dos poemas e apresentando respostas das perguntas já registradas. A saber:

1. As leituras dos poemas *SLAMS* evocam, além de uma voz individual, uma voz coletiva, por meio de referências a outras mulheres. Escolha um dos poemas e explique os sentidos dessa coletividade.
2. Os títulos de todos os poemas lidos apontam para um rompimento com o silenciamento ao qual as mulheres são impostas pela sociedade. Explique, pois, como essa ruptura aparece em cada um deles.
3. Partindo de *Vozes-Mulheres*, a voz lírica do poema de Cristal Rocha afirma ter aprendido com Conceição Evaristo. O que, exatamente, ela aprendeu? Explique.
4. Os poemas *Não*, de Bell Puã, e *não serei anônima*, de Ryane Leão, são marcados pela repetição da negativa “não”. Quais os sentidos dessa repetição?
5. Fadiga significa cansaço, exaustão, esgotamento. Em *Fadiga*, de Luiza Romão, a que esse cansaço se refere?

6. Diante do silenciamento imposto pelo patriarcado, vemos, nos poemas, gestos de resistência do sujeito lírico feminino. Cite versos que representem essa resistência.

7. Em quais textos podemos reconhecer as vozes de mulheres negras? Cite versos.

3.4. OFICINA 3: Contracorrente é bem mais difícil

Nesta terceira oficina, buscamos problematizar a universalização da “categoria mulher” como uma identidade única e homogênea. Com base na ótica da interseccionalidade, o objetivo é compreender diferentes perspectivas e marcadores sociais de maneira reflexiva e responsável.

Para isso, na etapa de motivação, partimos da performance de “Tive que gritar para talvez ser levada a sério⁹” (Jamille Santos), tendo em vista mobilizar o reconhecimento do poder representado pela poesia *slam* feita por mulheres. Após a exibição do vídeo, começaremos uma roda de conversa a partir da seguinte questão: A voz lírica presente no poema afirma ter tido que gritar. Por quê? Esta ação (gritar), no contexto, poderia ser substituída por outra? (falar, escrever, telefonar, cantar, por exemplo) Por quê?

Para a introdução, faremos a leitura compartilhada de dois poemas da referida antologia, “Manas” (Mariana Felix) e “espancaestanca” (Luz Ribeiro). A intenção é evidenciar, na poesia *slam* de autoria feminina, as multifacetadas opressões sofridas. Em uma roda de conversa, retornaremos aos poemas *SLAMS* das etapas anteriores (introdução e motivação) e abordaremos as questões a seguir:

1. Em “Manas”, de Mariana Felix, a voz lírica defende uma conduta específica ao referir-se a seu agressor, apresentando uma “arma” de luta. A que se refere esta conduta? Cite versos. Que efeitos/sentidos têm esta escolha de comportamento?

2. A partir do título, o poema “espancaestanca” de Luz Ribeiro contesta um comportamento. Em que consiste este contestamento? Cite versos.

A etapa de leitura, através da interseccionalidade como categoria de análise, tem a intenção de mobilizar o pensamento complexo acerca da universalização da “categoria mulher” como identidade única e homogênea. Para tal, faremos a leitura oral e compartilhada dos poemas: “Contracorrente é bem mais difícil” (Anna Suav); “Coisa de Preto” (Cristal Rocha); “Na ponta do abismo” (Dall Farra) e “Cordel fora do armário” (Laura Conceição).

⁹ “Tive que gritar para talvez ser levada a sério” (Jamille Santos) Disponível em: <https://youtu.be/laEDzsNRwRU>

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 3

1. *Contracorrente é bem mais difícil* - Anna Suav

Fiz um acordo com a minha história
 Um novo ciclo sem sacrifícios
 Se dar por vencida nem sempre é derrota
 Priorizando o fato que importa
 E o que transporta, eleva sem peso
 Travei uma guerra com meu limite nenhum de nós saiu ileso
 No ano da justiça vou fazer minha colheita
 Quem não deve não teme, apenas receba
 Apenas entrego na essência de ajudar
 Se não vou contribuir, vou bem menos atrapalhar
 Que essas águas doces que me banham nunca me abandonem
 Navê, eu te encontrei, que tuas bênçãos se derramem
 O vento que passa rápido alivia meu cansaço
 Acumulado nos percalços que eu tanto me desfaço
 Rodeada de abraços que funcionam como afago
 Se me ferem, não reajo, o bem maior que diz, eu me afasto
 Nadando na contracorrente eu sei que nada é permanente
 É exaustivo, a gente sente, mas meus guias estão presentes
 Como a água, tudo passa, naturalmente precisa passar
 Mas fecho pro que não soma, eu vivo pra encontrar
 O batuque é quem conduz e eu sigo sem contestação
 É chamado ao reencontro, é chama de libertação
 Pede a bênção e a licença pra entrar na tua casa
 Não dê as costas para quem abre o teu caminho e a tua estrada
 Sensível ao que me cerca no tempo particular
 Não tenho pressa, mas se eu corro, ninguém vai me segurar
 Infinita tenho em mim segredos de uma lua cheia
 Ofuscando pensamentos com a luz que encandeia
 Por fora seguro a onda, dentro pulso acelerado
 Cuido dos meus pares, quero o zen compartilhado
 A queda parece o fim, reconecta ao passado
 Generosa é a vida que nos traz aprendizados
 Confluências me embalam, aquecem, deixo banhar
 Espaço tenho de sobra, escolho quem deixo entrar
 O vento que passa rápido alivia, mas não cessa
 Tudo que acumulei em todas as entregas
 Rodeadas de afagos oferecidos por abraços
 Se me ferem, eu aprendo, o bem maior que diz: cuidado!

2. *Coisa de Preto* - Cristal Rocha

“Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha”
 Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
 Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga
 Agora entende por que explodo na roda de poesia?
 Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir

Esses tiozão que nos poda antes da gente florir

Se a verdade tem que ser dita, então eu vou repetir
 Tô aprendendo agora o que na escola não aprendi
 Com Malcolm, Djamila e Muhammad Ali

E EU SOU DO SUL

Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul
 Porque gaúcho é visto com olho azul
 Mas a verdade ninguém vê
 Histórias mal contadas como num conto de fadas
 Mas as farpas da verdade ainda vão te machucar
 Essa terra difamada
 Que eles insistem em idolatrar
 Facada na pele, se entregue
 Ou vão na frente pra lutar!

“Ah, ô! Que mimimi! Cor de pele não importa.”
 Então vai dizer que é coincidência ter tanta gente preta morta?
 E quanto à cultura negra que cês tanto menospreza
 Nas noite tuas filha paty ouve a batida e se requebra
 E os boy acham que o Waack é racista, né?
 Mas são o primeiro a debochar quando as preta chegam na pista
 Deturpação das mulheres negras
 “Os cabelo pingano de creme”
 “Ó lá as maloqueira!”
 As preta são salientes, meninas brancas, inocentes.
 Pele clara boa moça, mas nossa postura é indecente?
 Tratando nossas mulheres como experientes
 Corpos negros não valem nada até que você experimente
 Nego, roubaram teu amor-proprio, mas ninguém avisou
 Eu sei que guarda mágoa de uma cicatriz que não sarou
 Mas... “*take is easy*, meu irmão de cor”!
 E se eu te falar que Brother Charles não *takeiteasyou*?
 Que pro meu irmão de cor ainda é foda falar de amor?
 Que em meio à luta é difícil esquecer a dor
 Consequentemente a mesma dor que Charles cultivou.

Então levanta, nego!
 Quem disse que o mundo não é teu
 Tu não merecia essa vida, essa vida que te mereceu
 Nego, disseram: “Aguenta!”.
 Mil tretas, enfrenta!
 Eles dizem que tu nem tenta.
 Levanta a cabeça e sem piedade
 Vão senti o peso da tua caneta
 E que tentem me abafar! Eu sou a resiliência!
 RESISTÊNCIA que eu demonstro
 Então venha e me dê monstros pra enfrentar
 E se quiser adjetivos de monstra pode me chamar.

Em três minutos não caberia o que um preto passa na vida

Tô te incomodando? Tá dando certo!
 É pra nossa dor não passar batida
 Não adianta, falar de pele já faz parte da minha rotina!
 Prazer, da Rocha um Cristal eu vim tocar na sua
 ferida.

3. *Na ponta do abismo* - Dall Farra

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa
 suspeito
 não chora nem fala das mortes diárias
 pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
 _ Preta é firme
 teu corpo foi alvo da falta de amor
 teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
 quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza por
 causa da cor
 mas preta é forte, sempre ouvi falar
 mãe, preta!
 Resiste desde que não sabia o que era existir
 Mãe preta!
 que pariu no reboliço e trouxe com muito ofício outra preta que não
 sorriu
 Filha de preta!
 Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de
 cansada entalado na garganta
 E os bicos de diaristas entalados na minha herança
 vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância
 os homens que me olhavam revestidos de ganância
 e pra eles não importa se se trata de uma criança
 hipersexualizar era um hobby da minha vizinhança
 dedos te apontaram e hoje o cano te aponta
 amanhã outro julgamento julgando que cê aguenta
 tua cabeça um reboliço
 teu corpo cumpriu caprichos
 tua mãe também passou por isso e todas da tua família
 tua vó bem que dizia:
 _ É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas
 vejo uma morte lenta
 Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença
 Com as forças dos ancestrais internalizou que aguenta
 Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco
 E viu que a força é um detalhe pra quem vive de resistência

4. *Cordel fora do armário* - Laura Conceição

Essa é minha história
Incrível causo eu vim contar
A poesia hoje me aflora
Trouxe versos na sacola.
Dizem que sou criativa
Muita gente me incentiva
Surgiu então um babado
Pra desfazer malfalado
Eu assumo amar meninas.

A sociedade me apaga
Alguns amigos têm vergonha
Se são minhas cama e fronha
Então, por que te desagrada?
Ó, pátria amada,
Me diz, como entender?
Faça parar de doer
Seus filhos estão amando
E por isso estão sangrando
Enquanto eu falo estão matando
Mais um LGBT

Geralmente me olham estranho
Falam pelos cotovelos
Da minha roupa e do cabelo
Pois ele eu trancei com pano
De que te importa quem eu amo?
Excluíam-me quando criança
Por meu peso na balança
Cabelo encaracolado
Mais com estilo desleixado
Hoje a menina ainda dança

São muitas meninas,
Vivem em conflito interno
Pois preferem usar terno
Ou às vezes não ter vagina
Então, imagina
Se amar ao ver os espelhos
Novo corte de cabelo
Morte e vida severina
Ainda retiram vidas
No sertão do preconceito

Na sua mente não cresce flor
Na minha alma crescem hematomas
Esse é um poema de defesa, não apenas uma afronta
Eu já tô mais do que pronta

Mas eu não nasci pronta
 Tive que me lapidar
 Imagina quanta coisa eu não ouvi
 Por pouco não me vendi

Me ensinaram a me odiar,
 Quero amar sem temer
 Liberdade ao meu corpo
 Perante o mundo todo
 Não precisa se convencer
 Será que deu pra entender?
 Cansada de explicar,
 Quando isso vai acabar?
 Eu sou bem paciente
 Sou lésbica, não doente
 Então não tente me curar

A mídia diz o que fazer
 Mas não sou massa de manobra
 A justiça uma hora cobra
 Ninguém vem me defender.
 Meu filho vai aprender
 A não cair em fina malha
 A traçar suas batalhas
 A não ser um otário
 E que dentro de armário
 Só as crônicas de Nárnia

Adolescentes se mataram
 Ontem se suicidaram
 Amanhã dirão adeus
 É letal a hipocrisia
 É mortal a transfobia
 Até quando matarão os meus
 Pra inflar o ego dos seus?
 Meu Deus!

Quadro 04: Poemas selecionados para a oficina 3

Para a leitura dos poemas, primeiro, antes de iniciar a oralização, será proposta a seguinte atividade aos leitores/ouvintes: observar em cada poema algum/a palavra/pensamento/expressão/ideia/sentimento que lhe marcou/chamou atenção, somente um, para que, em outro momento, esta ideia e o porquê dela seja compartilhada com o grupo. Aqui, a intenção é promover a reflexão acerca das subjetividades e da complexidade que há em “fechar” um significado em uma única ideia/palavra. Após as leituras de cada um dos poemas no grupo, através de uma roda de conversa, as impressões irão se apoiando e ampliando colaborativamente.

Na interpretação, espera-se reconhecer e situar diferentes perspectivas e marcadores sociais de maneira reflexiva e responsável. Para tal, daremos sequência às observações levantadas na roda de conversa do momento anterior (da leitura) a partir das seguintes questões:

1. O que significa a expressão “contracorrente”? E o que podemos entender em estar em movimento contracorrente? E a favor da corrente?

2. Em “Se me ferem, não reajo, o bem maior que diz, eu me afasto / Nadando na contracorrente eu sei que nada é permanente / É exaustivo, a gente sente, mas meus guias estão presentes”, a quem o sujeito lírico se refere com “a gente”? Cite versos para explicar sua resposta.

3. Em “Coisa de preto” (Cristal Rocha), temos: “E EU SOU DO SUL /Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul”. Em que consiste esta afirmação do sujeito lírico? Cite versos para explicar sua resposta.

4. O *slam* de Cristal Rocha segue revelando a deturpação da mulher negra e a depreciação da sua imagem em relação a de outros corpos. Cite trechos/versos onde é possível evidenciar tais ações.

5. Em “Na ponta do abismo” (Dall Farra), observamos um “perfil” de mulher. Em que consiste esta imagem? De que maneira é edificado este perfil? Aponte versos para explicar sua resposta.

6. Observe os versos: “Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de cansada entalado na garganta” e “É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas vejo uma morte lenta”. Em que consiste este caminho então já traçado declarado pelo sujeito lírico? Cite versos para compor sua resposta.

7. Em “Cordel fora do armário”, a voz lírica feminina revela uma narrativa que lhe é particular, mas que alcança a toda sociedade. Em que trechos/versos é possível identificar a relevância do conteúdo do poema?

8. O texto chama a atenção sobre questões como conflito interno, lugar de exclusão e preconceito. Diante disso, como está sendo sinalizado o enfrentamento? Cite versos para explicar sua resposta.

Através dos *SLAMS* “Contracorrente é bem mais difícil” (Anna Suav); “Coisa de Preto” (Cristal Rocha); “Na ponta do abismo” (Dall Farra) e “Cordel fora do armário” (Laura Conceição) revela-se possível atuar diante do lugar de contrafluxo permitem pensar acerca da conduta de não-violência, o que não quer dizer que não enfrentamento, ele existe. As poesias também abordam preconceitos e estigmas, observando as imagens de corpos objetificados como

também o perfil ilusório da mulher guerreira. Ademais, estas partilhas de leitura de *slam* de autoria feminina compreendem reflexões necessárias acerca dos diferentes níveis e formas de atuação diante da opressão e silenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuir para o desenvolvimento da capacidade de usar efetivamente a linguagem é uma das disposições da educação escolar, tanto por meio de gêneros textuais que se organizam protocolarmente tanto a partir mediações que são objeto de estudos próprios da aula de língua portuguesa. Ainda assim, faz-se importante ter em vista tais processos e situações de letramento além do eixo institucionalizado, considerando promover a leitura de gêneros literários e poesia, especialmente.

Diante disso, ao considerar diferentes tipos e níveis de letramentos, revela-se necessário refletir sobre as variantes que se estabelecem na apropriação da leitura e da escrita em diferentes campos. Acerca da leitura literária e a função da literatura como elemento transformador, entendemos, então, que a leitura partilhada do texto poético compreende uma relação efetiva e afetiva com a arte literária, acionando as suas funções estética, humanizadora e social.

Para além da escola, espaço formal de ensino/formação, a sala de aula compreende um organismo vivo, no qual o papel destinado aqui ao professor/a diz respeito a mediar. Recorrentemente, em sala de aula, em meio aos processos de ensino, nos deparamos com a reprodução de barreiras que são estruturais. Assim, visando ao encontro da ideia de letramentos, ao apresentar uma mediação de leitura de poesia *slam* de autoria feminina através da interseccionalidade, temos em vista mobilizar o reconhecimento tanto de aspectos estéticos e sociais abordados nos textos poéticos como promover a leitura dos gêneros literários os mais diversos, na escola.

Assim como outras artes, a Literatura não tem poder de modificar a realidade imediata de seus sujeitos interlocutores, porém traz potencialidades que mobilizam a observação da vida, da existência e seus comportamentos. Isso porque a arte literária, ao mesmo tempo que provoca a reflexão, responde a algumas de nossas inquietações por meio de representações simbólicas. Observando tais potencialidades, evidencia-se a multiplicidade do texto poético nos processos de letramentos, natureza deste trabalho. Enquanto gênero literário, a poesia é objeto na arte literária que mobiliza diversas materializações de pensamentos, reflexões, estados,

fazendo conhecer o que lhe é próprio e também alheio.

Acreditamos que o trabalho proposto com a poesia *slam* de autoria feminina atende bem a este processo, fazendo com que, na formação de leitores, os alunos e as alunas entrem em contato com um contexto de circulação dos textos literários que não está restrito ao papel e considera fortemente a expressão. Nesse sentido, ressaltamos a relevância da realização oral

dos poemas e da partilha das leituras, entendendo ser esta uma prática na qual mobiliza as vozes dos estudantes e aproxima ainda mais a poesia da performance.

Assim, o texto diz respeito às experiências. E torna-se preciso, além de promover espaço para a leitura de poesia, observar um caminho para o seu desenvolvimento crítico, atentando-se às suas manifestações e considerando-a um importante instrumento de expressão humana, conforme justifica Candido (1995) ao referir-se à função humanizadora da Literatura.

Desta forma, ao pensar no ensino de literatura resulta necessário observar gêneros e repertório e uma mediação na qual privilegie a produção colaborativa e o cruzamento artístico-cultural de saberes. Da mesma maneira, é indispensável pensar a escola enquanto organismo vivo, compreendendo a literatura como experiência humana, universal e agregadora.

De acordo com os argumentos propostos por Hélder Pinheiro Alves (2007, 2012) sobre a função social da poesia e a prática da leitura, entendemos a importância de “realizar uma experiência significativa de leitura literária em sala de aula, tomando como norte a possibilidade de um contato efetivo com os textos literários” (ALVES, 2012, p.93).

Para tal, o referido Caderno de Atividades compreende uma proposta de mediação direcionada aos anos finais do ensino fundamental, por meio da qual o letramento literário é visto como um “[...] processo de apropriação da literatura enquanto construção literária dos sentidos.” (COSSON, 2014, p. 67). Elaborado a partir de três oficinas temáticas, esse caderno tem a intenção de mediar a leitura de poesia em sala de aula, buscando oportunizar meios/espços para contatos de vivência e expressão através da função poética da linguagem, encontrada predominantemente na linguagem literária, sobretudo na poesia.

Nesta perspectiva, a proposta de mediação com a poesia *slam* abarca toda a potencialidade da poesia falada na construção de significados aliada à relação entre poeta e público/leitor e ao cenário democrático e diversificado de expressão nas batalhas de poesia. Revela-se então, a multiplicidade do texto poético e nesse sentido, a mediação de *slams* busca amenizar a possível distância entre leitor literário e texto poético – e a ideia de sacralização que a poesia possa ter adquirido, seja nas aulas de Língua Portuguesa na educação básica ou ao longo de sua formação leitora.

Ademais, em meio às possibilidades técnicas de produção, reprodução e compartilhamento dispostas pela tecnologia, parece a poesia *slam* não perder o vigor diante da impossibilidade do encontro presencial em meio à maior crise sanitária do país. Em referência à ausência do contato físico presencial nas batalhas de poesia, vozes e público seguem transformando e recriando espaços para a poesia.

Compreendemos, diante desta observação, que, numa sociedade estruturalmente formada a partir de processos de exclusão, discriminação e preconceito, é urgente pensar em práticas de atuação e resistência que garantam as existências diversas de uma sociedade multicultural pós-moderna.

Assim, o proposto caderno de atividades tem a intenção de mediar a leitura de poesia em sala de aula promovendo meios/espços para a experiência literária e expressão; por meio de reuniões remotas torna-se possível a leitura partilhada, realização oral dos poemas, performances, rodas de conversa, entre outras abordagens observando o momento no qual a sociedade repensa também acerca das estratégias de ensino.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, Ana Caroline de; CORRÊA, Hércules Tolêdo. Memórias na sala de aula: análise de uma prática pedagógica na perspectiva do letramento literário. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 108-130, maio/ago. 2017.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Dayane N. Conceição de Assis. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOSI, Alfredo. **Poesia-resistência**. O ser e o tempo da poesia. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF__versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

BRIZOLA, Ana Claudia Antunes Brizola; LOURENSO, Bruna. Mulheres nos Slam's: de musas a poetas. *Revista Sociologias Plurais*, v. 6, n. 1, p. 183-202, jan. 2020.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males. 2002

CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura**. Vários escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2006.

CARNEIRO, Sueli. (2003). **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (Orgs.), *Racismos contemporâneos* Rio de Janeiro: Takano Editora.(p. 49-58).

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 10, n. 1, p.171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). Acesso em: 26 fev. 2021 <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8, p. 139-167.

D'ALVA, Roberta Estrela. **SLAM: voz de levante**. Rebento, São Paulo, n. 10, p. 268- 286, junho 2019. Vozes em Luta | *SLAM: voz de levante*. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>. Acesso em: 26 fev. 2021.

D'ALVA, Roberta. O que é Poetry *Slam*? Com Roberta Estrela D'Alva - Top Dicas Sesc #48. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bojuwnv6yd0> Acesso em: 04 de mar. 2021. 2:23

D'ONOFRIO, Salvatore. **Estrutura do texto literário**. Teoria do texto: Prolegômenos e e teoria da narrativa. 2.ed. Sao Paulo: Editora Atica, 2004.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Rita Jover-Faleiros (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP. Parábola, 2013.

DUARTE, Mel. **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. Mel Duarte (org.). São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ECO, Umberto. Sobre a literatura. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

ELIOT, T. S. **De poesia e poetas**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (p. 25-37).

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FELIX, Mariana. Receita (Cotidiano). Youtube Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O_uafkESJE0 Acesso em: 04 de mar. 2021. 3:40

FELIX, Mariana. Você já foi poesia hoje? Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sqOKyxY7wyU> Acesso em: 04 de mar. 2021. 2:34

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KEFALÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Das leituras ao letramento literário. Belo Horizonte: FAE/UFMG; Pelotas: EDGUFPEL, 2010. p. 154-166.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: ENP, 2004 Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2014. Disponível em: http://www.academia.edu/1387699/Letramento_e_capacidades_de_leitura_para_a_cidadania. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

SANTOS, Jamille. Tive que gritar para talvez ser levada a sério...Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laEDzsNRwRU> Acesso em: 04 de mar. 2021. 1:33

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280> Acesso em 07 dez 2020.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola, 2011

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VERGÈS, Françoise. **Prefácio à edição brasileira**. Un féminisme décolonial / Um feminismo decolonial. Françoise Vergès; traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. (p. 11-12)

ZAPPONE, Mirian. **Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas**. Revista teoria e prática da Educação, v. 11, n. 1, p. 49-60, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 1

1. Poesia é palavra ilimitada – Dall Farra

Mundo ensina que poesia é palavra ilimitada disparada braba
 Que cura problemas psicológicos, foge de diagnósticos
 te faz sorrir sem tarja preta
 Ensina que o mundo é muita treta e que não estamos preparados para reparação histórica
 Mundo, ensina outro caminho que ultrapasse o egoísmo e desfaça os invisíveis
 pois debaixo da marquise não há lugar para o teu ego
 Mundo, ensina!
 Que desigualdade é pauta, que o padrão é coisa pra substituir verdades

Quem for viver de lecionar vai passar muito perrengue
 Pois no ranking da importância o capital passou da frente da educação e da mudança
 Ensina que é questão de ideia e que ideia tá em falta
 Pensar não é só filosofia é também uma questão de vida
 Que a corrida alienada traz a competição à tona
 Competir é nosso lema
 Por isso que nosso esquema tem por maestria money
 Vários menor passando fome, mas fazendo jornada tripla
 Riquezas pra minoria
 Balas com destino certo e camarote pra burguesia
 Ensina agora que isso tudo vai ser shot de terapia
 Vai faltar psicologia pra estancar essa sangria de doença pós-moderna

2. Arteira – Danielle Almeida

Sou arteira
 Vivo arte
 Nasci do encontro e da arte de dois corpos nus
 Ouço arte

Canto arte
Como arte
Gosto da arte desmedida
Gosto da arte além do comum
Arte é livre
Ainda verei a arte preencher ainda mais as favelas do Brasil
Na rua tem arte
Nos muros tem arte Tudo é arte
Nela quero fazer morada Morada livre
Até o dia em que meu coração irrigado de sangue e de arte pare de bater

3. Poesia - Carlos Drummond de Andrade

Gastei uma hora pensando um verso
Que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
Inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
E não quer sair.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira.

4. Motivo -Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
—não sei, não sei.
Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto.
E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
—mais nada.

5. Traduzir-se – Ferreira Gullar

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão de vida ou morte
- será arte?

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 2

1. Não - Bel Puã

eu não falo
pelas mulheres
chega de sermos
interrompidas

não
eu não falo
pelas mulheres
quero ouvi-las

2. Não serei anônima – Ryane Leão

falarei meu nome repetidas vezes
contarei sobre todas que vieram

antes de mim
uma por uma
não adianta tapar os ouvidos
porque cicatriz aberta
não ecoa só por fora mas por dentro
verão minha existência
escorrendo
em todos os becos
em todos os muros
em todas as margens
em todos os centros

se toda história importa
e se só podemos mudar
aquilo que nomeamos
então seremos obras
com título, início, meio e sem fim

audre lorde já dizia
se erga, diga EU SOU
e ninguém poderá te apagar
teu silêncio
não vai
te proteger

então grite
isso não vai te fazer
inabalável
mas toda mulher que fala é invencível.

3. Fadiga - Luiza Romão

sozinha
penélope desfia desafia

abutres, o filho, a multidão
mas os deuses aplaudem ulisses

4. Para Conceição – Cristal Rocha

Quantas das nossas Vozes-Mulheres calaram?
A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
E quantas das nossas vidas apagaram?
Nossa pele preta escrita deu vida a nossa arte
As chibatada ainda arde
Nossa inspiração nasce

Aprendi com Conceição
Que somos negros-estrelas, juntos uma constelação Valorizei minhas vivências e escrevi
poemas de recordação
De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração
De geração em geração
Levo comigo a escrita
Às vezes cruel e vivida d
e quem teve que voar, pois já não
tinha mais chão.

É nossa arte escura tomando conta dessa estrutura
Não queremos mais censura, meu ventre exala literatura
Sou Fêmea-Fênix me recompondo depois das queimaduras
Minha aradura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode pagar
Então vem me atacar!
Eu já cansei de te ver nos matar
Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar
Eu sei que cê não quer me ouvir, boy
Mas eu tenho muita história pra contar
Da Velha à menina
Segredos de sobrevivência

E bendito o sangue de vosso ventre
 Eu levo com a minha essência
 Eu quero “Todos os olhos em nóiz” tô no pique Emicida
 Não estamos mais sós
 A minha força vem de mina Eu luto com minha voz,
 Tão potente quanto Djamila
 Papel e caneta são meus heróis
 Já nasci dependente lírica

Amor pelo meu corpo-noite
 que já temeu a dor do açoite
 A nossa força vem de longe
 Minha glória não foi sorte, jão
 A história que eu carrego está nos calos de minhas mãos
 Eu já recebi muitos nãoos
 Aprendi a ser redenção Hoje quero ser vida inteira
 E transbordar em versos como fez Conceição

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 3

1. Contracorrente é bem mais difícil - Anna Suav

Fiz um acordo com a minha história
 Um novo ciclo sem sacrifícios
 Se dar por vencida nem sempre é derrota
 Priorizando o fato que importa
 E o que transporta, eleva sem peso
 Travei uma guerra com meu limite nenhum de nós saiu ileso
 No ano da justiça vou fazer minha colheita
 Quem não deve não teme, apenas receba
 Apenas entrego na essência de ajudar
 Se não vou contribuir, vou bem menos atrapalhar

Que essas águas doces que me banham nunca me abandonem
 Navê, eu te encontrei, que tuas bênçãos se derramem
 O vento que passa rápido alivia meu cansaço
 Acumulado nos percalços que eu tanto me desfaço
 Rodeada de abraços que funcionam como afago
 Se me ferem, não reajo, o bem maior que diz, eu me afasto
 Nadando na contracorrente eu sei que nada é permanente
 É exaustivo, a gente sente, mas meus guias estão presentes
 Como a água, tudo passa, naturalmente precisa passar
 Mas fecho pro que não soma, eu vivo pra encontrar
 O batuque é quem conduz e eu sigo sem contestação
 É chamado ao reencontro, é chama de libertação
 Pede a bênção e a licença pra entrar na tua casa
 Não dê as costas para quem abre o teu caminho e a tua estrada
 Sensível ao que me cerca no tempo particular
 Não tenho pressa, mas se eu corro, ninguém vai me segurar
 Infinita tenho em mim segredos de uma lua cheia
 Ofuscando pensamentos com a luz que encandeia
 Por fora seguro a onda, dentro pulso acelerado
 Cuido dos meus pares, quero o zen compartilhado
 A queda parece o fim, reconecta ao passado
 Generosa é a vida que nos traz aprendizados
 Confluências me embalam, aquecem, deixo banhar
 Espaço tenho de sobra, escolho quem deixo entrar
 O vento que passa rápido alivia, mas não cessa
 Tudo que acumulei em todas as entregas
 Rodeadas de afagos oferecidos por abraços
 Se me ferem, eu aprendo, o bem maior que diz: cuidado!

2. Coisa de Preto - Cristal Rocha

“Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha”
 Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
 Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga

Agora entende por que explodo na roda de poesia?
 Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir
 Esses tiozão que nos poda antes da gente florir
 Se a verdade tem que ser dita, então eu vou repetir
 Tô aprendendo agora o que na escola não aprendi
 Com Malcolm, Djamila e Muhammad Ali

E EU SOU DO SUL

Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul
 Porque gaúcho é visto com olho azul
 Mas a verdade ninguém vê
 Histórias mal contadas como num conto de fadas
 Mas as farpas da verdade ainda vão te machucar
 Essa terra difamada
 Que eles insistem em idolatrar
 Facada na pele, se entregue
 Ou vão na frente pra lutar!

“Ah, ô! Que mimimi! Cor de pele não importa.”
 Então vai dizer que é coincidência ter tanta gente preta morta?
 E quanto à cultura negra que cês tanto menospreza
 Nas noite tuas filha paty ouve a batida e se requebra
 E os boy acham que o Waack é racista, né?
 Mas são o primeiro a debochar quando as preta chegam na pista
 Deturpação das mulheres negras
 “Os cabelo pingano de creme”
 “Ó lá as maloqueira!”
 As preta são salientes, meninas brancas, inocentes.
 Pele clara boa moça, mas nossa postura é indecente?
 Tratando nossas mulheres como experientes
 Corpos negros não valem nada até que você experimente
 Nego, roubaram teu amor-próprio, mas ninguém avisou
 Eu sei que guarda mágoa de uma cicatriz que não sarou
 Mas... “take is easy, meu irmão de cor”!

E se eu te falar que Brother Charles não takeiteasyou?
 Que pro meu irmão de cor ainda é foda falar de amor?
 Que em meio à luta é difícil esquecer a dor
 Consequentemente a mesma dor que Charles cultivou.

Então levanta, nego!
 Quem disse que o mundo não é teu
 Tu não merecia essa vida, essa vida que te mereceu
 Nego, disseram: “Aguenta!”.
 Mil tretas, enfrenta!
 Eles dizem que tu nem tenta.
 Levanta a cabeça e sem piedade
 Vão senti o peso da tua caneta
 E que tentem me abafar! Eu sou a resiliência!
 RESISTÊNCIA que eu demonstro
 Então venha e me dê monstros pra enfrentar
 E se quiser adjetivos de monstra pode me chamar.

Em três minutos não caberia o que um preto passa na vida
 Tô te incomodando? Tá dando certo!
 É pra nossa dor não passar batida
 Não adianta, falar de pele já faz parte da minha rotina!
 Prazer, da Rocha um Cristal
 eu vim tocar na sua ferida.

3. Na ponta do abismo - Dall Farra

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa
 suspeito
 não chora nem fala das mortes diárias
 pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
 _ Preta é firme
 teu corpo foi alvo da falta de amor

teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza
por causa da cor
mas preta é forte, sempre ouvi falar mãe, preta!
Resiste desde que não sabia o que era existir
Mãe preta!
que pariu no reboliço e trouxe com muito ofício outra preta que não
sorriu
Filha de preta!
Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de
cansada entalado na garganta
E os bicos de diaristas entalados na minha herança
vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância
os homens que me olhavam revestidos de ganância
e pra eles não importa se se trata de uma criança
hipersexualizar era um hobby da minha vizinhança
dedos te apontaram e hoje o cano te aponta
amanhã outro julgamento julgando que cê aguenta
tua cabeça um reboliço
teu corpo cumpriu caprichos
tua mãe também passou por isso e todas da tua família
tua vó bem que dizia:
_É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas
vejo uma morte lenta
Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença
Com as forças dos ancestrais internalizou que aguenta
Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco
E viu que a força é um detalhe pra quem vive de resistência

4. Cordel fora do armário - Laura Conceição

Essa é minha história
Incrível caso eu vim contar
A poesia hoje me aflora

Trouxe versos na sacola.
Dizem que sou criativa
Muita gente me incentiva
Surgiu então um babado
Pra desfazer malfalado
Eu assumo amar meninas.

A sociedade me apaga
Alguns amigos têm vergonha S
e são minhas cama e fronha
Então, por que te desagrada?
Ó, pátria amada,
Me diz, como entender?
Faça parar de doer
Seus filhos estão amando E por isso estão sangrando
Enquanto eu falo estão matando
Mais um LGBT

Geralmente me olham estranho
Falam pelos cotovelos
Da minha roupa e do cabelo
Pois ele eu trancei com pano
De que te importa quem eu amo?
Excluía-me quando criança
Por meu peso na balança
Cabelo encaracolado
Mais com estilo desleixado
Hoje a menina ainda dança

São muitas meninas,
Vivem em conflito interno
Pois preferem usar terno
Ou às vezes não ter vagina
Então, imagina

Se amar ao ver os espelhos
Novo corte de cabelo
Morte e vida severina
Ainda retiram vidas
No sertão do preconceito

Na sua mente não cresce flor
Na minha alma crescem hematomas
Esse é um poema de defesa, não apenas uma afronta
Eu já tô mais do que pronta
Mas eu não nasci pronta
Tive que me lapidar
Imagina quanta coisa eu não ouvi
Por pouco não me vendi
Me ensinaram a me odiar,
Quero amar sem temer
Liberdade ao meu corpo
Perante o mundo todo
Não precisa se convencer
Será que deu pra entender?
Cansada de explicar, Quando isso vai acabar?
Eu sou bem paciente
Sou lésbica, não doente
Então não tente me curar

A mídia diz o que fazer
Mas não sou massa de manobra
A justiça uma hora cobra
Ninguém vem me defender.
Meu filho vai aprender
A não cair em fina malha
A traçar suas batalhas
A não ser um otário
E que dentro de armário

Só as crônicas de Nárnia

Adolescentes se mataram

Ontem se suicidaram

Amanhã dirão adeus

É letal a hipocrisia

É mortal a transfobia

Até quando matarão os meus

Pra inflar o ego dos seus?

Meu Deus!

LISTA DE QUADROS

Quadro 1

Apresentação das poetas	
Poetas	Breve apresentação/biografia ¹⁰
DANIELLE ALMEIDA	tem 23 anos, criada na periferia de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no bairro Moreninha. É poeta e atriz sempre que pode. Sua entrega para a escrita começou efetivamente há cinco anos e, desde então, não parou mais de fazer e viver a poesia, a arte. Teve experiências inesquecíveis com os movimentos de <i>slam</i> e diz que, com isso, sua alma de poeta só progrediu. Atualmente integra o coletivo <i>Slam Camélias</i> . <i>Poesiade um coração suburbano</i> é o nome que dá a seu fanzine, e através dele espalha suas poesias pela cidade, dessa forma sabendo que existe e resiste!
LAURA CONCEIÇÃO	é MC e poeta nascida na região da Zona da Mata Mineira. Em 2017, Laura foi vice- campeã mineira de poesia falada, classificando-se para o Campeonato Brasileiro de <i>Slam</i> . Ainda em 2017, criou o projeto “Poesia na escola”, por meio do qual leva poesia e sonhos para crianças e adolescentes. Atualmente, já realizou mais de 45 visitas aos colégios da cidade e região. Aos 22 anos, Laura se formou em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora e fundou o coletivo de poesia Duas. Ganhou as medalhas Rosa Cabinda e Geraldo Pereira em 2017.
LETÍCIA BRITO	é poeta. Dedicar-se à poesia falada (<i>spoken word/poetry slam</i>) e às microrrevoluções político-sociais em que a poesia incinera, afaga, afeta e transforma. No ano passado, representou o Brasil no Rio Poetry <i>Slam</i> , que reuniu doze poetas competidores de diferentes países e que acontece na Festa Literária das Periferias (Flup). Neste ano integra a banca avaliadora do Flup Poesia Preta; realizou oficina para os professores da rede Sesc nacional e participa do Arte da Palavra do Sesc nacional.

¹⁰ trecho transcrito tal como o original (p. 213-215)

LUIZA ROMÃO

é atriz, poeta e *slammer*. Leonina. Feminista. Formou-se em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Publicou dois livros pelo selo DoBurro: *Sangria*

(2017) e *Coquetel motolove* (2014). No teatro, passou por coletivos como: Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, Cia Ato Reverso, Teatro Documentário e Turma 66/EAD. Adora cinema. Dirigiu e atuou nas séries audiovisuais *Sangria e Revide*.

LUZ RIBEIRO

Em tempos de redes sociais, Luz prefere pousar em redes de balanços e afetos, de maneira que Luz não possui uma base de seguidores estabelecida, Luz não sonha em ter seguidores, Luz sonha em ter sempre com quem seguir. Luz é coletiva: Poetas Ambulantes, *Slam* das Minas SP e Legítima Defesa. Autora dos livros (in)dependentes *Eterno contínuo* (2013) e *Espanca-estanca* (2017). Paulistana nascida no verão de 1988, Luz é: mar-mãe de Bem e filha-mar de Odoya.

MARIANA FELIX

é escritora, *slammer*, apresentadora e militante feminista. Tem dois livros publicados de forma independente: *Mania* (2016) e *Vício* (2017), ambos com poesias, crônicas e dissertações sobre o empoderamento feminino, a relação da autora com a cidade e o amor. Faz parte do coletivo audiovisual composto apenas por mulheres *Prosa Poética*, além de integrar o espetáculo *Samba Poética*.

MEIMEI BASTOS

nasceu em 1991, em Ceilândia, Distrito Federal. É escritora, poeta, atriz e arte-educadora formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Atua em diversos movimentos sociais, promovendo saraus, *SLAMS*, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa especialmente direcionados à população negra e periférica. Premiada pela Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal com o prêmio de Cultura e Cidadania, na categoria Equidade de Gênero. Em 2017, publicou seu primeiro livro, *Um verso e mei*, pela Editora Malê. Atualmente, coordena o *Slam Q'brada*.

MEL DUARTE (ORG.)

nasceu na primavera de 1988 em São Paulo (SP) e teve seu primeiro encontro com a poesia aos 8 anos. É escritora, poeta, *slammer*, produtora cultural e integrante da coletiva *Slam* das Minas SP. Em 2016, foi destaque no sarau de abertura da Flip e a primeira mulher a vencer o Rio Poetry *Slam*. Em 2017, representou a literaturabrasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola. É também autora dos livros *Fragmentos dispersos* (2013) e *Negra nua crua* (2016, Editora Ijumaa).

NEGAFYA

22 anos, moradora do bairro da Sussuarana, Salvador, Bahia, poeta, MC, artista de rua, produtora cultural, ativista cultural, integrante do grupo de poesia Resistência Poética, idealizadora e produtora do *Slam* das Minas BA, vice-campeã brasileira de poesia falada (2016), vice-campeã Rio Poetry *Slam*-Campeonato Mundial de Poesia Falada, graduanda no curso de enfermagem e angocapoeirista. Artista de rua e poeta, durante a apresentação traz denúncias de violências como racismo, machismo e sexismo, além de ter como principais características a expressividade corporal e a linguagem de fácil entendimento do público em geral. Faz da poesia marginal os gritos pretos e femininos de liberdade, resistindo na diáspora africana enquanto ser que transforma a dor em luta.

ROBERTA ESTRELA D'ALVA

é atriz, MC, diretora, pesquisadora e responsável pela chegada dos *poetry SLAMS* (batalhas de poesia falada) ao Brasil. Membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e do coletivo transdisciplinar Frente 3 de Fevereiro. Juntamente com Tatiana Lohmman, dirigiu o premiado documentário *SLAM – Voz de Levante*. Apresentadora do programa *Manos e minas*, na TV Cultura.

RYANE LEÃO

é mulher preta, professora e poeta cuiabana que vive em São Paulo. Publica seus escritos na página *Onde jazz meu coração*, escreve em blogs e páginas autorais há mais de onze anos e recita seus poemas em saraus e *SLAMS* da cidade. Seu trabalho é pautado na resistência das mulheres e focado na luta e no fortalecimento pela arte e pela educação. É filha de Oyá e venta forte no seu peito. *Tudo nela brilha e queima*, seu primeiro livro, publicado pela Editora Planeta em outubro de 2017, está na décima edição.

Quadro 2

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 1
<p>1. <i>Poesia é palavra ilimitada</i> – Dall Farra</p> <p>Mundo ensina que poesia é palavra ilimitada disparada braba Que cura problemas psicológicos, foge de diagnósticos te faz sorrir sem tarja preta Ensina que o mundo é muita treta e que não estamos preparados para reparação histórica Mundo, ensina outro caminho que ultrapasse o egoísmo e desfaça os invisíveis pois debaixo da marquise não há lugar para o teu ego Mundo, ensina! Que desigualdade é pauta, que o padrão é coisa pra substituir verdades</p> <p>Quem for viver de lecionar vai passar muito perrengue Pois no ranking da importância o capital passou da frente da educação e da mudança Ensina que é questão de ideia e que ideia tá em falta Pensar não é só filosofia é também uma questão de vida Que a corrida alienada traz a competição à tona Competir é nosso lema Por isso que nosso esquema tem por maestria money Vários menor passando fome, mas fazendo jornada tripla Riquezas pra minoria Balas com destino certo e camarote pra burguesia Ensina agora que isso tudo vai ser shot de terapia Vai faltar psicologia pra estancar essa sangria de doença pós-moderna</p>
<p>2. <i>Arteira</i> – Danielle Almeida</p> <p>Sou arteira Vivo arte Nasci do encontro e da arte de dois corpos nus Ouço arte Canto arte Como arte Gosto da arte desmedida Gosto da arte além do comum Arte é livre Ainda verei a arte preencher ainda mais as favelas do Brasil Na rua tem arte Nos muros tem arte Tudo é arte Nela quero fazer morada Morada livre Até o dia em que meu coração irrigado de sangue e de arte pare de bater</p>

3. *Poesia* - Carlos Drummond de Andrade

Gastei uma hora pensando um verso
Que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
Inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
E não quer sair.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira.

4. *Motivo* -Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

5. *Traduzir-se* – Ferreira Gullar

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Quadro 3

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 2
<p>1. <i>Não</i> - Bel Puã</p> <p>eu não falo pelas mulheres chega de sermos interrompidas</p> <p>não eu não falo pelas mulheres quero ouvi-las</p>
<p>2. <i>não serei anônima</i> – Ryane Leão</p> <p>falarei meu nome repetidas vezes contarei sobre todas que vieram antes de mim uma por uma não adianta tapar os ouvidos porque cicatriz aberta não ecoa só por fora mas por dentro verão minha existência escorrendo em todos os becos em todos os muros em todas as margens em todos os centros</p> <p>se toda história importa e se só podemos mudar aquilo que nomeamos então seremos obras com título, início, meio e sem fim</p> <p>audre lorde já dizia se erga, diga EU SOU e ninguém poderá te apagar teu silêncio não vai te proteger</p> <p>então grite isso não vai te fazer inabalável mas toda mulher que fala é invencível.</p>

3. *Fadiga* - Luiza Romão

sozinha
 penélope desfia
 desafia
 abutres, o filho, a multidão
 mas os deuses aplaudem ulisses

4. *Para Conceição* – Cristal Rocha

Quantas das nossas Vozes-Mulheres calaram?
 A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
 Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
 E quantas das nossas vidas apagaram?
 Nossa pele preta escrita deu vida a nossa arte
 As chibatada ainda arde
 Nossa inspiração nasce
 Aprendi com Conceição
 Que somos negros-estrelas, juntos uma constelação
 Valorizei minhas vivências e escrevi poemas de recordação
 De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração
 De geração em geração
 Levo comigo a escrita
 Às vezes cruel e vivida
 de quem teve que voar,
 pois já não
 tinha
 mais
 chão.

É nossa arte escura tomando conta dessa estrutura
 Não queremos mais censura, meu ventre exala literatura
 Sou Fêmea-Fênix me recompondo depois das queimaduras
 Minha aradura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode pagar
 Então vem me atacar!
 Eu já cansei de te ver nos matar
 Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar
 Eu sei que cê não quer me ouvir, boy
 Mas eu tenho muita história pra contar
 Da Velha à menina
 Segredos de sobrevivência
 E bendito o sangue de vosso ventre
 Eu levo com a minha essência
 Eu quero “Todos os olhos em nóiz” tô no pique Emicida
 Não estamos mais sós
 A minha força vem de mina
 Eu luto com minha voz,
 Tão potente quanto Djamila
 Papel e caneta são meus heróis
 Já nasci dependente lírica

Amor pelo meu corpo-noite

que já temeu a dor do açoite
A nossa força vem de longe
Minha glória não foi sorte, jão
A história que eu carrego está nos calos de minhas mãos
Eu já recebi muitos não
Aprendi a ser redenção
Hoje quero ser vida inteira
E transbordar em versos como fez Conceição

Quadro 4

Poemas para a etapa Leitura – Oficina 3

1. *Contracorrente é bem mais difícil* - Anna Suav

Fiz um acordo com a minha história
 Um novo ciclo sem sacrifícios
 Se dar por vencida nem sempre é derrota
 Priorizando o fato que importa
 E o que transporta, eleva sem peso
 Travei uma guerra com meu limite nenhum de nós saiu ileso
 No ano da justiça vou fazer minha colheita
 Quem não deve não teme, apenas receba
 Apenas entrego na essência de ajudar
 Se não vou contribuir, vou bem menos atrapalhar
 Que essas águas doces que me banham nunca me abandonem
 Navê, eu te encontrei, que tuas bençãos se derramem
 O vento que passa rápido alivia meu cansaço
 Acumulado nos percalços que eu tanto me desfaço
 Rodeada de abraços que funcionam como afago
 Se me ferem, não reajo, o bem maior que diz, eu me afasto
 Nadando na contracorrente eu sei que nada é permanente
 É exaustivo, a gente sente, mas meus guias estão presentes
 Como a água, tudo passa, naturalmente precisa passar
 Mas fecho pro que não soma, eu vivo pra encontrar
 O batuque é quem conduz e eu sigo sem contestação
 É chamado ao reencontro, é chama de libertação
 Pede a benção e a licença pra entrar na tua casa
 Não dê as costas para quem abre o teu caminho e a tua estrada
 Sensível ao que me cerca no tempo particular
 Não tenho pressa, mas se eu corro, ninguém vai me segurar
 Infinita tenho em mim segredos de uma lua cheia
 Ofuscando pensamentos com a luz que encandeia
 Por fora seguro a onda, dentro pulso acelerado
 Cuido dos meus pares, quero o zen compartilhado
 A queda parece o fim, reconecta ao passado
 Generosa é a vida que nos traz aprendizados
 Confluências me embalam, aquecem, deixo banhar
 Espaço tenho de sobra, escolho quem deixo entrar
 O vento que passa rápido alivia, mas não cessa
 Tudo que acumulei em todas as entregas
 Rodeadas de afagos oferecidos por abraços
 Se me ferem, eu aprendo, o bem maior que diz: cuidado!
 2. *Coisa de Preto* - Cristal Rocha

“Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha”
 Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
 Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga
 Agora entende por que explodo na roda de poesia?

Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir
 Esses tiozão que nos poda antes da gente florir
 Se a verdade tem que ser dita, então eu vou repetir
 Tô aprendendo agora o que na escola não aprendi
 Com Malcolm, Djamila e Muhammad Ali

E EU SOU DO SUL

Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul
 Porque gaúcho é visto com olho azul
 Mas a verdade ninguém vê
 Histórias mal contadas como num conto de fadas
 Mas as farpas da verdade ainda vão te machucar
 Essa terra difamada
 Que eles insistem em idolatrar
 Facada na pele, se entregue
 Ou vão na frente pra lutar!

“Ah, ô! Que mimimi! Cor de pele não importa.”
 Então vai dizer que é coincidência ter tanta gente preta morta?
 E quanto à cultura negra que cês tanto menospreza
 Nas noite tuas filha paty ouve a batida e se requebra
 E os boy acham que o Waack é racista, né?
 Mas são o primeiro a debochar quando as preta chegam na pista
 Deturpação das mulheres negras
 “Os cabelo pingano de creme”
 “Ó lá as maloqueira!”
 As preta são salientes, meninas brancas, inocentes.
 Pele clara boa moça, mas nossa postura é indecente?
 Tratando nossas mulheres como experientes
 Corpos negros não valem nada até que você experimente
 Nego, roubaram teu amor-proprio, mas ninguém avisou
 Eu sei que guarda mágoa de uma cicatriz que não sarou
 Mas... “*take is easy*, meu irmão de cor”!
 E se eu te falar que Brother Charles não *takeiteasy*?
 Que pro meu irmão de cor ainda é foda falar de amor?
 Que em meio à luta é difícil esquecer a dor
 Consequentemente a mesma dor que Charles cultivou.

Então levanta, nego!
 Quem disse que o mundo não é teu
 Tu não merecia essa vida, essa vida que te mereceu
 Nego, disseram: “Aguenta!”.
 Mil tretas, enfrenta!
 Eles dizem que tu nem tenta.
 Levanta a cabeça e sem piedade
 Vão senti o peso da tua caneta
 E que tentem me abafar! Eu sou a resiliência!
 RESISTÊNCIA que eu demonstro
 Então venha e me dê monstros pra enfrentar
 E se quiser adjetivos de monstra pode me chamar.

Em três minutos não caberia o que um preto passa na vida
 Tô te incomodando? Tá dando certo!
 É pra nossa dor não passar batida
 Não adianta, falar de pele já faz parte da minha rotina!
 Prazer, da Rocha um Cristal
 eu vim tocar na sua ferida.

3. *Na ponta do abismo* - Dall Farra

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa
 suspeito
 não chora nem fala das mortes diárias
 pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
 _ Preta é firme
 teu corpo foi alvo da falta de amor
 teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
 quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza por
 causa da cor
 mas preta é forte, sempre ouvi falar
 mãe, preta!
 Resiste desde que não sabia o que era existir
 Mãe preta!
 que pariu no reboliço e trouxe com muito ofício outra preta que não
 sorriu
 Filha de preta!
 Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de
 cansada entalado na garganta
 E os bicos de diaristas entalados na minha herança
 vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância
 os homens que me olhavam revestidos de ganância
 e pra eles não importa se se trata de uma criança
 hipersexualizar era um hobby da minha vizinhança
 dedos te apontaram e hoje o cano te aponta
 amanhã outro julgamento julgando que cê aguenta
 tua cabeça um reboliço
 teu corpo cumpriu caprichos
 tua mãe também passou por isso e todas da tua família
 tua vó bem que dizia:
 _ É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas
 vejo uma morte lenta
 Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença
 Com as forças dos ancestrais internalizou que aguenta
 Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco
 E viu que a força é um detalhe pra quem vive de resistência

4. *Cordel fora do armário* - Laura Conceição

Essa é minha história
Incrível causo eu vim contar
A poesia hoje me aflora
Trouxe versos na sacola.
Dizem que sou criativa
Muita gente me incentiva
Surgiu então um babado
Pra desfazer malfalado
Eu assumo amar meninas.

A sociedade me apaga
Alguns amigos têm vergonha
Se são minhas cama e fronha
Então, por que te desagrada?
Ó, pátria amada,
Me diz, como entender?
Faça parar de doer
Seus filhos estão amando
E por isso estão sangrando
Enquanto eu falo estão matando
Mais um LGBT

Geralmente me olham estranho
Falam pelos cotovelos
Da minha roupa e do cabelo
Pois ele eu trancei com pano
De que te importa quem eu amo?
Excluíam-me quando criança
Por meu peso na balança
Cabelo encaracolado
Mais com estilo desleixado
Hoje a menina ainda dança

São muitas meninas,
Vivem em conflito interno
Pois preferem usar terno
Ou às vezes não ter vagina
Então, imagina
Se amar ao ver os espelhos
Novo corte de cabelo
Morte e vida severina
Ainda retiram vidas
No sertão do preconceito

Na sua mente não cresce flor
Na minha alma crescem hematomas
Esse é um poema de defesa, não apenas uma afronta
Eu já tô mais do que pronta

Mas eu não nasci pronta
Tive que me lapidar
Imagina quanta coisa eu não ouvi
Por pouco não me vendi
Me ensinaram a me odiar,
Quero amar sem temer
Liberdade ao meu corpo
Perante o mundo todo Não
precisa se convencer
Será que deu pra entender?
Cansada de explicar,
Quando isso vai acabar?
Eu sou bem paciente Sou
lésbica, não doente Então
não tente me curar

A mídia diz o que fazer
Mas não sou massa de manobra
A justiça uma hora cobra
Ninguém vem me defender.
Meu filho vai aprender A
não cair em fina malha A
traçar suas batalhas
A não ser um otário
E que dentro de armário
Só as crônicas de Nárnia

Adolescentes se mataram
Ontem se suicidaram
Amanhã dirão adeus
É letal a hipocrisia
É mortal a transfobia
Até quando matarão os meus
Pra inflar o ego dos seus?
Meu Deus!

PROPOSTA PEDAGÓGICA

Caderno de Atividades “Poemas para serem lidos em voz alta: mediando versos em sala de aula”

Caderno de Atividades

**POEMAS PARA SEREM
LIDOS EM VOZ ALTA:
MEDIANDO VERSOS EM SALA DE AULA**



Elaine Sant Antonio

FICHA CATALOGRÁFICA

ANTONIO, Elaine Sant
Poemas Para Serem Lidos em Voz Alta: mediando versos em sala de aula [CADERNO DE ATIVIDADES] / Elaine Sant Antonio.—Mamanguape, 2021.
44 fls : il.
Ilustrações e diagramação: Juca Lordelo

Material Didático desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em
Letras/ Proletras Universidades Federal da Paraíba. Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques (orientadora) e Elaine Sant Antonio (orientanda).

1.Educação. 2.Letras. 3. Linguagem.
4.Poesia falada.

CDD: 370
890

Sumário

<i>Apresentando o caderno</i>	3
<i>Introdução</i>	4
<i>Sobre o slam de autoria feminina e a interseccionalidade</i>	6
<i>Apresentando as poetas</i>	11
<i>Sobre a sequência de trabalho – Caderno de atividades</i>	14
<i>Boas-Vindas</i>	16
OFICINA 1 – Poesia é palavra ilimitada	18
OFICINA 2 – Não serei anônima	25
OFICINA 3 – Contra a corrente é bem mais difícil	33
<i>Considerações finais</i>	40
<i>Referências</i>	41

Apresentando o caderno

Estimado (a) professor (a),

A presente proposta pedagógica foi pensada através da ideia de letramentos, considerando o valor da literatura na trajetória/formação escolar dos estudantes. Buscando ampliar práticas de leitura, observamos a fundamentada importância do texto literário, em especial da poesia, na escola.

Dessa forma, tomando a leitura como prática social, refletimos acerca da leitura literária e a função da literatura como elemento transformador. Entendemos, então, que a leitura partilhada do texto poético compreende uma relação efetiva e afetiva com a arte literária, acionando as suas funções estética, humanizadora e social.

Acreditamos que o referido trabalho com a poesia slam, de autoria feminina, atende bem a esse processo de letramentos; fazendo com que, na formação de leitores, os alunos e as alunas entrem em contato com um contexto de circulação dos textos literários que não está restrito ao papel e considera fortemente a expressão. Também destacamos a relevância da partilha das impressões de leitura e da realização oral dos poemas, tendo em vista uma prática que mobiliza as vozes dos estudantes e aproxima ainda mais a poesia da performance.

Introdução

Poesia, voz e performance são elementos que subsidiam o trabalho do(a) poeta nas batalhas de poesia *slam*. Em uma relação entre poeta e ouvinte, a poesia falada é uma das mais antigas formas de expressão artística, promovendo uma comunicação que aproxima os sujeitos em um diálogo fundamentado pela experiência literária. Ao compreender poesia e performance, o *poetry slam* confere um sentido particular ao texto poético. Ainda que com os mesmos poemas, nessa perspectiva, a cada leitura, voz e corpo podem revelar novas construções, entonações, movimentos singulares e, assim, conceber outra amplitude à comunicação. De acordo com D'alva:

[...] poetas com uma variedade temática e estilística enorme, em sua grande maioria apropriados do conteúdo político e social de seus discursos, frequentemente arrancam ovações de um público verdadeiramente emocionado e notas altas dos jurados pela honestidade e franqueza cortantes (D'ALVA, 2011, p. 119).

Trata-se também da arte de um espetáculo, de um show com público e audiência. Porém esse jogo que a poesia trama nas batalhas não compreende produções visando à obtenção de rimas, efeitos e da nota máxima na competição, somente. Nessa experiência literária, é construindo um diálogo entre público e poetas, em que todos os poetas são considerados coadjuvantes de uma “ágora” (D'ALVA, 2011), que as batalhas acontecem. Assim, entendemos as batalhas de poesia *slam* e seus desdobramentos como uma prática de letramento, na qual questões acerca da recepção e da metalinguagem são evidenciadas.

[...] Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D'ALVA, 2011, p. 120).

Nesse sentido, esses movimentos compreendem espaço social real e integrador de promoção de letramento, visto o conjunto de práticas sociais que usa leitura e escrita como um sistema dentro de padrões e em contextos específicos. Assim, é possível pensar o *slam* como uma manifestação artística, na qual se envolvem o jogo e a *performance*, ao mesmo tempo sendo uma expressão humana de caráter social, na medida em que discussões de extrema relevância são levantadas.

Para além da escola como espaço institucional privilegiado de ensino/formação, a sala de aula compreende um organismo vivo, onde o papel social pensado para o/a professor/a diz respeito a mediar, afastando-se de uma estrutura quantitativa. O estudante na escola é um sujeito com vivências, diferentes leituras, bagagem cultural que faz parte de um grupo cultural determinado. Esse último lhe oferece material cultural, o qual vai utilizar na sua vida social cotidiana; de objetos concretos a conceitos, mas também os modos de operação acerca de todo esse material.

Sendo assim, ao considerar o estudante/leitor como sujeito/indivíduo, faz-se necessário pensar numa concepção de aprendizagem de modo que essa atue ao encontro da análise dos reflexos do mundo exterior no interior dos indivíduos, por meio da sua interação com a realidade. Dessa maneira, conectamo-nos à concepção epistemológica apresentada por autores como Piaget, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire, tendo como eixo a ação do sujeito como cerne do processo. Em outras palavras, levamos em consideração o sociointeracionismo, perspectiva de aprendizagem a qual considera o sujeito social, valendo-se da dimensão sociocultural desse estudante, atentos aos contextos histórico, social e cultural.

A referida proposta de mediação evidencia as potencialidades da poesia *slam* de autoria feminina, aliada ao cenário democrático e diversificado da expressão poética materializados nas rodas/batalhas de poesia. Revela-se, assim, a multiplicidade do texto poético e, nesse sentido, a tais atividades de mediação com *slams* buscam amenizar a possível distância entre leitor literário e texto poético – e a ideia de sacralização que a poesia possa ter adquirido.

Sobre o slam de autoria feminina e a Interseccionalidade

[...]

Se eu for pro calçado

Falar minha arte

O policial me bate

O machista me abate

O cachorro me avança e late

Meu fim será massacrante

Caso contrário, é só coincidência mera

Eu já sei o que me espera

Pois eu conheço minha terra

Pouca gente me tolera

Pois são intolerantes

[...]

Preciso resistir e continuar

Não parar de recitar

Pra gente não acabar

Num eterno “aqui jaz”

(O Patrão nosso de cada dia – Laura Conceição. Empoderamento Feminino, Coleção *slam*. 2019)

Tomando como objeto a poesia *slam* de autoria feminina, podemos observar vozes líricas que partem de um “lugar de fala”, conforme entendido por Djamila Ribeiro (2017) em *O que é lugar de fala?* e reivindicam protagonismo. Ao colocar em discussão o conceito de “lugar de fala”, a autora afirma que o grupo social ao qual o sujeito está ligado refere-se às vozes históricas e sociais, visto que “não existe uma identidade, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas” (RIBEIRO, 2017, p. 72). Nesse sentido, como expressão,

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (RIBEIRO, 2017, p.64).

Posto isso, atentamos ao pensamento de modo a romper com a ideia de universalização da categoria mulher, como pensava em movimentos anteriores, nos quais havia o entendimento da mulher como algo único e homogêneo, dissociado de aspectos como “raça, orientação sexual, identidade de gênero” (RIBEIRO, 2017, p. 21), para se pensar também em “lugar de fala”. Da mesma forma:

Quando voltamos o nosso olhar para entender o lugar de fala para além do indivíduo se torna mais simples a exemplificação. Pense por um instante na nossa sociedade fortemente marcada pelo racismo, classismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, capacitismo, transfobia e etarismo. Entendendo que todas essas discriminações são estruturais, fica um pouco mais fácil pensar quais são os grupos sociais que possuem seus discursos legitimados (ASSIS, 2019. p.43).

No que diz respeito ao gênero poético e, especificamente, a sua presença na sala de aula, reconhecemos, na interseccionalidade, uma poderosa categoria de mediação da poesia de autoria feminina que nos propomos a estudar com os alunos e as alunas; sobretudo porque as poetisas que marcam presença na antologia selecionada elaboram vozes líricas que acionam constantemente questões como gênero, classe, raça e outras. Cosson (2014) tem a visão de que a escola precisa integrar o aluno à cultura, e, para isso, precisa atualizar-se, aderindo às manifestações culturais contemporâneas, consideradas dinâmicas e atraentes. Ele nos diz:

proponho como critério de seleção que os textos sejam literários, independentemente de pertencerem ao cânone ou qualquer outra forma de ordenamento, daí a diversidade que não é apenas de gêneros, mas também de representações, temáticas, graus de dificuldade do texto e daí por diante. Os critérios de seleção são para o texto literário, qualquer que seja o adjetivo que o acompanhe (COSSON, 2014. p. 123).

Consideramos perspectivas interseccionais as discussões dos movimentos sociais e as análises teóricas antes do surgimento, no âmbito acadêmico, de um conceito analítico próprio. Sendo assim, não é pretensão esgotar, neste caderno, a discussão sobre uma categoria tão ampla, mas apresentar uma teoria e

levantar algumas conexões a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula. De acordo com Crenshaw, acerca do conceito de interseccionalidade, temos que:

[...] estou sugerindo que mulheres negras podem experimentar discriminação de modos ao mesmo tempo parecidos e diferentes dos experienciados por mulheres brancas e homens negros. Mulheres negras às vezes experienciam discriminação de modo similar a mulheres brancas; às vezes compartilham experiências similares com homens negros. Porém, frequentemente experienciam discriminação dupla – os efeitos combinados de práticas que discriminam com base na raça, e com base no sexo. E, às vezes, experienciam discriminação como mulheres negras – não a soma de discriminação de raça e de sexo, mas como mulheres negras (CRENSHAW, 1989, p. 149, tradução nossa).

Com categorias como a de interseccionalidade, os feminismos negros, enquanto movimentos sociais, questionam a categoria mulher colocada como única, evidenciando as diferenças de experiências como mulher negra em uma sociedade que, para além de ser sexista, é também racista. Denunciam, portanto, o sexismo que posiciona a mulher de forma subordinada na sociedade, e o racismo que ocupa esse lugar interseccionado com demais marcadores sociais, de maneira estrutural. Problematizar a leitura da mulher negra na sociedade a partir desse fator é um dos princípios dos feminismos negros, mas tais abordagens, por vezes, foram vistas como afastamento da unidade necessária entre as mulheres.

Assim, ao amparar-se na interseccionalidade, a referida atividade de mediação do texto poético propõe contribuir para reflexões que melhor dialoguem com o arcabouço cultural edificado. No caso das vozes líricas femininas, observa-se a pluralidade de opressões que incidem em diversos contextos: o doméstico, o do trabalho, o das relações afetivas, entre outros. Nesse sentido, faz-se importante situar e compreender as trajetórias e experiências das mulheres negras em suas particularidades, reconhecendo a complexidade dos cruzamentos dos processos estruturais discriminatórios.

Carla Akotirene (2018) em *O que é interseccionalidade?* apresenta o percurso dos estudos das feministas negras, de modo a apresentar o conceito e explorar críticas ao seu emprego indiscriminado e uma universalização das experiências femininas observadas a partir dele. Doutoranda em “Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismos” pela Universidade Federal da Bahia (UFBA),

a autora atua como assistente social no município de Salvador, Bahia, acolhendo vítimas de violência doméstica.

Akotirene (2018) chama atenção para o fato de que “a interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (AKOTIRENE, 2018, p. 48). Nessa perspectiva, o conceito sugere que a categoria raça traga subsídios de classe e gênero, e esteja em um patamar de igualdade analítica (AKOTIRENE, 2018, p. 36). A pesquisadora também faz menção e critica a apropriação do conceito em relação ao recorte metodológico punitivo da lógica neoliberalista:

Estou certa do neoliberalismo usufruir do conceito de interseccionalidade, em virtude de ele ter sido cunhado no campo do Direito e este campo ser manuseado pelo brancocentrismo, punitivismo e criminalização de pessoas negras. Então prefere o feminismo interseccional, querendo usar a seletividade racial do Direito, disposta a usar o uso do conceito, porém não do conteúdo, anterior do período em que o conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw, em 1989. A prerrogativa do Direito pode criminalizar homens negros, africanos, defender encarceramentos, sem dizer que estes institutos discordam das bases epistemológicas do feminismo negro. O despautério metodológico é tanto que usa até interseccionalidade no campo punitivo particular reportando ao pensamento feminista negro de Angela Davis, uma abolicionista penal (AKOTIRENE, 2018, p. 52).

Revela-se evidente o fato de que - numa sociedade estruturalmente formada a partir de processos de exclusão, discriminação e preconceito - torna-se urgente pensar em formas de atuação a partir do lugar de mediação. Em vista disso, podemos observar em sala de aula, em meio aos entraves nos processos de ensino, que recorrentemente nos deparamos com barreiras estruturalmente estabelecidas. Dessa forma, numa sociedade estruturada a partir do racismo, partimos da consciência de estar dentro de uma engrenagem racista, no sentido de refletir sobre lugares e privilégios.

Nas possíveis abordagens dos poemas há um chamamento, em que voz e força mobilizam a refletir sobre o poder das palavras e na construção partilhada dos sentidos. A mediação da poesia *slam* é compreendida, assim, como um cenário de fala e também um convite para a escuta. “O *slam* é um espaço poético-político, democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão, fazendo do livre diálogo uma ferramenta para a construção de novos horizontes (DUARTE, 2019, p. 11).

Conceição Evaristo (2019, p. 13-14), no prefácio da obra, nos diz que:

[...] Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta é uma escrita em confronto ao silenciamento que buscam impingir sobre nós. [...]Apropriar-se da língua escrita para registrar uma performance fundamentada na oralidade é também revisitar a história de uma língua imposta

A referida antologia proposta para o trabalho de mediação traz à tona o **poder** e a **representatividade** das vozes de 15 poetas de diferentes regiões do país, sendo um marco na produção de poesia *slam* de autoria feminina. Organizada por Mel Duarte, a obra contém ilustrações da artista **Lela Brandão** e *slams* de Anna Suav, Bell Puã, Bor Blue, Cristal Rocha, Dall Farra, Danielle Almeida, Laura Conceição, Letícia Brito, Luiza Romão, Luz Ribeiro, Mariana Felix, Meimei Bastos, Negafya, Roberta Estrela D'Alva e Ryane Leão.

Cientes dessa diversidade na produção de poesia *slam* de autoria feminina, para este trabalho consideramos a interseccionalidade na obra ***Querem nos calar – Poemas para serem lidos em voz alta*** uma poderosa categoria de mediação a fim de compreender a sua plausibilidade e importância para a emergência de uma epistemologia feminista que muito serve à compreensão da poesia de autoria feminina que pretendemos levar para sala de aula.

Imagem de capa
1ª edição



[@lela.brandao](https://www.instagram.com/lela.brandao)

<https://www.lelabrandao.co/>

Apresentação das poetisas

Foto: Divulgação @annasuav



Anna Suav

CRIA 092, natural de Manaus, Amazonas, mulher preta nortista com muito orgulho e axé! Artista, feminista, jornalista, fotógrafa, produtora cultural, MC, poeta, *slammer*, cantora, compositora, empreendedora e bruxa. Ativista dos movimentos hip-hop e negro. Filha de Navê, “da mesma água que mata a tua sede e outrora te afoga”.

Bell Puã

É Isabella Punte de Andrade, historiadora e poeta cabra da peste, nascida entre o mangue e sol da cidade do Recife. Vencedora do Campeonato Nacional de Poesia Falada – Slam BR 2017, representante do Brasil no Poetry Slam World Cup 2018, em Paris, e convidada da programação principal da Flip 2018, integra o coletivo Slam das Minas PE. De libra, das nuvens, busca atropelar as fragilidades e fortalecer os afetos, compondo também o coletivo negro Afronte, desenvolvendo atividades de consciência racial em seu estado.



Foto: Brenda Alcântara

Foto: Arquivo pessoal – Bor Blue



Bor Blue

É poeta marginal que fala sobre sua realidade contra o racismo, o machismo, LGBTfobia. Toca, canta e escreve, compõe músicas que falam de luta, resistência, sobrevivência, e toca carimbó porque acredita que seja uma herança cultural deixada por nossos ancestrais, índios, caboclos, negros. Acredita na arte como ferramenta de transformação nos espaços públicos como feiras, praças e coletivos de Belém. Sua missão é manter essa cultura viva e faz isso com muito amor.

Cristal Rocha

Nasceu poesia em junho de 2002 e seu amor pelos versos só cresceu desde então. Foi a primeira campeã gaúcha a representar seu estado no Slam BR 2017. Lançou seu livro independente em 2018, Quando o caso escurece, com poesias e ilustrações autorais. Leva sua poesia em eventos como saraus, festivais literários, shows, participações em músicas, escolas e oficinas. É idealizadora e artista do coletivo Poetas Vivos.



Foto: Nação Z

Foto: Andressa Gerra



Dall Farra

É estudante de Geografia na UFRJ, poeta, rapper, e slammer de Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Além disso, é integrante do coletivo Poetas Favelados e do coletivo Slam das Minas, que praticam ações poéticas em espaços públicos. Desde os quinze anos, Dall Farra aborda em músicas e poemas assuntos como a discriminação de gênero e classe.

Danielle Almeida

Tem 23 anos, criada na periferia de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no bairro Moreninha. É poeta e atriz sempre que pode. Sua entrega para a escrita começou efetivamente há cinco anos e, desde então, não parou mais de fazer e viver a poesia, a arte. Teve experiências inesquecíveis com os movimentos de slam e diz que, com isso, sua alma de poeta só progrediu. Atualmente integra o coletivo Slam Camélias. Poesia de um coração suburbano é o nome que dá a seu fanzine, e através dele espalha suas poesias pela cidade, dessa forma sabendo que existe e resiste!



Foto: Alcides Neto

Laura Conceição

é MC e poeta nascida na região da Zona da Mata Mineira. Em 2017, Laura foi vice-campeã mineira de poesia falada, classificando-se para o Campeonato Brasileiro de Slam. Ainda em 2017, criou o projeto “Poesia na escola”, por meio do qual leva poesia e sonhos para crianças e adolescentes. Atualmente, já realizou mais de 45 visitas aos colégios da cidade e região. Aos 22 anos, Laura se formou em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora e fundou o coletivo de poesia Duas. Ganhou as medalhas Rosa Cabinda e Geraldo Pereira em 2017.

Foto: Natália Elmor



Leticia Brito

É poeta. Dedicar-se à poesia falada (spoken word/poetry slam) e às microrrevoluções político-sociais em que a poesia incinera, afaga, afeta e transforma. No ano passado, representou o Brasil no Rio Poetry Slam, que reuniu doze poetas competidores de diferentes países e que acontece na Festa Literária das Periferias (Flup). Neste ano integra a banca avaliadora do Flup Poesia Preta; realizou oficina para os professores da rede Sesc nacional e participa do Arte da Palavra do Sesc nacional.



Foto: Slam do Grito

Luiza Romão

É atriz, poeta e slammer. Leonina. Feminista. Formou-se em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Publicou dois livros pelo selo DoBurro: Sangria (2017) e Coquetel motolove (2014). No teatro, passou por coletivos como: Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, Cia Ato Reverso, Teatro Documentário e Turma 66/EAD. Adora cinema. Dirigiu e atuou nas séries audiovisuais Sangria e Revide.

Foto: Sérgio Silva



Luz Ribeiro

Em tempos de redes sociais, Luz prefere pousar em redes de balanços e afetos, de maneira que Luz não possui uma base de seguidores estabelecida, Luz não sonha em ter seguidores, Luz sonha em ter sempre com quem seguir. Luz é coletiva: Poetas Ambulantes, Slam das Minas SP e Legítima Defesa. Autora dos livros (in)dependentes Eterno contínuo (2013) e Espanca-estanca (2017). Paulistana nascida no verão de 1988, Luz é: mar-mãe de Bem e filha-mar de Odoya.



Foto: Renato Nascimento, Bruna Monique

Mariana Félix

É escritora, slammer, apresentadora e militante feminista. Tem dois livros publicados de forma independente: Mania (2016) e Vício (2017), ambos com poesias, crônicas e dissertações sobre o empoderamento feminino, a relação da autora com a cidade e o amor. Faz parte do coletivo audiovisual composto apenas por mulheres “Prosa Poética”, além de integrar o espetáculo Samba Poética.

Foto: Eduardo Pereira / G1



Meimei Bastos

Nasceu em 1991, em Ceilândia, Distrito Federal. É escritora, poeta, atriz e arte-educadora formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Atua em diversos movimentos sociais, promovendo saraus, SLAMS, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa especialmente direcionados à população negra e periférica. Premiada pela Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal com o prêmio de Cultura e Cidadania, na categoria Equidade de Gênero. Em 2017, publicou seu primeiro livro, Um verso e mei, pela Editora Malê. Atualmente, coordena o Slam Q’brada.



Foto: @amandarsso

Mel Duarte

Nasceu na primavera de 1988 em São Paulo (SP) e teve seu primeiro encontro com a poesia aos 8 anos. É escritora, poeta, slammer, produtora cultural e integrante da coletiva Slam das Minas SP. Em 2016, foi destaque no sarau de abertura da Flip e a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam. Em 2017, representou a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola. É também autora dos livros Fragmentos dispersos(2013) e Negra nua crua (2016, Editora Ijumaa).

Foto: Divulgação – Mel Duarte



Negafya

22 anos, moradora do bairro da Sussuarana, Salvador, Bahia, poeta, MC, artista de rua, produtora cultural, ativista cultural, integrante do grupo de poesia Resistência Poética, idealizadora e produtora do Slam das Minas BA, vice-campeã brasileira de poesia falada (2016), vice-campeã Rio Poetry Slam - Campeonato Mundial de Poesia Falada, graduanda no curso de enfermagem e angocapoeirista. Artista de rua e poeta, durante a apresentação traz denúncias de violências como racismo, machismo e sexismo, além de ter como principais características a expressividade corporal e a linguagem de fácil entendimento do público em geral. Faz da poesia marginal os gritos pretos e femininos de liberdade, resistindo na diáspora africana enquanto ser que transforma a dor em luta.



Foto: FLUP Twitter

Sobre a sequência de trabalho – Caderno de Atividades

A proposta pedagógica está apresentada no Caderno de Atividades de mediação com poesia *slam* em três oficinas, iniciado por uma atividade inicial de apresentação/acolhimento. As três oficinas temáticas que compõem o Caderno de Atividades foram nomeadas e estão organizadas a partir dos *slams* da referida antologia: *Oficina 1: Poesia é palavra ilimitada*, *Oficina 2: não serei anônima*, *Oficina 3: Contracorrente é bem mais difícil*; e em cada oficina será possível observar os elementos da sequência básica de Cosson (2014) 1. motivação; 2. introdução; 3. leitura; 4. interpretação, conforme a organização dos passos de cada oficina. Não se trata necessariamente de uma estruturação fixa ou nivelada, mas de uma articulação entre as oficinas.

Para começarmos, faz-se importante observar o entendimento de leitura em conformidade com Rojo (2014): “como um ato de se colocar em relação um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos”. (ROJO, 2004, p.1-2). Da mesma forma, ao encontro de Freire (2006):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2006, p. 19-20).

Retomando a ideia de o estudante/sujeito e seu material cultural (e os modos de operação desse material), observamos que a leitura integra-se, reflete e é refletida também a partir de moldes escolares. O que não quer dizer que práticas e teorias não sejam revistas. Nesse sentido, talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola, especialmente poesia, não se encontra na resistência ou falta de interesse à leitura, mas em lacunas de diálogos mais efetivos e afetivos com o texto poético. Em outras palavras, falta espaço-tempo-contato no ambiente escolar para um cenário no qual a leitura compreenda fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação/letramento não prevista no currículo otimizável, não cabível no ritmo da cultura cotidiana escolar.

Portanto, neste trabalho temos a intenção de oportunizar reflexões sobre os modos pelos quais as leituras se materializam, especialmente no que diz respeito ao texto poético. Para o desenvolvimento das oficinas, as etapas (**motivação, introdução, leitura e interpretação**) visam atender a uma prática da leitura literária envolvendo inferências que constituem a produção de seus sentidos, dentro das relações que compreendem: poeta, texto e comunidade de leitores, os quais tal processo de letramento objetiva.

Ainda segundo Cosson (2014), o letramento literário se distingue com clareza da leitura literária no momento da interpretação, pois, ao ler e interpretar uma obra, é possível conversar sobre esse processo, tendo o potencial do leitor enriquecido; da mesma forma, quando compartilhadas a apreciação e as visões do que se leu, ganha-se consciência crítica e ampliam-se horizontes. Desta forma, observada a Sequência Básica (COSSON, 2014), as atividades propostas para a interpretação têm como princípio a externalização da leitura, sua análise e também registro. Nesse sentido, por mais pessoal e íntimo que seja a etapa da interpretação para cada leitor, ela não deixa de se constituir como um ato social.

A partir das contribuições de estudiosos com vistas a tornar o texto poético mais presente e valorizado na sala de aula, observamos as referências trazidas por Alves (2007), as quais considera atitudes, cuidados e condições na prática com poesia na sala de aula. O pesquisador traz abordagens acerca das situações de possibilidades e impasses difundidos na realização da prática de leitura de poesia e sugere, assim, exercícios pensados especialmente para a aula de Língua Portuguesa. Destacamos a importância da realização oral e da partilha da leitura, entendendo ser esta uma prática efetiva e afetiva na qual mobiliza as vozes dos alunos e aproxima ainda mais a poesia da performance; não deixando de considerar a organização de antologias, pequenas montagens, núcleos temáticos, jogo dramático, dentre outras abordagens.

Boas-Vindas

Para esse **momento inicial** que precede as oficinas, buscaremos nos conectar às dinâmicas de expressão. O primeiro passo consistirá em começar a aula/atividade do dia com um exercício chamado “o **batizado mineiro**”, aqui adaptado. Em Jogos para atores e não atores (2014 p. 111), Boal nos diz que os exercícios e jogos dessa categoria têm intenção de “diminuir a distância entre escutar e ouvir”. Ele nos diz que:

Na batalha do corpo contra o mundo, os sentidos sofrem, e começamos a sentir muito pouco que tocamos, a escutar muito pouco daquilo que ouvimos, a ver muito pouco daquilo que olhamos. Escutamos, sentimos e vemos segundo nossa especialidade. Os corpos se adaptam ao trabalho que devem realizar (BOAL, 2014, p. 111).

Atividade Inicial

Nesta atividade de expressão, o grupo se apresenta:

- A pessoa diz seu nome e uma **palavra** que corresponda a uma **característica** que possui ou crê possuir;
- Palavra esta que deve começar **com a mesma letra inicial** de seu nome/identificação.
- Simultaneamente, a pessoa faz **um movimento** rítmico que remeta a essa palavra.

Exemplo de performance: Fran diz “feliz” e sinaliza seu sorriso.

apresentação + palavra caracterizante + movimento

Os demais atores/presentes repetem a performance: identificação, palavra e movimento, e seguem fazendo as apresentações.

O batizado mineiro: Atores em círculos; cada um, em sequência, dá dois passos à frente, diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra do seu nome e que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra. Os demais atores repetem duas vezes: nome, palavra e movimento. Quando já tiverem passado todos, o primeiro volta, mas agora numa posição neutra, e são os demais que devem se lembrar da palavra, nome e gesto. Naturalmente, esse exercício faz-se com grupos que se encontram pela primeira vez, e não com velhos amigos. BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014 (p. 163).

C O N C E I E V A F T S T O
R O B E R T A R E I A L V A
R Y A H ã O
D A N I E I E A M E I D A
L U I R O M ã O
M A R F E L I X
C A R O A L L F A R R A
A N A S U A V
L A U F O N C E I Ç ã O
C E C Í M E I R E L L E S
C R I A L R O C H A ã
P E L P U



Juca lordelo

Aqui, desenvolveremos a leitura de poemas diversos observando seus desdobramentos, tendo em consideração as recepções do texto poético. O objetivo é promover o contato com a produção da poesia *slam*, especialmente, e, ao estabelecer diálogo dela com o cânone, buscar revelar a multiplicidade estética do gênero poético. Assim, nesta primeira oficina, o estudante entrará em contato com noções introdutórias sobre elementos do texto poético, podendo, também de maneira introdutória, já ver essas questões no *poetry slame* reconhecer diferenças entre a linguagem poética comumente usada nele e em poemas mais tradicionais, canônicos.

MOTIVAÇÃO

Além de promover o contato com a poeta, buscamos, com a abordagem do vídeo “Você já foi poesia hoje?” da *slammer* Mariana Felix, ampliar a temática que vai ao encontro da roda de conversa proposta. No poema, o sujeito lírico discorre acerca do que seria poesia, com **imagens, construções sinestésicas, metáforas, intertextualidade**; e percorre o caminho no qual se coloca: “eu que nunca me vi poeta, sou poesia”, colocando o leitor para estabelecer sua relação com o texto poético.

1 Roda de conversa:

Iniciamos algumas questões sobre a leitura de poesia:

- Você lê/gosta de/consome poesia?
- Para você, o que é poesia? O que é poema? Onde circulam esses textos? Para que servem? Que temas eles abordam?
- Levando em consideração o título da oficina de leitura: Para você, “Poesia é palavra ilimitada”?

2 Exibição de vídeo com o poema:

“**Você já foi poesia hoje?**”, da *slammer* Mariana Felix.

3 Roda de conversa:

Retomada da leitura do poema e das questões iniciais.

Aponte a câmera do seu celular para acessar



Vídeo - Você já foi poesia hoje?
[Youtube]

INTRODUÇÃO

OFICINA 1 - Poesia é palavra ilimitada

Seguimos com a poesia *slam* através da exibição do vídeo “*O que é Poetry Slam?*”. Neste vídeo, Roberta Estrela D’Alva, um dos nomes mais conhecidos do cenário *slam*, fala sobre a dimensão da poesia falada. A poeta se identifica como representante dessa modalidade de poesia e discorre sobre o movimento do *poetry slam*, descrevendo aspectos como forma, estrutura, conteúdo, referências. A abordagem do vídeo visa explorar alguns aspectos formais de composição e performance e a importância da poesia como expressão humana.

1 Exibição do vídeo
“*O que é Poetry Slam?*”

2 Roda de conversa:
Com a intenção de se pensar nos espaços e meios de pensamento e expressão, iniciaremos uma roda de conversa perguntando:

- Como as rodas de poesia são compostas? Há regras? Quais?

Seguindo:

- Que temáticas podemos encontrar numa batalha de poesia falada?

Aponte a câmera do seu celular para acessar



Vídeo - O que é Poetry Slam?
[Youtube]

LEITURA

Aqui, desenvolveremos a leitura de poemas diversos observando seus desdobramentos, tendo em consideração as recepções do texto poético. O objetivo é promover o contato com a produção da poesia *slam*, especialmente, e, ao estabelecer diálogo dela com o cânone, buscar revelar a multiplicidade estética do gênero poético. Assim, nesta primeira oficina, o estudante entrará em contato com noções introdutórias sobre elementos do texto poético, podendo, também de maneira introdutória, já ver essas questões no *poetry slame* reconhecer diferenças entre a linguagem poética comumente usada nele e em poemas mais tradicionais, canônicos.

Leitura Compartilhada + Realização Oral

A leitura compartilhada faz-se importante para que haja interação das impressões de leitura no grupo. Além disso, é fundamental dispor as leituras a fim da realização oral dos poemas considerando também dividir os textos entre grupos menores.

Poemas para a etapa Leitura

Poesia é palavra ilimitada

(Dall Farra)

Arteira

(Danielle Almeida)

Poesia

(Carlos Drummond de Andrade)

Motivo

(Cecília Meireles)

Traduzir-se

(Ferreira Gullar)

Poesia é palavra ilimitada

Poemas para a etapa Leitura

Poesia é palavra ilimitada – Dall Farra

Mundo ensina que poesia é palavra ilimitada disparada braba
Que cura problemas psicológicos, foge de diagnósticos
te faz sorrir sem tarja preta
Ensina que o mundo é muita treta e que não estamos preparados
para reparação histórica
Mundo, ensina outro caminho que ultrapasse o egoísmo e desfaça
os invisíveis
pois debaixo da marquise não há lugar para o teu ego
Mundo, ensina!
Que desigualdade é pauta, que o padrão é coisa pra substituir
verdades

Quem for viver de lecionar vai passar muito perrengue
Pois no ranking da importância o capital passou da frente da
educação e da mudança
Ensina que é questão de ideia e que ideia tá em falta
Pensar não é só filosofia é também uma questão de vida
Que a corrida alienada traz a competição à tona
Competir é nosso lema
Por isso que nosso esquema tem por maestria money
Vários menor passando fome, mas fazendo jornada tripla
Riquezas pra minoria
Balas com destino certo e camarote pra burguesia
Ensina agora que isso tudo vai ser shot de terapia
Vai faltar psicologia pra estancar essa sangria de doença pós-
moderna

Arteira – Danielle Almeida

Sou arteira
Vivo arte
Nasci do encontro e da arte de dois corpos nus
Ouço arte
Canto arte
Como arte
Gosto da arte desmedida
Gosto da arte além do comum
Arte é livre
Ainda verei a arte preencher ainda mais as favelas do
Brasil
Na rua tem arte
Nos muros tem arte
Tudo é arte
Nela quero fazer morada
Morada livre
Até o dia em que meu coração irrigado de sangue e de
arte pare de bater

Poesia é palavra ilimitada**Poemas para a etapa Leitura**

Poesia - Carlos Drummond de Andrade

Gastei uma hora pensando um verso
 Que a pena não quer escrever.
 No entanto ele está cá dentro
 Inquieto, vivo.
 Ele está cá dentro
 E não quer sair.
 Mas a poesia deste momento
 Inunda minha vida inteira.

Motivo -Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
 e a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
 não sinto gozo nem tormento.
 Atravesso noites e dias
 no vento.

Se desmorono ou se edifico,
 se permaneço ou me desfaço,
 — não sei, não sei. Não sei se fico
 ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
 Tem sangue eterno a asa ritmada.
 E um dia sei que estarei mudo:
 — mais nada.

Traduzir-se – Ferreira Gullar

Uma parte de mim
 é todo mundo:
 outra parte é ninguém:
 fundo sem fundo.

Uma parte de mim
 é multidão:
 outra parte estranheza
 e solidão.

Uma parte de mim
 pesa, pondera:
 outra parte
 delira.

Uma parte de mim
 almoça e janta:
 outra parte
 se espanta.

Uma parte de mim
 é permanente:
 outra parte
 se sabe de repente.
 Uma parte de mim
 é só vertigem:
 outra parte,
 linguagem.

Traduzir uma parte
 na outra parte
 - que é uma questão
 de vida ou morte -
 será arte?

Pensando na proposta de trabalho com poesia / estudo do texto poético, as questões aqui colocadas abordam concepções de poesia e de poeta, reconhecimento do sujeito lírico, funções da poesia, questões estilísticas, entre outros aspectos. **A partir destes aspectos, temos em vista a recepção e a diversidade do texto poético, evidenciando as múltiplas relações de sentido que se estabelecem.**

As questões aqui trabalhadas poderão, além de serem discutidas em grupo, ter seu registro escrito.

- a) Como os poemas lidos estão organizados? Seguem a mesma estrutura? Há rimas, ritmo, refrão? Como conseguimos identificar esses elementos?
- b) Como esses poemas se aproximam dos outros que você já leu? Que diferenças e semelhanças você pôde observar?
- c) Na primeira estrofe de “Poesia é palavra ilimitada” (Dall Farra), é possível identificar qualidades utilitárias acerca da poesia. Quais? Cite versos em sua resposta.
- d) No poema de Danielle Almeida, o sujeito lírico se identifica como “Arteira”. Como se dá essa descrição? Cite versos.
- e) O poema de Drummond também aborda o fazer poético. Como o texto compreende esse fazer?
- f) Em “Motivo”, o sujeito lírico reafirma a presença e a importância de seu canto, e identifica-se como poeta. Segundo o poema, o que caracteriza ser poeta?
- g) Em “Traduzir-se”, a partir da composição em primeira pessoa e o pronome reflexivo do título, inferimos que a proposta é interpretar a si mesmo. Cite versos em que esta intenção é comprovada.

Impressões de leituras serão compartilhadas em todo o grupo de leitores, não com o intuito de verificação de respostas, mas de compartilhar as impressões acerca da recepção do texto poético.

CARTEIRA DE IDENTIDADE

REPÚBLICA FEDERATIVA
SLAM POETRY



não serei anônima

ASSINATURA DA TITULAR



OFICINA 2

Não serei anônima

Para esta oficina, o objetivo é compreender a poesia *slam* e seus desdobramentos como uma prática de letramento na qual questões metalinguísticas são atreladas a questões identitárias, em que a voz lírica abrange o fazer poético, observando questões de reconhecimento e gestos de resistência.

Torna-se importante observar o uso de alguns conceitos que estão presentes nas leituras. Para isso, além de introduzi-los, revela-se significativo considerá-los de modo mais denso e também contextualizar. Aqui, a intenção é reconhecer o que estrutura uma sociedade patriarcal como ponto de partida para observar as nuances de desigualdades e de opressão contra a mulher; para, assim, visarmos ao **empoderamento**.

Sobre o movimento de empoderar-se, **Berth** (2018) discorre sobre a palavra “**empoderamento**” e ressalta a importância de refletir acerca dos processos de mudança e esvaziamento de sentido que o conceito teve. A autora reitera ainda a importância da educação para possibilitar a transposição de barreiras instituídas pelo machismo e sexismo. Assim, uma “pedagogia do engajamento”, como menciona **bell hooks** (2013), é fundamental para que indivíduos conscientes se posicionem e formem coletivos empoderados, dotados de informações suficientes para o enfrentamento diante de opressões institucionalizadas.

Para Berth (2018), nessa perspectiva, em alusão a Freire, é importante que o empoderamento seja fundado numa percepção crítica sobre a realidade social com vistas a ações práticas na realidade concreta, pois não se tem empoderamento efetivo sem se contrapor à estrutura vigente e dominante. Nesse sentido, ela assinala que:

[...]quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor (BERTH, 2018, p.14).

Apontando para a interseccionalidade, a autora traz análises que visam descortinar as situações estruturais de opressão e que incidem de formas diferentes sobre vários grupos e indivíduos. Nesse sentido, a compreensão dos processos históricos estruturantes e de outras categorias sociais e políticas são evidenciados, pois, na sociedade brasileira, há uma sub-representação das mulheres negras, sendo preciso construir “estratégias de enfrentamento ao sistema racista e redes de solidariedade” (BERTH, 2018, p.73).

Para a motivação, temos a intenção de apresentar/situar a poesia de Conceição Evaristo, uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. **A qualidade estética e as referências históricas aos lugares ocupados pelas mulheres negras, com ênfase na autoafirmação das suas vozes, justifica a escolha de “Vozes-Mulheres”.**

- A leitura do poema na turma poderá ser realizada de forma oral e compartilhada, considerando leitura oral como sinônimo de oralização do poema verbal. Em seguida, sugerimos mobilizar a partilha das impressões de leitura do poema, observando as vozes que se agregam.
- Se possível, a reprodução/distribuição do poema na turma poderá ser feita através de xerocópias também, não deixando de considerar a obra da autora em suporte original.

Vozes-Mulheres Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Aqui, apresentaremos o poema publicado originalmente no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), como também o prefácio da antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019).

INTRODUÇÃO

OFICINA 2 - Não serei anônima

Na introdução, momento aqui dividido em duas atividades, buscaremos nos conectar com a poesia *slam* de autoria feminina através da temática do empoderamento por meio da autoafirmação do sujeito lírico feminino. Para isso, partiremos da performance de Mariana Felix com o poema “Receita” (Cotidiano), no qual se aborda empoderamento como um processo, ao encontro com Berth (2018).

Aponte a câmera do seu celular para acessar



Vídeo - Receita (Cotidiano)
[Youtube]

1 Para começar, exibiremos o vídeo com o *slam*.
“Receita”

Em seguida, daremos início a uma **roda de conversa** abordando os seguintes pontos:

- Empoderar-se é o movimento de tomar poder sobre si. O que você entende por uma pessoa empoderada?
- Partindo do título, como a voz lírica descreve seu processo de empoderamento?

2 Em seguida, no segundo momento da introdução, temos a **leitura oral e compartilhada** do *slam* “**Todas as mulheres**” (Bell Puã), no qual se chama atenção para os tipos de opressões e silenciamentos.

3 Partindo do poema para esta observação, será proposto o seguinte **exercício**:

- Identifique situações de dominação/opressão vividas por mulheres. Para isso, observe ao seu redor, dialogue entre seus pares e, depois, volte esta discussão ao grupo e partilhe suas observações.

Em outro momento/aula

Roda de conversa: Retomamos o poema e a proposição de observar situações de dominação/opressão vividas por mulheres em nossa sociedade.

Através dos *slams* “Não” (Bell Puã), “não serei anônima” (Ryane Leão), “Fadiga” (Luiza Romão) e “Para Conceição” (Cristal Rocha), temos a intenção de mobilizar o reconhecimento da afirmação individual e coletiva da voz da mulher como um gesto de resistência às opressões sofridas.

1 Torna-se interessante dividir os textos em grupos menores para a realização oral e, depois, integrar as impressões de leitura a todo grupo posteriormente, na interpretação.

2 A princípio cada grupo está com um poema para a realização da leitura e, em seguida, os poemas são trocados/redistribuídos, de modo que toda a turma interaja com todos os textos.

Através destas leituras partilhadas temos intenção de atuar diante de condições estruturais em nossa sociedade. Essas, por serem estruturais, estão presentes dentro e fora da escola e então observamos aspectos que permeiam as poesias. Por este exercício de leitura, observação, reflexão e partilha, portanto, pode-se reconhecer tais aspectos estruturantes. No entanto, para isso, revela-se muito importante o professor/a estar atento/a a possibilidade desconforto ou resistência ao texto ou a outro aspecto da mediação.

OFICINA 2 -

Não serei anônima

Poemas para a etapa Leitura

Fadiga - Luiza Romão

sozinha
penélope desfia
desafia
abutres, o filho, a multidão
mas os deuses aplaudem ulisses

Não serei anônima – Ryane Leão

falarei meu nome repetidas vezes
contarei sobre todas que vieram
antes de mim
uma por uma
não adianta tapar os ouvidos
porque cicatriz aberta
não ecoa só por fora
mas por dentro
verão minha existência
escorrendo
em todos os becos
em todos os muros
em todas as margens
em todos os centros

se toda história importa
e se só podemos mudar
aquilo que nomeamos
então seremos obras
com título, início, meio
e sem fim

audre lorde já dizia
se erga, diga EU SOU
e ninguém poderá te apagar
teu silêncio
não vai
te proteger

então grite
isso não vai te fazer
inabalável
mas toda mulher que fala
é invencível.

Para Conceição – Cristal Rocha

Quantas das nossas Vozes-Mulheres calaram?
A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
E quantas das nossas vidas apagaram?
Nossa pele preta escrita deu vida a nossa arte
As chibatada ainda arde
Nossa inspiração nasce
Aprendi com Conceição
Que somos negros-estrelas, juntos uma constelação
Valorizei minhas vivências e escrevi poemas de recordação
De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração
De geração em geração
Levo comigo a escrita
Às vezes cruel e vivida
de quem teve que voar,
pois já não
tinha
mais
chão.

É nossa arte escura tomando conta dessa estrutura
Não queremos mais censura, meu ventre exala literatura
Sou Fêmea-Fênix me recompondo depois das queimaduras
Minha aradura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode pagar
Então vem me atacar!
Eu já cansei de te ver nos matar
Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar
Eu sei que cê não quer me ouvir, boy
Mas eu tenho muita história pra contar
Da Velha à menina
Segredos de sobrevivência
E bendito o sangue de vosso ventre
Eu levo com a minha essência
Eu quero “Todos os olhos em nóiz” tô no pique Emicida
Não estamos mais sós
A minha força vem de mina
Eu luto com minha voz,
Tão potente quanto Djamila
Papel e caneta são meus heróis
Já nasci dependente lírica

Amor pelo meu corpo-noite
que já temeu a dor do açoite
A nossa força vem de longe
Minha glória não foi sorte, jão
A história que eu carrego está nos calos de minhas mãos
Eu já recebi muitos nãos
Aprendi a ser redenção
Hoje quero ser vida inteira
E transbordar em versos como fez Conceição

Não - Bel Puã

eu não falo
pelas mulheres
chega de sermos
interrompidas

não
eu não falo
pelas mulheres
quero ouvi-las

Poemas para a etapa Leitura

OFICINA 2 -

Não serei anônima

OFICINA 2 - Não serei anônima

No momento de interpretação é esperado discorrer acerca de temáticas que envolvem o sujeito lírico nos poemas. Para tal, as questões abaixo serão abordadas no grupo e desenvolvidas com registro escrito individual. Em seguida, partilhadas com todo o grupo – pelo/a mediador/a e por quem se dispuser a interagir expondo suas colocações, como também retomando à leitura dos poemas.

a) As leituras dos poemas *slams* evocam, além de uma voz individual, uma voz coletiva, por meio de referências a outras mulheres. Escolha um dos poemas e explique os sentidos dessa coletividade.

b) Os títulos de todos os poemas lidos apontam para um rompimento com o silenciamento ao qual as mulheres são impostas pela sociedade. Explique, pois, como essa ruptura aparece em cada um deles.

c) Partindo de Vozes-Mulheres, a voz lírica do poema de Cristal Rocha afirma ter aprendido com Conceição Evaristo. O que, exatamente, ela aprendeu? Explique.

d) Os poemas Não, de Bell Puã, e não serei anônima, de Ryane Leão, são marcados pela repetição da negativa “não”. Quais os sentidos dessa repetição?

e) Fadiga significa cansaço, exaustão, esgotamento. Em Fadiga, de Luiza Romão, a que esse cansaço se refere?

f) Diante do silenciamento imposto pelo patriarcado, vemos, nos poemas, gestos de resistência do sujeito lírico feminino. Cite versos que representem essa resistência.

g) Em quais textos podemos reconhecer as vozes de mulheres negras? Cite versos.



**CONTRA
CORRENTE
É BEM, MAIS
DIFÍCIL**



OFICINA 3

Contra a corrente é bem mais difícil

Nesta terceira oficina, buscamos problematizar a universalização da “categoria mulher” como uma identidade única e homogênea. Com base na ótica da interseccionalidade, o objetivo é compreender diferentes perspectivas e marcadores sociais de maneira reflexiva e responsável.

Para isso, na etapa de **motivação**, partimos da performance de “Tive que gritar para talvez ser levada a sério” (Jamille Santos), tendo em vista mobilizar o reconhecimento do poder representado pela poesia *slam* feita por mulheres. Em seguida, após a exibição do vídeo, começaremos uma roda de conversa.

MOTIVAÇÃO

1 Para começar, exibiremos o **vídeo** com o *slam*.
“Tive que gritar para talvez ser levada a sério”
(Jamille Santos)

2 Roda de conversa:

Iniciamos a roda de conversa a partir das seguintes questões:

- A voz lírica presente no poema afirma ter tido que gritar. Por quê?
- Essa ação (gritar), no contexto, poderia ser substituída por outra? (falar, escrever, telefonar, cantar, por exemplo). Por quê?

Aponte a câmera do seu celular para acessar



Vídeo - Tive que gritar...
[Youtube]

Nesta etapa, abordamos dois poemas da referida antologia: “Manas” (Mariana Felix) e “espancaestanca” (Luz Ribeiro). A intenção é evidenciar, na poesia *slam* de autoria feminina, as multifacetadas opressões sofridas.

1

Leitura:

“Manas”
(Mariana Felix)

“espancaestanca”
(Luz Ribeiro)

realização oral dos poemas

+

partilha das impressões de leitura

2

Roda de conversa:

Agora, em uma roda de conversa, retomamos os poemas *slams*: “Tive que gritar para talvez ser levada a sério”; “Manas” e “espancaestanca”, desenvolvendo as questões a seguir:

• Em “Manas”, a voz lírica defende uma conduta específica ao referir-se a seu agressor, apresentando uma “arma” de luta. A que se refere essa conduta? Cite versos. Que efeitos/sentidos têm esta escolha de comportamento?

• A partir do título, o poema “espancaestanca” contesta um comportamento. Em que consiste esse contestamento? Cite versos.

A etapa de **leitura**, através da interseccionalidade como categoria de análise, tem a intenção de mobilizar o pensamento complexo acerca da universalização da “categoria mulher” como identidade única e homogênea. Para tal, abordaremos os poemas: “Contra corrente é bem mais difícil” (Anna Suav); “Coisa de Preto” (Cristal Rocha); “Na ponta do abismo” (Dall Farra) e “Cordel fora do armário” (Laura Conceição).

1

Antes de iniciar a oralização dos poemas, temos a seguinte atividade:

- Observar em cada poema algum/a palavra/pensamento/expressão/ideia/sentimento que te marcou/chamou atenção; somente um, para que, em momento seguinte, esta ideia e o porquê dela seja compartilhada com o grupo.

2

**realização oral dos poemas
+
partilha das impressões de leitura**

“Contra corrente é bem mais difícil”
(Anna Suav);

“Coisa de Preto”
(Cristal Rocha);

“Na ponta do abismo”
(Dall Farra);

“Cordel fora do armário”
(Laura Conceição).

Aqui, a intenção é promover a reflexão acerca das subjetividades e da complexidade que há em “fechar” um significado em uma única ideia/palavra. Após as leituras de cada um dos poemas no grupo, através de uma roda de conversa, as impressões irão se apoiando e ampliando colaborativamente.

Torna-se interessante dividir os textos em grupos menores para a realização oral e, depois, integrar as impressões de leitura a todo grupo, de modo que todo o grupo interaja com todos os poemas.

Contracorrente é bem mais difícil -Anna Suav

Fiz um acordo com a minha história
Um novo ciclo sem sacrifícios
Se dar por vencida nem sempre é derrota
Priorizando o fato que importa
E o que transporta, eleva sem peso
Travei uma guerra com meu limite nenhum de nós saiu ileso
No ano da justiça vou fazer minha colheita
Quem não deve não teme, apenas receba
Apenas entrego na essência de ajudar
Se não vou contribuir, vou bem menos atrapalhar
Que essas águas doces que me banham nunca me abandonem
Navê, eu te encontrei, que tuas bençãos se derramem
O vento que passa rápido alivia meu cansaço
Acumulado nos percalços que eu tanto me desfaço
Rodeada de abraços que funcionam como afago
Se me ferem, não reajo, o bem maior que diz, eu me afasto
Nadando na contracorrente eu sei que nada é permanente
É exaustivo, a gente sente, mas meus guias estão presentes
Como a água, tudo passa, naturalmente precisa passar

Mas fecho pro que não soma, eu vivo pra encontrar
O batuque é quem conduz e eu sigo sem contestação
É chamado ao reencontro, é chama de libertação
Pede a benção e a licença pra entrar na tua casa
Não dê as costas para quem abre o teu caminho e a tua estrada
Sensível ao que me cerca no tempo particular
Não tenho pressa, mas se eu corro, ninguém vai me segurar
Infinita tenho em mim segredos de uma lua cheia
Ofuscando pensamentos com a luz que encandeia
Por fora seguro a onda, dentro pulso acelerado
Cuido dos meus pares, quero o zen compartilhado
A queda parece o fim, reconecta ao passado
Generosa é a vida que nos traz aprendizados
Confluências me embalam, aquecem, deixo banhar
Espaço tenho de sobra, escolho quem deixo entrar
O vento que passa rápido alivia, mas não cessa
Tudo que acumulei em todas as entregas
Rodeadas de afagos oferecidos por abraços
Se me ferem, eu aprendo, o bem maior que diz: cuidado!

OFICINA 3 -

Contra a corrente é bem mais difícil

Poemas para a etapa Leitura

Coisa de Preto - Cristal Rocha

“Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha”
Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga
Agora entende por que explodo na roda de poesia?
Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir
Esses tiozão que nos poda antes da gente florir
Se a verdade tem que ser dita, então eu vou repetir
Tô aprendendo agora o que na escola não aprendi
Com Malcolm, Djamila e Muhammad Ali

E EU SOU DO SUL

Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul
Porque gaúcho é visto com olho azul
Mas a verdade ninguém vê
Histórias mal contadas como num conto de fadas
Mas as farpas da verdade ainda vão te machucar
Essa terra difamada
Que eles insistem em idolatrar
Facada na pele, se entregue
Ou vão na frente pra lutar!

“Ah, ô! Que mimimi! Cor de pele não importa.”
Então vai dizer que é coincidência ter tanta gente preta morta?
E quanto à cultura negra que cês tanto menospreza
Nas noite tuas filha paty ouve a batida e se requebra
E os boy acham que o Waack é racista, né?
Mas são o primeiro a debochar quando as preta chegam na pista
Deturpação das mulheres negras
“Os cabelo pingano de creme”
“Ó lá as maloqueira!”
As preta são salientes, meninas brancas, inocentes.
Pele clara boa moça, mas nossa postura é indecente?
Tratando nossas mulheres como experientes
Corpos negros não valem nada até que você experimente
Nego, roubaram teu amor-próprio, mas ninguém avisou
Eu sei que guarda mágoa de uma cicatriz que não sarou
Mas... “take is easy, meu irmão de cor”!
E se eu te falar que Brother Charles não takeiteasyou?

Que pro meu irmão de cor ainda é foda falar de amor?
Que em meio à luta é difícil esquecer a dor
Consequentemente a mesma dor que Charles cultivou.

Então levanta, nego!
Quem disse que o mundo não é teu
Tu não merecia essa vida, essa vida que te mereceu
Nego, disseram: “Aguenta!”.
Mil tretas, enfrenta!
Eles dizem que tu nem tenta.
Levanta a cabeça e sem piedade
Vão senti o peso da tua caneta
E que tentem me abafar! Eu sou a resiliência!
RESISTÊNCIA que eu demonstro
Então venha e me dê monstros pra enfrentar
E se quiser adjetivos de monstra pode me chamar.

Em três minutos não caberia o que um preto passa na vida
Tô te incomodando? Tá dando certo!
É pra nossa dor não passar batida
Não adianta, falar de pele já faz parte da minha rotina!
Prazer, da Rocha um Cristal
eu vim tocar na sua ferida.

OFICINA 3 -

Contra a corrente é bem mais difícil

Poemas para a etapa Leitura

Na ponta do abismo - Dall Farra

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa
suspeito
não chora nem fala das mortes diárias
pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
_ Preta é firme
teu corpo foi alvo da falta de amor
teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza por
causa da cor
mas preta é forte, sempre ouvi falar
mãe, preta!
Resiste desde que não sabia o que era existir
Mãe preta!
que pariu no reboliço e trouxe com muito ofício outra preta que não
sorriu
Filha de preta!
Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de
cansada entalado na garganta
E os bicos de diaristas entalados na minha hernça
vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância
os homens que me olhavam revestidos de ganância
e pra eles não importa se se trata de uma criança
hipersexualizar era um hobby da minha vizinhança
dedos te apontaram e hoje o cano te aponta
amanha outro julgamento julgando que cê aguenta
tua cabeça um reboliço
teu corpo cumpriu caprichos
tua mãe também passou por isso e todas da tua família
tua vó bem que dizia:
_É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas
vejo uma morte lenta
Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença
Com as forças dos ancestrais internalizou que aguenta
Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco
E viu que a força é um detalhe pra quem vive de resistência

Cordel fora do armário –
Laura Conceição

Essa é minha história
Incrível causo eu vim contar
A poesia hoje me aflora
Trouxe versos na sacola.
Dizem que sou criativa
Muita gente me incentiva
Surgiu então um babado
Pra desfazer malfalado
Eu assumo amar meninas.

A sociedade me apaga
Alguns amigos têm vergonha
Se são minhas cama e fronha
Então, por que te desagrada?
Ó, pátria amada,
Me diz, como entender?
Faça parar de doer
Seus filhos estão amando
E por isso estão sangrando
Enquanto eu falo estão matando
Mais um LGBT

Geralmente me olham estranho
Falam pelos cotovelos
Da minha roupa e do cabelo
Pois ele eu trancei com pano
De que te importa quem eu
amo?
Excluía-me quando criança
Por meu peso na balança
Cabelo encaracolado
Mais com estilo desleixado
Hoje a menina ainda dança

São muitas meninas,
Vivem em conflito interno
Pois preferem usar terno
Ou às vezes não ter vagina
Então, imagina
Se amar ao ver os espelhos
Novo corte de cabelo
Morte e vida severina
Ainda retiram vidas
No sertão do preconceito

Na sua mente não cresce flor
Na minha alma crescem
hematomas
Esse é um poema de defesa, não
apenas uma afronta
Eu já tô mais do que pronta
Mas eu não nasci pronta
Tive que me lapidar
Imagina quanta coisa eu não
ouvi
Por pouco não me vendi
Me ensinaram a me odiar,
Quero amar sem temer
Liberdade ao meu corpo
Perante o mundo todo
Não precisa se convencer
Será que deu pra entender?
Cansada de explicar,
Quando isso vai acabar?
Eu sou bem paciente
Sou lésbica, não doente
Então não tente me curar

A mídia diz o que fazer
Mas não sou massa de manobra
A justiça uma hora cobra
Ninguém vem me defender.
Meu filho vai aprender
A não cair em fina malha
A traçar suas batalhas
A não ser um otário
E que dentro de armário
Só as crônicas de Nárnia

Adolescentes se mataram
Ontem se suicidaram
Amanhã dirão adeus
É letal a hipocrisia
É mortal a transfobia
Até quando matarão os meus
Pra inflar o ego dos seus?
Meu Deus!

Aqui nesta etapa, espera-se reconhecer e situar diferentes perspectivas e marcadores sociais de maneira reflexiva e responsável. Para tal, daremos sequência às observações levantadas na roda de conversa anteriormente. Essa abordagem nos permite pensar na leitura - construção dos títulos e textos sobre estar no contrafluxo; chama atenção e reforça uma postura não violenta, o que não quer dizer que não haja enfrentamento, ele existe.

1

As questões abaixo podem ser abordadas no grupo e desenvolvidas com registro escrito individual.

2

Em seguida, partilhadas com todo o grupo - mediador(a) e por quem se dispuser a interagir expondo suas colocações, como também retomando à leitura dos poemas.

a) O que significa “contracorrente”? E o que podemos entender em estar em movimento contracorrente? E a favor da corrente?

b) Em “Se me ferem, não reajo, o bem maior que diz, eu me afasto / Nadando na contracorrente eu sei que nada é permanente / É exaustivo, a gente sente, mas meus guias estão presentes”, a que guias o sujeito lírico se refere? Cite versos para explicar sua resposta.

c) Em “Coisa de preto” (Cristal Rocha), o sujeito lírico declara: “E EU SOU DO SUL / Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul”. Em que consiste essa afirmação? Cite versos para explicar sua resposta.

d) O *slam* de Cristal Rocha segue denunciando a deturpação das mulheres negras e a depreciação da sua imagem em relação a de outros corpos. Cite trechos/versos onde é possível evidenciar tais ações.

e) Em “Na ponta do abismo” (Dall Farra), observamos a edificação de um perfil para a mulher. De que maneira é edificado esse perfil? Aponte versos para explicar sua resposta.

f) A partir dos versos: “Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de cansada entalado na garganta” e “É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas vejo uma morte lenta”, como podemos entender este, então, caminho já traçado - a sentença já estabelecida?

g) Em “Cordel fora do armário”, a voz lírica feminina revela uma narrativa que lhe é particular, mas que alcança a toda sociedade. Em que trechos/versos é possível identificar a relevância do conteúdo denunciativo do poema?

h) O texto chama a atenção sobre questões como conflito interno, lugar de exclusão e preconceito. Diante disso, está sendo sinalizada uma postura de enfrentamento? Cite versos para explicar sua resposta.

Considerações finais

Sem limitarmos a representar o movimento *slam* nas oficinas de leitura, nossa proposta de mediação buscou colocar a leitura do texto poético no centro da prática com a literatura. Assim, em meio às possibilidades técnicas de produção, reprodução e compartilhamento dispostas pela tecnologia, parece a poesia *slam* não perder o vigor diante da impossibilidade do encontro presencial em meio à maior crise sanitária do país. Diante da ausência do contato físico presencial nas batalhas de poesia, vozes e público seguem transformando e recriando espaços para a poesia.

Todorov (2009) afirma que a obra literária nos ajuda a "[...]encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo" (TODOROV, 2009, p. 33). Da mesma forma, reconhecemos a função humanizadora, defendida por Candido, por meio dos elementos estéticos do texto literário, pois "o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere" (CANDIDO, 1995, p. 178).

Assim, desejamos contribuir para ações nas quais o desenvolvimento da capacidade de usar efetivamente a linguagem diante da compreensão e produção de textos sejam presentes. Além dessas, para ações que mobilizem pensar a escola/sala de aula como organismo vivo, flexível, e democrático para poesia, expressão e pensamento.

Por fim, o proposto caderno de atividades tem a intenção de mediar a leitura de poesia em sala de aula, promovendo meios/espços para a experiência literária e expressão. Por meio de reuniões remotas torna-se possível a leitura partilhada, realização oral dos poemas, performances, rodas de conversa, entre outras abordagens, observando o momento no qual a sociedade repensa também acerca das estratégias de ensino.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVES, José Helder Pinheiro. A abordagem do poema na prática de ensino: Reflexões e propostas. *In: ____*. **Prática de língua e literatura no ensino médio: olhares diversos, múltiplas propostas**. Campina Grande: Bagagem, 2012. p. 85-115.
- ALVES, José Helder Pinheiro. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, edições de 2007 e 2018.
- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- BASTOS, Meimei; DUARTE, Mel; FELIX, Mariana. **Empoderamento Feminino**. Coleção Slam. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. *In: University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8*, p. 139-167.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. *In: University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8*, p. 139-167.
- D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. **Rebento**. São Paulo, n. 10, p. 268- 286, jun. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena**. Synergies Brésil, n. 9,- 2011, p. 119-126. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em: 20 mar. de 2021.
- DUARTE, Mel (org.) **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. 47ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- ROJO, Roxane H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: ENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/1387699/Letramento_e_capacidades_de_leitura_para_a_cidadania Acesso: em 5 jan. 2021.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280> Acesso em 07 dez. 2020.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.